

# A Classe Operária



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

ANO 65 — VI FASE — Nº 23 — DE 13 A 26 DE JULHO DE 1989

NCz\$ 0,80

## LULA-BISOL



Aguiardo Zandononi

João Amazonas, Lula e Renato Rabelo na Convenção do PCdoB. Na foto menor, o candidato a vice, Bisol.

## A CAMINHO DA VITÓRIA

Lula dá entrevista que  
publicamos em

**Exclusivo**  
suplemento  
especial de 4 páginas

### A Convenção do PCdoB

Nas páginas 4, 5 e 6 a cobertura completa sobre o encontro dos comunistas que aprovou a coligação da Frente Brasil Popular e a chapa Lula-Bisol para concorrer às eleições presidenciais. E informações sobre a 5ª reunião plenária do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil.

### A Argentina no pântano

Ao tomar posse o novo presidente da Argentina, Carlos Saúl Menem, anunciou que abrirá ainda mais as portas do país ao capital estrangeiro e tomará medidas antipopulares. Página 19

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Mauricio Grabois

## A CLASSE OPERÁRIA

Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas

Editor: José Reinaldo Carvalho

Redação: Antonio Martins, Carlos Pompe, Umberto Martins

Diagramação e Arte: José Luís Munuera Reyes

Fotografia: Aguinaldo Zordevoni

Arquivo: Rosane Montiel

Administração e Assinaturas: Raquel Imanishi Rodrigues e Teresa Polli

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 — Bela Vista — CEP 01318 — São Paulo/SP

Telefone: (011) 36-7531

Telex: 11-32133

Nas capitais: ACRE — Rua Rio Grande do Sul, 65, CEP 69900, fone: (068) 224-7329, Rio Branco; ALAGOAS — Ladeira do Brito, 72 — fones: (082) 221-4634 e 221-4728, Maceió; AMAPÁ — Av. Mendonça Furtado, 762, CEP 68900, fone: (096) 231-3370, Macapá; AMAZONAS — Rua Itamaracá, 124, CEP 69007, fone: (092) 233-7717, Manaus; BAHIA — Av. Cons. Junqueira Ayres, 41, Barris, CEP 40115, fone: (071) 241-6522, Salvador; CEARÁ — Rua São Paulo, 1037, CEP 60000, fone: (085) 221-4090, Fortaleza; DISTRITO FEDERAL — HIGGS — 704, Bloco G, Casa 67, CEP 70302, fone: (061) 225-8202, Brasília; ESPIRITO SANTO — Rua Prof. Baltazar, 152, CEP 29020, fone: (027) 222-8162, Vitória; GOIÁS — R. Parnaíba, 355, CEP 74000, fone: (062) 223-5571, Goiânia; MARANHÃO — Rua Osvaldo Cruz, 921, CEP 65000, São Luiz; MATO GROSSO — Rua Comandante Costa, 548 fundos, CEP 78030, fone: (065) 321-5095, Cuiabá; MATO GROSSO DO SUL — Rua Rui Barbosa, 2500, CEP 79010, Campo Grande; MINAS GERAIS — Rua Padre Belchior, 285, CEP 30190, fone: (031) 222-3161, Belo Horizonte; PARÁ — Rua Manoel Barata, 993, CEP 66800, fone: (091) 223-8911, Belém; PARAÍBA — Praça 1817, 80, 2º andar, CEP 58020, João Pessoa; PARANÁ — Rua Dr. Pedrosa, 249, CEP 80420, fone: (041) 222-9120, Curitiba; PERNAMBUCO — Rua do Sossego, 53, CEP 50750, fone: (081) 222-3418, Recife; PIAUÍ — Rua Desemb. Freitas, 1216, CEP 64020, fone: (086) 222-2044, Teresina; RIO DE JANEIRO — Rua 13 de Maio, 333, 16º andar, sala 1608, CEP 20031, fone: (021) 252-9935, Rio de Janeiro; RIO GRANDE DO NORTE — Rua Prof. Zuzá, 99, CEP 59020, fone: (084) 222-6323, Natal; RIO GRANDE DO SUL — Rua Santo Antônio, 254, CEP 90220, fone: (0512) 28-5152, Porto Alegre; RONDÔNIA — Rua José Bonifácio, 787 fundos, CEP 78900, Porto Velho; RORAIMA — Rua Major Williams, 434, CEP 69300, Boa Vista; SANTA CATARINA — Rua Julio Moura, 34, CEP 88010, fone: (0482) 22-1927, Florianópolis. SERGIPE — Rua do Lagarto, 807, CEP 49015, Aracaju;

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, past-up, fotolito e impressão: Cia Editora Joruês. Fone: 815-4999 — São Paulo.



## “Folha de S. Paulo”, moda para o frio

O bem-sucedido empresário Otávio Frias Filho dita moda na imprensa brasileira a bordo de sua bem vendida “Folha de S. Paulo”. Em Fortaleza, onde já fez escola, proferiu conferência no salão cinco estrelas do Esplanada Hotel para uma platéia tão numerosa quanto seleta, composta por uma fauna que incluía de empresários a estudantes de comunicação, sem faltar intelectuais “de esquerda”, muitos deles encantados como índio diante de um novo Caramuru.

Na conferência o filho do dono da “Folha” desenvolveu seis pontos de vista que se resumem em dois. No primeiro dá sua receita de jornal: matérias concisas, textos padronizados, muitos gráficos, pesquisas, fotografias, cores, programação visual atraente. Justifica com a constatação de que estamos na era da percepção audiovisual, onde a televisão exerce influência decisiva junto ao grande público.

O jornalismo de Frias reduz o texto a algo inodoro e pasteurizado. A ler (ou visualizar) o jornal por ele defendido, é melhor assistir à televisão, que pode ser investigativa e analítica, ao contrário do que ele quer fazer crer.

O grande jornalismo continua dependendo e continuará cada vez mais no mundo multimídia, do grande texto. É no jornalismo do americano John Reed, do colombiano Garcia Marquez, do argentino Rodolfo Walsh, do uruguaio Eduardo Galeano, do brasileiro Marcus Faerman, por exemplo, que o jornal tem o encontro mais feliz com sua linguagem. São textos onde a palavra impressa amplia as possibilidades de percepção humana da notícia, informa os leitores de modo que eles possam romper com a barreira do aparente e penetrar as relações sociais (humanas, portanto) embutidas nos fatos. Jornalismo quente, apaixonado, personalizado e nem por isso menos verdadeiro, como o experimentado nos anos 70, na América Latina, por publicações como “Versus e Cris”. De homogeneização, padronização, pretensa neutralidade fria basta a que a TV Globo (também uma história de sucesso empresarial) tenta nos impingir.

A segunda novidade anunciada pelo senhor Frias é a de que seu jornal conseguiu a façanha de tornar-se incólume à luta social. Ele jura ser a “Folha” partidária

e aberta igualmente a todas as tendências políticas. Explica o feito por seu jornal ser regido tão-somente pelo mercado e pela boa técnica jornalística.

Pura fanfarronice. Primeiro, mercado não é esse fetiche neutro e sábio, como quer o Frias. Mas sim a expressão conflitiva de relação de classes no capitalismo (detentores e não detentores dos meios de produção, dominados e dominadores, etc.). Como tal, tem por parâmetro o lucro e é determinado em última instância pelos interesses de reprodução capitalista. Portanto, vincular-se às necessidades do mercado, significa estar atado a interesses conservadores de sustentação do sistema estabelecido.

Depois, as técnicas jornalísticas apenas aperfeiçoam a mensagem, não têm o poder de diluir seu conteúdo ideológico. Isto é objetivo e não depende de uma profissão de fé subjetiva, por mais boa vontade que tenha o senhor Frias em alcançar o limbo da neutralidade.

Em matéria de partidarismo, o jornal do senhor Frias diferencia-se dos demais apenas por sua maior sofisticação. Como no caso da linguagem, não quer assumir sua verdadeira condição. Prefere lançar moda. Essa, entanto, me parece moda para o frio. Quem vive próximo à linha do Equador, porém, não tem frio nem no inverno. Talvez seja melhor descolonizarmos nossas cabeças. (Oswald Barroso, Fortaleza, CE)

## UJS-Maranhão avança no alistamento juvenil

A União da Juventude Socialista do Maranhão acaba de conseguir a implantação de postos volantes para o alistamento de eleitores de 16 a 17 anos no Estado. Os postos, conquistados após intensa luta junto ao tribunal eleitoral, irão percorrer as principais escolas de segundo grau de São Luiz.

A decisão do tribunal coroa um amplo processo de mobilização. Depois de duas semanas de trabalho a UJS constatou que obteve o alistamento de mais de 1.500 jovens. Avaliou, porém, que este número é insuficiente, pois a grande maioria dos jovens ainda não se alistou, a maior parte por desinformação. Para lutar contra o problema a coordenação da entidade está percorrendo todas as salas de aula da capital e dos principais municípios do interior. A receptividade tem sido excelente, com exceção apenas para estabelecimentos dirigidos por elementos reacionários e incompetentes. O diretor da Escola Técnica Estadual, por exemplo, chegou a expulsar da instituição o coordenador da UJS, Roberval Souza Costa, quando este falava aos estudantes sobre a importância do voto.

Amplamente divulgada, e contando com o apoio de parlamentares como o vereador Luís Sabóia (S. Luiz, PSDB) e a deputada Conceição de Andrade (PSB) a campanha vem obtendo destaque nos principais jornais da capital. E consegue ocupar espaços importantes. Na temporada junina, por exemplo, a UJS obteve concessão para organizar uma barraca no Arraial do Parque do Bom Menino. Intitulada “Vote aos 16”, a barraca foi visivelmente prestigiada pela juventude. (A coordenação da UJS no Maranhão)

## Campanha de assinaturas da “Classe” em Brasília

No dia 1º de julho foi lançada a campanha de assinaturas da “Classe Operária” no Distrito Federal na sede do comitê regional do PCdoB, com presença de um grande número de sindicalistas, políticos, intelectuais, militantes populares e estudantes. Num clima de descontração e companheirismo, as pessoas presentes, além de tomarem muita cerveja e batida, ouviram uma breve exposição feita pelo deputado federal Haroldo Lima, líder da bancada comunista na Câmara, sobre a importância do trabalho com o jornal, sua história e a força das suas idéias. A figura do “Classop”, nome pelo qual eram conhecidos os que colaboravam e vendiam o jornal, foi lembrada por Haroldo como símbolo de abnegação e de luta. Teve destaque especial uma exposição onde foram exibidos exemplares do jornal em suas diversas fases, desde a clandestinidade até hoje.

A campanha de assinaturas, que comemora os sessenta e cinco anos de existência do jornal, tem como objetivo conseguir mil assinaturas em dois meses, como forma de ampliar as vendas e aumentar o capital do giro. Nas reuniões preparatórias entre militantes do PCdoB e apoiadores do jornal, todos os presentes previram que a meta será facilmente alcançada, já que mesmo antes do dia do lançamento cem assinaturas já haviam sido feitas.

Para garantir o êxito da campanha, a direção do partido no Distrito Federal está discutindo com os comitês distritais e organismos de base as suas metas específicas, bem como o método a ser utilizado na busca de novos assinantes. Nos debates e discussões tem sido unânime a opinião de que a “Classe” tem circulado com grande facilidade, em função de sua qualidade editorial e política, devendo, portanto, persistir nessa linha e nunca estreitá-la. Essa é a principal arma para ampliar cada vez mais a venda e circulação do jornal. (Calucho Carvalho, secretário de agitação e propaganda do PCdoB no Distrito Federal.)

## Despertar o povo já!

Gostaria de manifestar meu apoio à “Classe Operária” pela forma como vem atuando no sentido de fortalecer e ampliar a consciência dos trabalhadores, principalmente com os artigos referentes à Frente Brasil Popular.

Num momento como esse, em que inúmeras crises assolam nosso país, faz-se cada vez mais necessária a luta para despertar o povo brasileiro pra que não se deixe mais enganar por falsas promessas de candidatos inteiramente descompromissados com os ideais da massa trabalhadora. Só assim poderemos ter confiança num futuro melhor e mais justo. É por isso que estamos reconstruindo a nós mesmos. (Delma Lúcia C. de Souza, Vitória da Conquista, BA).

Assine já o seu jornal “A CLASSE OPERÁRIA”  
UM JORNAL PELO SOCIALISMO

Nome.....  
Endereço.....  
CEP.....Cidade.....Estado.....  
Profissão.....

“A CLASSE OPERÁRIA” GUSTA MUITO POUCO:

Assinatura trimestral: NCz\$ 3,00; Trimestral de apoio: NCz\$ 5,50

Assinatura semestral: NCz\$ 6,00 Semestral de apoio: NCz\$ 12,00

Preencha hoje mesmo este talão e envie cheque nominal

Editora Anita Garibaldi Ltda.

Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - CEP 01318 - São Paulo/SP

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois



EDITORIAL

## Campanha em nova fase

Nos últimos dias um fato ganhou destaque na definição da disputa pela Presidência da República: a formação da chapa completa da Frente Brasil Popular, com Lula para presidente e o senador José Paulo Bisol para vice. As convenções do PCdoB, do PT e do PSB que homologaram oficialmente os dois nomes encerraram uma fase da campanha das esquerdas, iniciada em janeiro deste ano com as primeiras iniciativas para a constituição da unidade das forças populares.

Foi um período de aprendizado no exercício de complexa engenharia política, no esforço para concertar uma aliança política inédita na história do país e para elaborar um programa com nítido perfil progressista e de esquerda.

Agora, a campanha da Frente Brasil Popular ingressa em novo estágio e enfrentará novos desafios. Chegou o momento de passar a grande batalha a fim de ganhar o povo brasileiro para as idéias avançadas e cerrar fileiras em torno dos nomes de Lula e Bisol.

A nação está dividida em dois campos francamente opostos. De um lado colocam-se as elites, com seus projetos autoritários, conservadores, que tentam maquiagem com tinturas "neoliberais". De outro, as forças vivas da nação, os operários, os camponeses, os estudantes, e a intelectualidade progressista, os que produzem a riqueza material e espiritual de nossa terra e almejam uma nova ordem, baseada na democracia, no progresso e na justiça social.

Todo o esforço dos meios de propaganda das classes dominantes se volta para apagar essa fronteira e colocar no lugar da contradição-chave da atual situação política — a luta entre o Brasil popular e o Brasil conservador —, falsos dilemas fabricados nos gabinetes da Fiesp e das Organizações Globo, como "modernidade" ou "arcaísmo", "choque de capitalismo" ou "esta-

tismo", "moralidade" ou "fisiologismo".

Isto evidencia a necessidade de mostrar com toda a clareza possível que os candidatos das classes dominantes são os representantes do passado, defensores do que há de mais retrógrado em nosso país: a dominação imperialista, o latifúndio, o poder da grande burguesia, a democracia de fachada e restritiva, o militarismo. Ulysses, Covas, Collor, Maluf, Brizola não trazem nada de novo ao ambiente político nacional, nenhuma contribuição à superação do secular atraso que obscurece os horizontes do país, nenhuma solução aos graves problemas que afligem o povo.

Esse embate político deve ser feito sem medo, sem abatimento em face de resultados de pesquisas manipuladas.

Contrariamente ao que se propagandeia, Lula é uma candidatura visivelmente em ascenso. E conta com amplas possibilidades de crescer e empolgar o eleitorado. É um líder popular, um representante dos trabalhadores, simboliza uma frente política que reúne os setores mais avançados do país, defende um programa democrático e popular e tem como companheiro de chapa um político de larga visão, um homem moderno e prestigiado em amplos setores da sociedade.

A fase que se inicia agora e que vai até setembro é de intensificação da campanha e preparação para a arrancada final. Falar diretamente com o povo, organizar a propaganda das idéias da frente, realizar grandes ações de massas são tarefas que se colocam na ordem-do-dia.

Neste raro momento da história do país, de possibilidade real de derrotar as classes dominantes, os comunistas, os socialistas, os petistas e todos os democratas, patriotas, progressistas e homens de bem de nosso país não podem se furtar ao grande dever de levar consciência política avançada para o povo e mobilizar todas as suas poderosas energias.

## O empenho do PCdoB na campanha

Haroldo Lima\*

Com a definição da chapa Lula-Bisol é chegada a hora de os partidos que integram a Frente Brasil Popular e seus militantes arregaçarem as mangas e jogarem a campanha nas praças, ruas e campos de todo o país. A responsabilidade do PCdoB de levar com garra e entusiasmo essa campanha é muito grande. Da força de sua militância dependerá em muito a concretização da vitória.

Numa campanha presidencial cada força política lança mão de todos os seus trunfos e armas. Os candidatos da burguesia e das classes dominantes contam com a força do poder econômico, compram votos e utilizam em seu benefício os meios de comunicação de massa. Já a chapa da Frente Brasil Popular não tem à sua disposição esses meios, e os condena. Contamos, no entanto, com outras armas, sem dúvida muito mais poderosas: a militância organizada dos partidos que integram, que representa a quase totalidade das mais expressivas lideranças sindicais, comunitárias, estudantis e populares do país.

A campanha da Frente Brasil Popular precisa, portanto, estar centrada exatamente na força da sua militância organizada. Mais do que isso, é urgente que a campanha, superadas as dificuldades para a composição da chapa, deslanche de imediato, ganhe as ruas com força, levando a mensagem da frente com base na plataforma comum de 13 pontos e empolgando as massas exploradas e oprimidas de todo o país.

O PCdoB em particular precisa empenhar-se decisivamente nessa campanha, entendendo antes de tudo a necessidade de atuar com muita iniciativa política. Não podemos esperar que a estrutura organizativa da frente esteja consolidada em todos os Estados para dar início à campanha. A iniciativa dos comunistas deve se voltar para duas direções: fazer a campanha de massas já e estruturar a frente.

Assim, a criação de comitês populares, a realização de atos públicos, as visitas às portas de fábricas, as pichações, panfletagens e outras formas de manifestação, criativas e audaciosas, devem ser utilizadas pelos comunistas de imediato.

Ao mesmo tempo, não devemos perder de vista as prioridades do Partido ao longo da campanha, mobilizando os setores que nos interessam mobilizar — operários, estudantes, mulheres, negros, jovens, camponeses — nos locais onde a força do Partido é mais expressiva, articulando os interesses da frente com os interesses e objetivos específicos do Partido.

É necessário ainda desenvolver uma atividade permanente com o objetivo de ampliar cada vez mais a Frente Brasil Popular, procurando nos diversos Estados conquistar novas adesões. Este é o caminho da vitória: criatividade, audácia e amplitude.

\* Líder do PCdoB na Câmara dos Deputados e membro da direção nacional.

## Palavra de ordem é ampliar

Luciano Siqueira\*

A inclinação da candidatura do senador Mário Covas para a direita põe em relevo um traço característico da disputa presidencial, na atual fase: a crescente delimitação de campos entre as elites e as forças populares — reflexo do acelerado agravamento da crise e das contradições na sociedade brasileira. Para a Frente Brasil Popular daí decorrem duas consequências práticas da maior importância: 1) a oportunidade de se ampliar significativamente o leque de forças que a integram; 2) a possibilidade de se avançar rapidamente na mobilização das massas.

Mas as coisas não acontecem espontaneamente. Com base numa compreensão correta do processo em curso, é necessário agir com rapidez e determinação. Iniciativas de massas e esforços destinados a ampliar a frente são tarefas concomitantes, articuladas entre si. Influenciam-se mutuamente. O mesmo entusiasmo que nos anima na mobilização das bases organizadas da campanha deve presidir a busca de novos aliados.

Nesse sentido, o agravamento da crise atua em nosso favor. A se confirmar a previsão de que por volta de setembro estarão completamente aniquiladas as nossas reservas monetárias internacionais, tornando-se insustentável o pagamento dos juros da dívida externa, teremos um mote poderoso para esclare-

cer o eleitorado, cuja capacidade de discernimento não pode ser subestimada. O posicionamento de cada candidato diante de problema de tal magnitude contribui para separar o joio do trigo. O governo admite recorrer novamente ao que chama de "moratória técnica". Que candidato a presidente da República terá condições de ir às ruas exigir a suspensão do pagamento da dívida externa e a ruptura dos acordos com o FMI, senão Luís Inácio Lula da Silva? Os demais, ou defendem abertamente o capital estrangeiro, ou procuram tergiversar sobre o assunto, como faz o pseudocomunista Roberto Freire.

Por conseguinte, quanto mais dúbia ou reacionária é a postura dos candidatos das elites e maior a presença do povo nas ruas, mais promissor se torna conquistarmos a adesão de novas forças à chapa Lula-Bisol e aos "13 pontos" da Frente Brasil Popular. Desde que saibamos trabalhar com ousadia e flexibilidade na abordagem de lideranças e grupos políticos do campo democrático e patriótico, respeitando limitações e contingências de cada um, tendo em vista conquistarmos forças suscetíveis de apoiar uma FBP e neutralizar aquelas que por alguma razão não possam ser mobilizadas.

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois  
Presidente do PCdoB em Pernambuco e membro de sua direção nacional

# Convenção do PCdoB aprova frente e chapa Lula-Bisol



Aguinaldo Zandononi

Nos últimos dias 7, 8 e 9, os partidos da esquerda brasileira deram um passo de gigante na caminhada pela consolidação da unidade popular e para abrir caminho rumo à vitória nas eleições presidenciais, com a realização da reunião do Diretório Nacional do PT e de sua Convenção Nacional e das convenções nacionais do PCdoB e do PSB, que decidiram em definitivo a composição da chapa para disputar a Presidência e a vice-presidência: Lula-Bisol.

A reunião do Diretório Nacional do PT foi cercada de expectativas e alvo da torcida das classes dominantes pela não indicação de Bisol como companheiro de chapa de Lula. Se isso ocorresse a frente se inviabilizaria e a candidatura de Lula sofreria um sério baque. Mas os dirigentes do PT, por ampla maioria (44 votos entre 60), derrotaram as tendências divisionistas e optaram pela manutenção e reforço da unidade, conquistada à custa de muita clareza política e habilidade dos dirigentes e militantes dos partidos que criaram a Frente Brasil Popular.

## Decisão unânime

A II Convenção Nacional do PCdoB foi muito mais que uma reunião homologatória de uma decisão política afinada com os anseios da militância partidária e do povo brasileiro. Foi um ato político que reuniu durante todo o sábado (dia 8) cerca de mil pessoas no Centro de Convenções do Anhembi, na capital de São Paulo.

Durante a manhã, os delegados credenciados de acordo com as exigências da legislação eleitoral foram chamados a se pronunciar em duas votações: sobre a coligação com os partidos da Frente Brasil Popular e sobre a indicação dos nomes dos candidatos a presidente e vice-presidente da República. Todos os 47 votos foram favoráveis à proposição da direção do Partido.

Em seguida falaram representantes dos comitês regionais do PCdoB, que ressaltaram a unidade das fileiras partidárias em torno da decisão e manifestaram a disposição de tensionar as energias da militância para realizar uma campanha de massas e conquistar a vitória.

À tarde membros da direção nacional do Partido discursaram sobre diferentes aspectos da atividade partidária durante a campanha. Dynéas Aguiar falou sobre a questão organizativa, Rogério Lustosa, sobre a propaganda e Ronald Freitas, sobre a relação entre a campanha eleitoral e a atividade das entidades sindicais e de massas. Os dirigentes nacionais do PCdoB foram seguidos na tribuna por lideranças de organizações de massas: Manoel (UBES), Vladimir (Conam), Rovilson (UJS), Jô Moraes (União Brasileira de Mulheres) e Sérgio Barroso (Corrente Sindical Classista).

## Unidade na prática

O momento alto da Convenção Nacional do PCdoB foi o ato de encerramento iniciado às 18 horas, com o auditório Elis Regina, do Centro de Convenções do

Anhembi superlotado. Um clima entusiástico, devido a vitória política alcançada com a consolidação da Frente Brasil Popular, impregnava o ambiente. Ecoavam as palavras de ordem combativas e unitárias e as bandeiras dos comunistas e da unidade popular eram agitadas. No palco, onde se instalou a mesa, um imenso painel com as cores vermelha, branca, amarela e verde, ladeado por faixas com os nomes de Lula e Bisol e com as inscrições "Pela Liberdade, pelo socialismo" e "Viva a Frente Brasil Popular", coloria o auditório.

O ato foi aberto pelo vice-presidente nacional do Partido Comunista do Brasil, José Renato Rabelo, que chamou à mesa "o grande líder popular de nosso país, Lula, nosso candidato a presidente", João Amazonas, presidente nacional do partido, Luis Eduardo Grenhalg, vice-prefeito de São Paulo, o presidente nacional do PT, Luis Gushiken, e o deputado João Herneam, representante da direção nacional do PSB, "grandes amigos do nosso Partido". Renato também chamou à mesa, "com grande prazer e emoção", D. Cordolina Fonteles, "que honra a memória de seu filho, Paulo Fonteles". A mesa foi composta ainda por Haroldo Lima, líder do PCdoB na Câmara dos Deputados, Aldo Arantes, vice-líder, Sérgio Miranda, presidente do PCdoB em Minas Gerais, Olival Freire, presidente do PCdoB em São Paulo, Luciano Siqueira, presidente do PCdoB em Pernambuco, Elsa Monerat, da direção nacional, Jandira Feghali, deputada estadual (PCdoB-RJ), Sérgio Barroso, coordenador geral da Corrente Sindical Classista, Mário Barbosa, dirigente nacional da CUT, e os jornalistas Duarte Pacheco Pereira e Raimundo Rodrigues Pereira.

## "Agora é pra valer"

Depois da execução do Hino Nacional Brasileiro, Renato disse: "Este ato tem imenso significado. Tenho a grata satisfação de anunciar a aprovação por unanimidade pela II Convenção Nacional do PCdoB, da nossa participação na Frente Brasil Popular e da chapa Lula-Bisol, também por unanimidade". Nesse momento o dirigente comunista foi interrompido pelos gritos do público: "Agora é pra valer, com Lula e Bisol o povo vai vencer". Renato Rabelo disse



José Renato Rabelo

ainda que "essa decisão é o coroamento de toda uma inteligente e audaciosa construção política de significado histórico, uma demonstração da esquerda unida, do povo unido, do Brasil popular unido. Representamos mais de 80% do movimento popular organizado no País, temos o programa mais avançado, um programa voltado para verdadeiras mudanças, contra o continuísmo das elites retrógradas a esclerosadas. A Frente Brasil Popular é o que há de mais novo e avançado, uma expressão do povo brasileiro".

Garantindo aos aliados a posição dos comunistas de apoio à frente, o vice-presidente do PCdoB reafirmou: "O nosso Partido se encontra mais coeso e temperado do que nunca em torno da união do povo e da Frente Brasil Popular. A experiência do nosso Partido, a força das nossas idéias e a capacidade de nossa militância estão a serviço da Frente Brasil Popular. Somos o Partido das lutas pela liberdade e a independência nacional, o resistente contra o fascismo, o Partido do Araguaia, da revolução, da democracia e do socialismo. A Frente Brasil Popular pode contar com os comunistas, Lula e Bisol podem contar com o PCdoB em todos os momentos. A vitória é possível, viva a Frente Brasil Popular", — concluiu Renato Rabelo.

Muito empolgado, o líder do PCdoB na Câmara dos Deputados, Haroldo Lima, fez uma saudação a Lula em nome de todos os militantes e dirigentes do PCdoB. Haroldo destacou que "O PCdoB tem origens na classe que Lula pertence — a classe operária —, luta pelo socialismo e se orienta pelo marxismo-leninismo". Em seguida defendeu a frente popular e os pontos programáticos da candidatura Lula.

Nas páginas 5 e 6, publicamos trechos de alguns pronunciamentos.

O centro da tarefa do Partido é a campanha eleitoral

## Reuniu-se o 5º Pleno

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil realizou nos dias 6 e 7 de julho em São Paulo sua 5ª reunião plenária, oportunidade em que discutiu o quadro político nacional e a campanha sucessória. Em clima de unidade, os dirigentes nacionais do PCdoB aprovaram a conduta política da Comissão Executiva e dos membros da direção destacados para negociar com os demais partidos integrantes da Frente Brasil Popular em todos os episódios que resultaram na formação da frente, na composição da chapa Lula-Bisol e na elaboração do programa de 13 pontos.

Esse resultado foi considerado bastante positivo, "uma grande vitória política", fruto não só do esforço da direção, mas também de todo o coletivo partidário que desde janeiro vem se mobilizando na realização de atos políticos e debates sobre a unidade popular.

A direção nacional do PCdoB avalia que foi justo buscar outro esquema de forças, outro eixo em torno do qual concretizar a política de alianças, pois a Frente Brasil Popular corresponde aos anseios da classe operária e do povo, a necessidades objetivas do desenvolvimento da situação nacional e deixará marcas profundas na sociedade brasileira.

Durante a discussão, a partir do informe do presidente do Partido, João Amazonas, e do relato de dirigentes dos diversos comitês regionais, foram fixadas as diretrizes básicas que norteiam a atividade do coletivo partidário durante a campanha eleitoral.

Em primeiro lugar, o Comitê Central decidiu que a campanha eleitoral é a tare-

fa central de todo o Partido. Todas as instâncias partidárias estão convocadas a concentrar seus esforços nessa batalha. Em segundo lugar, a campanha deve imediatamente ganhar as ruas. Cabe ao Partido em cada local realizar debates sobre as idéias que defendemos acerca da Frente Brasil Popular e sobre o programa de 13 pontos. A campanha não se desenvolve em torno de nomes e de siglas, mas de idéias. A Frente Brasil Popular precisa se transformar no pólo de atração de tudo o que há de progressista no país. Daí porque se torna imperativo fazer com que a campanha eleitoral influencie politicamente as massas e eleve seu nível de consciência política.

Em terceiro lugar, a direção nacional orienta o Partido no sentido de, ao apreçoar a luta e a união do povo, ir ao fundo das questões, apresentar as propostas que visem à solução dos problemas de fundo da sociedade brasileira, única forma de derrotar em definitivo as classes dominantes.

Finalmente, o 5º Pleno do Comitê Central chama as fileiras partidárias a preservarem a independência e a fisionomia própria da legenda comunista. O PCdoB cresce e amadurece porque é fiel aos princípios. Num momento em que é forte a pressão política e ideológica da burguesia, em que se tenta promover o cerco às posições revolucionárias dos comunistas, ganha relevo e importância a tarefa de reforçar as posições ideológicas do PCdoB, tendo em mira a salvaguarda dos objetivos programáticos do Partido, consubstanciados na linha política aprovada pelo 7º Congresso.



Aguinaldo Zandononi



CDM

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

A convenção foi marcada pela vibração e entusiasmo dos militantes

**A CONVENÇÃO DO PCdoB****João Amazonas, presidente nacional do PCdoB**

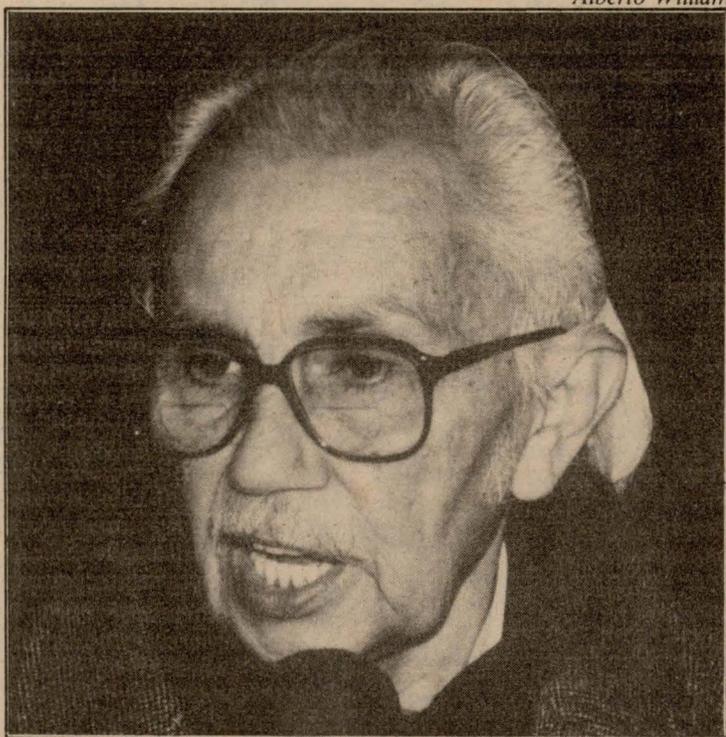
Alberto William

“Essa imensa massa juvenil do Partido, que veio de toda a parte e simboliza a estrutura partidária de todo o Brasil, mostra que nosso Partido vai construindo suas organizações, procurando plantar raízes profundas em nosso povo.

“Num ato como este vivemos a alegria dos grandes dias de festa. Este é um encontro que aponta o caminho da luta para vencermos os adversários.

“O sentimento da unidade, apregoado com tanta força por Lula nesta tribuna, nasce objetivamente do desenvolvimento da sociedade brasileira. O povo amadureceu e descobriu onde estão as suas necessidades. Nós não fizemos mais do que interpretar o anseio de unidade da classe operária que estava presente no povo. O nosso mérito foi a capacidade de captar esse sentimento.

“Há um ano nós já dizíamos que o povo vai virar as costas às elites dominantes. Não traduzíamos, com isso, fatos eventuais, mas as



questões mais profundas da sociedade brasileira.

“Há dois anos não podíamos imaginar um movimento como este. Mas a vida foi ensinando, o quadro dramático da situação brasileira foi mostrando que a linha divisória na sociedade brasileira vai se acentuan-

do: de um lado essa gente ultrapassada que só pensa em seus interesses, de outro os marginalizados, as vítimas desse drama doloroso que vive a sociedade brasileira. Portanto, há dois campos no Brasil. O nosso, o do povo, tem que se unir para lutar pela própria so-

breviência da nação. Não lutamos contra moinhos de vento, sabemos quem são os nossos inimigos.

“No meio da jogada aparecem certas forças que se dizem de esquerda. Também estes não têm coragem de dizer que vão enfrentar os poderosos. A necessidade do Brasil é encontrar um novo caminho e não procurar um ajustamento. Foi por isso que surgiu a Frente Brasil Popular. É a frente do Brasil, não de qualquer Brasil, mas do Brasil popular. Esta é a opção que nós fazemos a fim de encontrar um novo caminho para o país, porque nos projetos das classes dominantes esses problemas não encontram solução.

“Essa caminhada não é fácil. Vai ser muito dura. Os ricos, os exploradores, não vão ceder os seus privilégios.

“A Frente Brasil Popular abre novas perspectivas ao povo brasileiro. Tenho grande confiança nesse movimento. Lula disse aqui coisas que vêm do coração

— não é propaganda. Existem muitos preconceitos contra os comunistas. Também existiam e existem em nosso Partido. Nesses meses de convivência encontramos no PT pessoas muito respeitáveis, dedicadas e revolucionárias.

“Essa unidade não faz desaparecer a fisionomia própria de cada partido. A unidade vai apontando para a possibilidade de aliança no plano tático e estratégico. Vamos vencer no primeiro turno, pois onde o povo se une a sorte do adversário está selada.

“A composição da chapa Lula-Bisol é um grande êxito. O povo não tem essa experiência, pois no Brasil nunca houve alianças entre partidos desse tipo.

Lula-Bisol foi uma excelente solução. São duas personalidades políticas que se casam bem neste tipo de aliança. Lula traduz os sentimentos do povo, fala como falam mais de 100 milhões de brasileiros. Bisol é um pensador, além de ser um político com perfil de esquerda.”

**Lula, candidato a presidente da República pela FBP**

Jairo Andrade

“Estamos vivendo um momento extraordinário na vida do país. Tenho visitado vários Estados e estou convencido de que temos condições de ganhar a Presidência. O que me dá esta certeza é a militância dos nossos partidos, de nossa juventude, a clareza quanto ao momento que estamos vivendo, que faz com que cada militante se transforme num gigante.

“Estamos indo em cada porta de fábrica, em universidades, passeatas, e todo tipo de mobilização porque somos os únicos políticos que não perderam o direito de andar com a cabeça erguida. Nós gritamos nossas palavras-de-ordem na frente dos inimigos, sem medo. Estou convencido de que nenhum candidato dispõe sequer de 10% dos recursos humanos de que dispomos.



“Quero que vocês saibam que tipo de candidato estão apoiando. Em 1952, minha mãe teve de deixar seu pedacinho de terra em Garanhuns (PE), quando eu tinha 7 anos, com oito barrigudos de lombriga, para escapar da seca.

“Jamais sonhei em ser

candidato a presidente da República. Tenho apenas o 4.º ano primário, do que não me orgulho porque luto pelo direito do povo a ter diploma. Mas eu adquiri o diploma que gostaria que todo trabalhador brasileiro tivesse — o diploma da consciência de classe.

“As classes dominantes, habituadas a viver às custas do povo, começam a ficar assustadas com a perspectiva de nós ganharmos as eleições. Os nossos adversários tentam se diferenciar de nós procurando fazer declarações dóceis sobre o capitalismo. Não falam da dívida porque acham que o Brasil deve continuar dependente. Nós queremos dizer alto e bom som que temos uma questão política da maior prioridade: cada dólar que sai daqui é uma gota de sangue do nosso povo.

“Tenho dito aos companheiros do PCdoB e reitero agora que poucos de nós tinham experiência de trabalho unitário entre as esquerdas. A Frente Brasil Popular não tem sentido apenas eleitoral, mas histórico, estratégico. Para ga-

rantir nossa vitória e a posse é necessário um grande movimento de massas.

“Estou aprendendo a trabalhar unitariamente nesta campanha eleitoral. O elogio que fiz à militância do PCdoB no jornal **A Classe Operária** (n.º 21 — N.R.) foi o que eu constatei na prática. Assumo o compromisso aqui de que todas as nossas decisões durante a campanha serão conjuntas. Jamais tomaremos nenhuma decisão sem ouvir o PCdoB, o PSB e o PV.

Minha admiração pelo Amazonas e pela militância de vocês não é só eleitoral. Acho que nós e também vocês aprendemos a lição. Considero que a vitória não será apenas a minha eleição. A vitória será a conquista do socialismo.”

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

## A CONVENÇÃO DO PCdoB

### Luís Gushiken, presidente nacional do PT

Aguinaldo Zordenoni

“Trago em nome do PT saudações fraternais e um forte abraço. Estamos vivendo um momento histórico, que é a constituição da Frente Brasil Popular depois de tantas dificuldades. Foi muito importante termos conseguido formar a chapa Lula-Bisol. Bisol não é qualquer um, é um grande homem, um grande tribuno, um socialista.

“O processo que vivemos mostra como a natureza é sábia e implacável. Só se desenvolve quem consegue superar os obstáculos e quanto mais se cresce maiores serão os obstáculos.

“Uma coisa ficou patenteada: nossa responsabilidade é entender que, apesar das divergências, nossa unidade de ação se impõe. Vamos discutir juntos o processo revolucionário brasileiro.



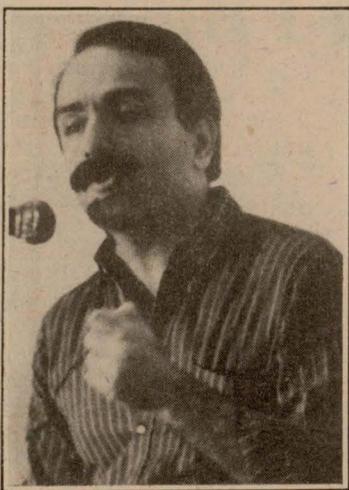
“Nós somos uma coisa nova neste país. A quase totalidade da militância do país está na Frente Brasil Popular. É aí que reside a nossa força. Qualquer que seja o resultado, depois das eleições o Brasil não será mais o mesmo. Uma marca indelével estará nas mentes e nos corações do povo — a marca da Frente Brasil Popular. Viva o PCdoB! Viva a Frente Brasil Popular! Viva o socialismo!”

### Luís Eduardo Grenhalg, vice-prefeito de São Paulo

“Somos da luta pelo socialismo, herdeiros do que há de melhor no nosso povo. Nesta convenção correm as idéias e o sangue dos heróicos companheiros do Araguaia, dos companheiros que deram suas vidas para que continuássemos esta luta, agora com a unidade popular. Trago nossa saudação a esse glorioso Partido e que tem desempenhado um grande papel em todas as frentes, um Partido heróico, de luta, parcela destacada daquilo que há de mais sadio na sociedade brasileira.

“Durante a campanha de Erundina, muitos vacilaram, mas o PCdoB não vacilou. Pelo contrário, apontou a possibilidade de conquistar a vitória.

“Um dos grandes problemas da esquerda no Brasil era a divisão, mas nós aprendemos que é com a unidade que vamos avan-



Aguinaldo Zordenoni

çar, a unidade dos revolucionários, que querem realmente um novo futuro para o Brasil.

“Só a Frente Brasil Popular pode efetivamente garantir a reforma agrária e o não-pagamento da dívida externa. Só nós vamos ter peito para enfrentar o imperialismo. Fora daqui o FMI ladrão! Fora o militarismo!”

### Senador José Paulo Bisol, candidato a vice-presidente pela Frente Brasil Popular. Mensagem lida pelo deputado João Hermann, do PSB

Companheiros do PCdoB:

Na impossibilidade de estar com vocês neste exuberante momento de decisão política, as circunstâncias me oferecem a alternativa desta mensagem escrita. Nella quero ressaltar três relevâncias:

1. Somos importantes porque **queremos**, isto é, temos uma vontade política bem socializada e bem determinada;

2. Queremos porque **sabemos**; e temos uma consciência conceitualmente instrumentada e ela é o modo pelo qual nos relacionaremos com a realidade;

3. Sabemos porque saber inclui sabermos que não basta querer enquanto não formos a maioria que quer.

Assim sendo, para que todos queiram, queremos que todos saibam. Queremos que todos saibam que enquanto a dignidade não estiver ao alcance de todos, muito pouca dignidade estará ao alcance de cada um.

Queremos que todos saibam que nenhum povo transcenderá suas classes e as desigualdades entre elas en-



Alberto Williams

quanto a liberdade não for a concreta possibilidade de cada um chegar ao máximo de si mesmo para ter a felicidade de dar o máximo de si mesmo aos outros.

Queremos que ninguém esqueça a evidência de que o capitalismo é um capítulo da história, não o deus eterno que rege, como se ele, o capitalismo, fosse mais deus que Deus ou a idéia dele — porque melhor do que ser eterno como o diamante que dura demais, mas não é eterno — melhor que ser eterno é ser gente e querer que todos o sejam, e acreditar que a POLÍTICA, que hoje não consegue ser outra coisa que as classes em luta pelo poder, será necessaria-

mente, num próximo momento de redenção, A ÉTICA DO PODER DA MAIORIA, e num segundo e definitivo momento, bem menos remoto do que se pensa, a ética do poder de todos, a ética do poder comum, a ética do poder despoderizado, que é a ética da comunidade, a ética das liberdades igualadas, a ética do socialismo avançado.

Em nome do melhor que somos enquanto consciência e sentimento, mas também, enquanto competência para a luta, aqui estou, servo da necessidade de eliminar as servidões, pronto para qualquer sacrifício pela unidade das esquerdas, enfusientemente estimulado pela singularidade histórica da **candidatura operária** à Presidência da República.

A convicção é nosso grande poder, companheiros.

É nossa a palavra certa.  
É nossa a ação que não tem volta.

Sabemos querer, queremos o que sabemos e com Lula daremos os primeiros passos do socialismo no Brasil.

### João Hermann, deputado federal do PSB

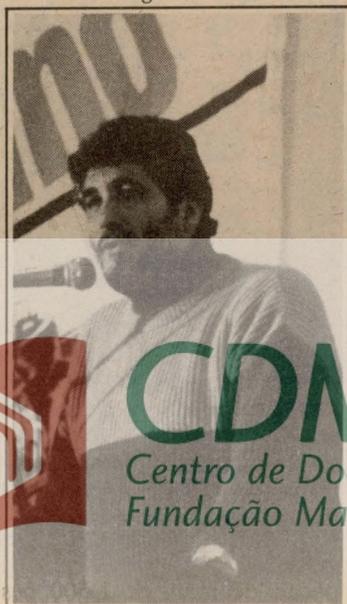
Aguinaldo Zordenoni

“Antes de me dirigir a você, Lula, gostaria de me dirigir a alguém com quem aprendi politicamente mais nesses meses do que em vários anos: João Amazonas, que é o autor e o artífice da Frente Brasil Popular.

“Às vezes nem percebíamos mas o camarada João Amazonas vinha lá de trás dizendo que só unidos alcançaríamos força para vencer a eleição.

“Como me sinto gratificado de participar unido do PCdoB da luta pela mudança radical da sociedade.

“O PCdoB, ao contrário de muitos outros, disse não à candidatura própria e sim



à candidatura frentista. A grande esperança surgiu quando o senador Paulo Bisol veio para a Frente Brasil Popular e veio porque é socialista e um socialista não pode estar no PSDB mas na Frente Brasil Popular.

“Não tememos o segundo turno e eu lhes garanto que Lula irá para o segundo turno. Porque não haverá poder econômico que detenha a militância heróica da Frente Brasil Popular.

Faço minhas as palavras de João Amazonas: “Foi o medo de assassinato do seu filho: ‘O medo corrompe e nós não vamos nos corromper.’”

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# Bisol visita sede nacional do PCdoB

O senador José Paulo Bisol fez no último dia 12 uma visita de cortesia à sede nacional do Partido Comunista do Brasil, em São Paulo, acompanhado pelo deputado estadual José Dirceu (SP) e João Machado, integrantes da Executiva Nacional do PT.

Durante a visita Bisol concedeu entrevista coletiva à imprensa, que indagou quais os motivos de sua indicação para vice na chapa encabeçada por Lula, da Frente Brasil Popular.

Bisol referiu-se às afinidades históricas que tem com as esquerdas, definiu-se como político de esquerda, lutador pelo socialismo. Contou sobre sua atividade na Assembléia Nacional Constituinte, onde foi considerado "constituente nota 10" pelas organizações dos trabalhadores. Durante a elaboração da Constituição, o senador Bisol foi relator da comissão de soberania e de direitos e garantias do homem e da mulher, "que produziu o melhor capítulo da Constituição".

Bisol falou ainda sobre sua trajetória profissional e política. Foi juiz, desembargador



Alberto William

do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, radialista, jornalista e homem de televisão, deputado estadual e senador, tendo sido eleito em 1986 com 1 milhão e 300 mil votos. "Em todas essas atividades — disse — sempre compartilhei pontos de vista progressistas, sempre defendi os interesses do povo trabalhador."

Depois da coletiva, o candidato a vice-presidente da Frente Brasil Popular foi saudado por João Amazonas, presidente Nacional do Partido Comunista do Brasil, para quem "é uma honra recebê-lo e estarmos juntos nessa caminhada que levará o povo brasileiro à vitória. Com muito entusiasmo e disposição de luta —

prosseguiu Amazonas — todo o nosso Partido empenhará suas forças e estará à disposição para colhermos juntos esse resultado".

Muito emocionado, o senador Bisol agradeceu "a acolhida nesse ambiente familiar". Sobre sua candidatura Bisol declarou: "Jamais pensei nis-

so. Minhas ambições estavam voltadas para meu pai, um homem humilde que morreu como um simples carroceiro, mas que venciam qualquer dificuldade com alegria". E fez sua profissão de fé: "É preciso destruir toda a forma de servidão, seja nas relações intersubjetivas, seja nas relações sociais. Um homem não encontra nenhuma possibilidade de ser feliz se não serve uma causa, se não tem uma missão. Cheguei à Constituinte levando sonhos, mas ali passamos uma experiência dura. A não-representatividade daquele Congresso Constituinte provocou em mim um desagrado profundo. Hoje, aqui com vocês, em família, eu me sinto feliz. Sinto uma felicidade com angústia. Felicidade por achar que tenho uma missão, por estar com vocês e com Lula, por saber que estou no mundo para produzir algo fraternal. Angústia quando constato a situação que nossa sociedade está vivendo. E só vou transcendê-la se sentir que estou cumprindo minha missão. Pelo amor à pátria, vamos juntos com Lula".

## Campanha da Frente Popular prossegue nos Estados

\* O candidato da Frente Brasil Popular, Luís Inácio Lula da Silva, viveu um empolgante momento neste início da campanha eleitoral à Presidência da República, nos últimos dias 27 e 28 de junho, durante sua visita ao Estado de Santa Catarina. Na Capital, Florianópolis, e em Criciúma, Lula sentiu a receptividade do povo às propostas da Frente Brasil Popular, que, na sua opinião, "deverá se transformar num poderoso movimento de massas, a única maneira capaz de garantir a vitória eleitoral e a posse do governo da Frente".

Em Criciúma, o candidato da Frente Brasil Popular esteve presente em uma das minas de carvão. Na oportunidade, Lula conheceu de perto as precárias condições de trabalho e ambientais.

Durante entrevista coletiva, Lula deixou clara a posição da Frente Brasil Popular quanto à reforma agrária: "Não dá para chegarmos ao século XXI sem tê-la realizado", declarou. Os jornalistas perguntaram sobre o candidato Fernando Collor de Mello, que para Lula não passa de "uma gran-

de mentira que será desmascarada".

No final da tarde, realizou-se no centro de Criciúma um comício, da Frente Brasil Popular, com a presença de cerca de 2.500 pessoas, na maioria mineiros e operários. Durante o comício falaram representantes do PT, PCdoB, da CUT, da CSC e da UJS. Douglas de Mattos, em nome do PCdoB, disse que "quando Lula voltar a Criciúma, como presidente da República, nós vamos poder tratá-lo de companheiro, e não de excelência". Encerrando o ato, Lula disse em meio ao entusiasmo dos presentes: "Eles, os Collor da vida, têm a televisão, o rádio, os jornais. Nós temos vocês, os operários, os militantes dos partidos que compõem a frente e os que nos apoiam."

Em Florianópolis, Lula teve um encontro com lideranças dos movimentos popular, sindical e juvenil. Diante de mais de 500 lideranças, o candidato da Frente Brasil Popular debateu os pontos de seu programa. Depois foi realizada uma passeata pelas ruas centrais de Florianópolis, com a participação de mais de 1.500 pes-

soas e o apoio dos populares nas calçadas. Dos prédios uma chuva de papel picado cobria a passagem dos manifestantes. A passeata terminou na praça central de Florianópolis, onde foi realizado o comício da Frente Brasil Popular. Em seu discurso, Lula reafirmou a importância do trabalho corpo a corpo durante a campanha eleitoral. Sobre o militarismo, lembrou que "os militares tomaram o poder há 25 anos dizendo que iam salvar o Brasil. O que se viu é que eles salvaram o país para eles, e não para o povo".

\* Três grandes atos de massas marcaram a segunda visita de Lula ao Paraná, no dia 29 de junho. Convidado para participar de um fórum de debates promovido por empresários, a coordenação estadual da Frente Brasil Popular aproveitou a presença do candidato para levar a campanha às ruas. Recepcionado no aeroporto por inúmeros militantes dos partidos da Frente, Lula participou de uma carreata que percorreu diversos pontos de Curitiba, acompanhando, na sequência da programação, uma passeata ao longo da rua XV de Novembro.

A passeata, primeira manifestação de rua na cidade nesta campanha presidencial, foi reconhecida pela imprensa local como uma façanha. "Lula foi o único dos candidatos que participou do fórum a passear e discursar na rua das Flores", afirmou um jornal.

Dos edifícios, caíram papéis picados saudando o candidato. Lula fez um breve discurso na Boca Maldita, conclamando o povo a participar da política para realizar as mudanças que o país precisa.

Lula esteve também em um comício em São João do Triunfo, a 120 km de Curitiba, onde o PT conquistou a prefeitura. Cerca de 2 mil camponeses ouviram atentamente os dirigentes dos partidos da Frente Brasil Popular. À noite, novamente em Curitiba, inúmeras lideranças de diversos movimentos participaram de uma plenária popular com Lula, promovida pela frente.

\* No dia 01 de julho, foi lançada na Câmara Municipal de Boa Vista, Roraima, a Frente Brasil Popular, promovido pelos diretórios regionais do PT e do PCdoB. Um dos partidos da Frente organizados em Roraima —, teve nu-

merosa participação popular, de lideranças políticas e sindicais.

A mesa do ato foi dirigida por Marcos Montenegro, da direção regional do PCdoB, e Evandro Chaves, da direção regional do PT, que teve ainda a participação de José Geraldo, presidente do PT em Roraima, do vereador João Pedro, do PCdoB em Manaus, do presidente do Sindicato dos Bancários, José Deodato, do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Boa Vista, Carlos Calheiros, do vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Roraima, Josué dos Santos, e da representante da Comissão de Mulheres de Roraima, Nilsamira Oliveira.

Muitas pessoas da plenária fizeram uso da palavra, ressaltando a importância da Frente Brasil Popular, do programa de 13 pontos e da candidatura de Lula.

A Coordenação Estadual da Frente Brasil Popular já tem programado outro ato público para o dia 15 de julho e trabalhará para a programação da visita a Roraima do candidato Lula, marcada para 6 de agosto.

(Das sucursais)

# Dois pesos e duas medidas da imprensa na campanha eleitoral

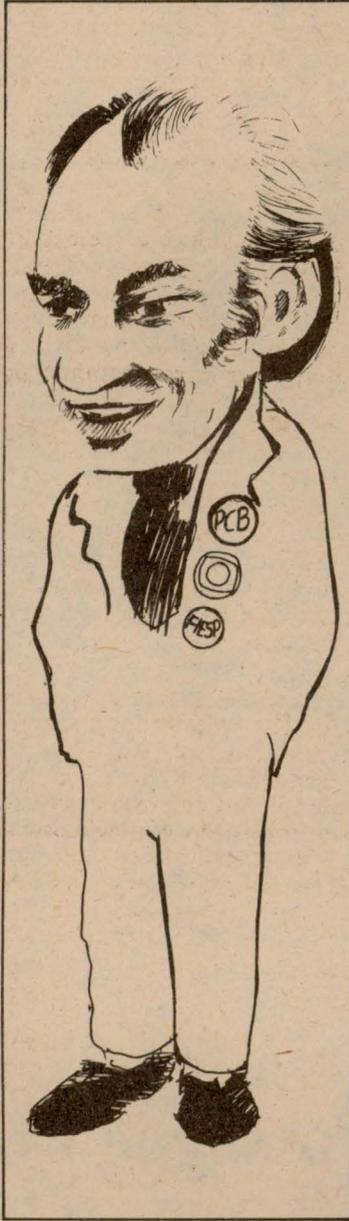
Moacyr de Oliveira Filho\*

As classes dominantes brasileiras e seus meios de comunicação estão atuando no processo da sucessão presidencial em dois rumos bastante definidos. De um lado, buscam forjar perante a opinião pública a imagem de um candidato que sirva aos seus interesses de classe e a seu projeto de manutenção do poder político e econômico. De outro, procuram estimular e incentivar candidaturas pretensamente progressistas que possam dividir os votos da esquerda e, assim, beneficiar os candidatos da direita.

O comportamento dos meios de comunicação de massa, notadamente a televisão, em relação à sucessão presidencial, se enquadram perfeitamente nessa dupla tática. No primeiro caso, os jornais e as televisões se esmeram em divulgar a imagem do candidato que poderia servir ao projeto político das classes dominantes, buscando fortalecê-lo perante a opinião pública, no presente momento Fernando Collor de Mello. Mas preocupada com a fragilidade deste, a imprensa foi pródiga na divulgação da imagem de um candidato alternativo a Collor, senador Mário Covas, cujo discurso definidor de sua plataforma de governo, com acentuada marca conservadora, ganhou as manchetes dos principais jornais do país, generosos espaços nos telejornais e até um elogioso editorial de primeira página em "O Globo", o jornal do todo-poderoso vice-rei Roberto Marinho. Assim, a grande imprensa, como principal porta-voz dos interesses das classes dominantes, procura fortalecer as posições de dois candidatos: Collor e Covas.

Na outra ponta do novelo da sucessão, os meios de comunicação de massa não pouparam tempo e espaço para a divulgação da mensagem do candidato que procura dividir o campo progressista, na vã ilusão de evitar o crescimento da chapa Lula-Bisol, da Frente Brasil Popular. Esse candidato é o autodenominado "comunista" Roberto Freire, do auto-intitulado partido "comunista" brasileiro. O comportamento da grande mídia em relação a essa candidatura é esclarecedor. Nunca um político tido como de esquerda te-

Chico Martins



ve tanto espaço nos jornais e na televisão como está tendo o deputado Roberto Freire nesta campanha sucessória, principalmente se levarmos em conta que sua candidatura disputa, segundo todas as pesquisas de opinião pública, a lanterna do pleito com o ultra-reacionário Ronaldo Caiado.

Consciente do papel diversionista de sua candidatura e estimulado pelos generosos espaços que sua pernicioso ação política ganha na mídia, Roberto Freire segue em seu caminho, buscando sempre aproximar-se de expressões do campo conservador, garantia de ampla cobertura na imprensa. Assim, visitou, nos últimos meses, a nata do conservadorismo brasileiro, a começar pelo próprio presidente José Sarney. Depois encontrou-se com a cúpula da poderosa FIESP, foi a um beija-mão com o cardeal do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Salles, e reuniu-se com Roberto Marinho, dono das Organizações Globo, visita por sinal bastante proveitosa aos propósitos diver-

sionistas do sr. Roberto Freire. Noticiada com destaque nas páginas de "O Globo" e nos telejornais da TV Globo, a visita de Freire a Marinho lhe rendeu outros frutos. Nas semanas seguintes, Roberto Freire apareceu com grande destaque em duas reportagens no programa dominical "Fantástico" e foi entrevistado no telejornal "Bom Dia Brasil", ambos de grande audiência. Suas aparições no "Fantástico" chamaram a atenção pelo inusitado. Numa delas Freire foi incluído numa matéria especial sobre o "Dia das Mães" e noutra, particularmente longa para os padrões daquele programa, foi o personagem central de uma matéria sobre um jogo de futebol promovido na casa do compositor Chico Buarque. Essa matéria, aliás, foi recomendada pela direção da Globo, que exigiu sua realização por um repórter especial de televisão. Um tratamento especial para alguém que a burguesia considera especial.

Mas não é só a Rede Globo que trata Roberto Freire de forma privilegiada. Diariamente suas atividades são destacadas nos principais jornais e revistas do país e, na semana passada as duas principais revistas semanais, "Veja" e "Isto É — Senhor" abriram generosos espaços para Roberto Freire sem um motivo forte que justificasse tais matérias.

Ao mesmo tempo em que isso ocorre, a chapa Lula-Bisol, da Frente Brasil Popular, tem um tratamento pífio por parte da grande imprensa. Na semana passada, por exemplo, a definição da chapa através das convenções nacionais do PT, do PCdoB e do PSB ganhou apenas minúsculas notas de pé de página nos principais jornais do país. Os espaços maiores foram dedicados a semear cizânia, difundir fofocas e intrigar, tudo com o objetivo de evitar a consolidação, a ampliação e o crescimento da Frente Brasil Popular. Essa atitude ficou patente em especial no comportamento da "Folha de São Paulo", que mentiu cinicamente, atribuindo a Jair Meneguelli, presidente nacional da CUT, declarações que ele não deu.

Contra o boicote da grande imprensa, no entanto, a Frente Brasil Popular e a chapa Lula-Bisol contam com um trunfo excepcional: a força e a garra de seus militantes.

\* Jornalista, correspondente em Brasília

## Este candidato não é comunista nem de esquerda

José Reinaldo Carvalho

Nos círculos políticos avançados e progressistas corre a opinião, plantada pelo PCB, de que a candidatura de Roberto Freire, ainda que não tenha chances eleitorais, constitui contribuição ao processo de consolidação da democracia e à luta pelo socialismo porque as eleições deste ano constituem uma "oportunidade histórica" para mostrar a verdadeira face dos comunistas.

É opinião equivocada, diversionista e tendente a baralhar fatos e argumentos.

Cabe indagar: que tipo de contribuição pode dar à consolidação da democracia no Brasil e à luta pelo socialismo uma candidatura que atua com o objetivo preçptuo de dividir o campo popular e enfraquecer a única candidatura e a única frente política (a FBP) capaz de abrir um novo caminho para levar adiante a luta do povo brasileiro por um governo democrático popular? Na verdade a candidatura do sr. Freire é um desserviço à causa democrática e socialista, porquanto a experiência, longa e penosa, do povo brasileiro, demonstrou sobejamente que o caminho da emancipação nacional e social passa pela união do povo, fator capaz

de desencadear amplos e poderosos movimentos de massas.

Mas esta polêmica tem outro aspecto não menos importante: que tipo de "socialismo" prega o candidato do PCB? O da perestroika, que estes dias anunciou para o próximo ano a demissão de 15 milhões de trabalhadores? Que em nome da "modernidade" prega a internacionalização da economia e abre as portas da URSS e dos demais países do Leste ao capital estrangeiro? Se for para isso, a candidatura é inócua, pois já há outros candidatos da direita e do centro-direita defendendo essas bandeiras — vide as plataformas de Maluf, Covas, Ulysses, Collor e companhia bela.

É necessário ainda verificar que tipo de "comunista" é o sr. Freire e o seu partido, pois em recentes entrevistas ele se declarou social-democrata e tem feito coro com os que anunciam a "morte do comunismo".

Ideologicamente são essas as razões que levam a grande burguesia e os seus meios de comunicação a abanarem a candidatura Roberto Freire: ele é diversionista, traiu o socialismo e renegou o comunismo.

Leia a 3ª edição ampliada.

Preço de lançamento

— NCz\$ 6,00

Pedidos com cheque

nominal ou

pelo reembolso

postal a:

Editora Anita

Garibaldi

Rua Barorós, 51,

1º andar

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois  
Paulista - SP

Fone: 278-3220 (011)



# Rumos para o movimento negro

**A realização de um encontro nacional de lideranças do movimento negro coloca mais uma vez as forças progressistas diante de questões teóricas importantes. A discriminação racial é um fenômeno social com dinâmica própria ou um simples reflexo da luta de classes? Para pôr fim a ela basta a luta política do povo pela transformação da sociedade ou são necessários também movimentos e formas organizativas próprias, preparadas para travar especificamente a batalha contra o racismo?**

**Antonio Santos Carmo\***

A Fundação Helena Antipoff, em Belo Horizonte, será sede nos próximos dias 29 e 30 de um dos mais importantes eventos do movimento contra a discriminação racial realizados no Brasil nos últimos anos. Após um longo período de seguidas divisões internas, de polêmicas mal resolvidas e de muito pouca ação unitária a nível nacional, as forças que lutam contra o racismo conseguiram marcar para aquela data o Encontro Nacional de Lideranças do Movimento Negro.

Convocado unitariamente a partir de três coordenações regionais (norte-nordeste, sudeste e centro-oeste), o encontro está despertando intensa expectativa. Fala-se insistentemente na realização de um congresso nacional do movimento negro com vistas a definir unitariamente formas de luta. Espera-se definições importantes a respeito da participação do movimento na batalha decisiva da sucessão presidencial.

Este instante de efervescência de debates e de esperanças novamente suscitadas exige que as forças progressistas voltem a se debruçar sobre questões teóricas importantes. A solução de algumas delas pode ser decisiva tanto para o sucesso da atual tentativa de unificação quanto para o florescimento de um movimento antiracista poderoso, capaz de fazer frente aos múltiplos instrumentos discriminatórios que sobrevivem no país.

A primeira polêmica diz respeito ao próprio caráter da discriminação racial. Será ela um simples desdobração da exploração que a burguesia exerce sobre os trabalhadores? Ou, pelo contrário, o racismo acabou adquirindo uma dinâmica própria, com a disseminação entre amplos setores sociais de práticas discriminatórias e de preconceitos anticientíficos?

**Eles são 50% da força de trabalho, e ganham só 25% dos salários**

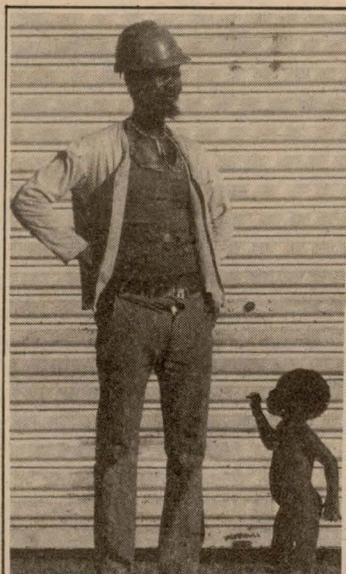
Qualquer análise profunda a respeito do problema indica-

rá que a segunda afirmação é a que corresponde à realidade. E as próprias estatísticas oficiais são o primeiro elemento a comprovar este fato. Num estudo denominado "O lugar do negro na força de trabalho" e publicado em 1985, a Fundação IBGE demonstrou cientificamente, entre outras constatações sobre discriminação, que a parcela maior de desempregados está entre os negros; e que entre os próprios assalariados eles constituem uma parcela suplementarmente explorada: embora representem, junto com os pardos, quase 50% da força de trabalho, recebem apenas 25% do total de rendimentos como demonstra a tabela publicada nesta página.

Não é só. Basta uma simples observação empírica das condições de vida do povo para constatar que é composta majoritariamente de negros ou pardos o contingente de brasileiros jogados na periferia das cidades, habitando as favelas, vivendo em situação subhumana, sem direito às mínimas condições de infra-estrutura urbana como esgoto, calçamento, creches. Basta conhecer a vida diária da esmagadora maioria das empresas para saber que tradicionalmente os negros exercem as funções pior remuneradas, muitas vezes recebendo salários menores que os dos brancos no exercício de funções iguais, e sendo constantemente preteridos em suas tentativas de ascensão profissional.

**A escravidão acabou, ficaram as idéias que a sustentavam**

O fato de o Brasil ter sido o último país a liquidar a escravidão, e de tê-lo feito há apenas 100 anos, deixou uma herança brutal, que se procura mascarar divulgando o mito da "democracia racial". Sustentadas pelas classes domi-



**No trabalho os negros recebem salários menores para exercer funções idênticas às dos brancos. Além disso, são confinados à periferia, em condições de habitação precárias.**

nantes desde a época em que a divisão social básica era a que opunha brancos e negros, as idéias sobre a inferioridade dos cidadãos "de cor" sobreviveram, adaptaram-se e "modernizaram-se" para não desaparecer. É interessante observar de que modo atravessaram diferentes períodos históricos, aproveitando-se do fato de as mudanças sociais terem sido tradicionalmente feitas através de acordos entre as elites, sem rupturas fundamentais com as classes retrógradas ou com suas concepções ideológicas.

No período da escravidão o negro era considerado abertamente inferior, apto apenas para o trabalho escravo. Com a abolição da escravidura, fruto de inúmeras revoltas dos negros, estes vão compor e reforçar o exército industrial de reserva para o capitalismo em ascensão. As idéias racistas revestem-se de uma nova roupagem, expressa na formulação de que o futuro do Brasil como nação civilizada repousava na necessidade de branqueá-lo, de estimular a imigração da raça superior para sustentar o desenvolvimento nacional.

**As elites procuravam um povo "dócil" para substituir os negros**

Os debates travados na Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo no período

de 1870 a 1880 são ilustrativos a este respeito. Conduzidos pelos "imigrantistas", eles giravam em torno da tese segundo a qual a grande solução para os problemas nacionais era a imigração. Discutia-se o "tipo ideal", as características raciais de cada povo branco apenas. As divergências diziam respeito à identificação dos "mais dóceis", "mais inteligentes", "mais empreendedores", "mais enérgicos", etc. As classes dominantes, porém, uniam-se na idéia de que estavam comparando povos essencialmente eficientes, racionais, civilizados, e de que era preciso acima de tudo recusar negro, a quem consideravam como "rude", "imoral", "preguiçoso", "bêbado", "criminoso", e todos os demais defeitos que se atribui a uma raça vista como inferior.

A imigração conseguiu se impor. A partir dos anos 1880 chegaram ao país, especialmente a São Paulo e aos Estados do Sul, importantes fluxos de imigração européia, subsidiada diretamente pelo governo. Havia a expectativa de que ela se espalharia pelo país, forjando a nacionalidade branca tão ansiada pelos poderosos. Ao tempo em que esta concepção foi posta em prática era preciso lançar novos qualificativos a respeito dos negros. Assim foi feito. Caracterizou-se o homem originário da África como vadio. É sintomático que logo após a abolição tenha-se criado a "Lei da Vadiagem", que sobrevive até hoje, sendo uma das bases da repressão policial sobre o povo pobre, especialmente os negros.

**Praticado por séculos, o racismo vira marca cultural**

A prática constante da desigualdade, e sua sustentação através de constante pressão ideológica, acabou gerando deformações culturais marcantes. As forças da discriminação contra o negro sucedem-se, sutilmente ou aos escâncaros, nas solicitações de "boa aparência" para o exercício de determinadas funções. E é preciso procurar muito para encontrar negros trabalhando em atividades como caixas ou gerentes de banco, aeromo-

ças, recepcionistas e muitas outras.

Também os anúncios publicitários sempre apresentam o modelo branco como padrão único de beleza possível de sensibilizar os consumidores. Igualmente programas de televisão como as novelas, que atingem milhões de brasileiros, formam opiniões e inculcam idéias, situam o negro quase invariavelmente como subalterno, "no seu lugar" de empregado doméstico, motorista, pivete, prostituta, policial violento ou malandro.

A educação sofre manipulação até hoje. As escolas repetem sucessivamente às gerações que o negro não tem história relevante, não tem heróis, não participou decisivamente da construção e da defesa do país nos momentos decisivos de sua história, enfim é inferior. E os preconceitos infiltraram-se em anedotas abjetas, e até mesmo em frases corriqueiras e nos chamados "ditos populares" muitos deles incorporados como se fossem inocentes ou "naturais". "Não está claro", "a situação está preta", "para clarear", "negro de alma branca", "é negro mas é inteligente", "mulher branca pra casar, mulata pra fornicar e negra para trabalhar", são apenas alguns exemplos de expressões que acabam firmando de forma subliminar a concepção praticada, da suposta inferioridade da raça negra.

Por tudo que se viu, a discriminação e o racismo, embora derivados essencialmente da divisão da sociedade em classes antagonicas, adquiriram força própria e penetraram profundamente na vida econômica, social e mesmo cultural do país. Precisam, por isso, ser entendidos, enfrentados e combatidos como fenômenos que possuem dinâmica autônoma, e mantêm com a luta de classes uma relação que não é mecânica nem automática. Falta discutir agora que formas de ação e que providências as forças progressistas precisam adotar diante desta primeira conclusão. Este é assunto para um outro artigo, a ser publicado na próxima edição da Classe.

\*Presidente da União de Negros pela Igualdade — Unegro-BA.

## PARTICIPAÇÃO DOS GRUPOS RACIAIS NA FORÇA DE TRABALHO E NO RENDIMENTO

	Total(%)	Branco(%)	Pretos(%)	Pardos(%)	Amarelos e sem declaração(%)
Força de trabalho	100	56,6	9,5	30,8	3,1
Rendimento	100	71,7	5,2	19,8	3,1

Para trabalho igual, salário pela metade

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# Remando contra a unidade

Foto: Luiz Carlos Leite

**A insistência de certas correntes petistas em dirigir a UNE de forma exclusivista afunda a entidade no imobilismo, e impede a frente nacional de forças progressistas de chegar ao movimento estudantil.**

## Gisela Mendonça\*

A UNE "sumiu". Não aparece mais na imprensa, muito menos nas ruas. Sumiu das faculdades, e não representa mais referências para os estudantes, nem para as lideranças. Todos se perguntam onde anda aquela entidade combativa e irreverente, de tantos episódios de luta e discussão. Afinal, o que aconteceu com a UNE? Teriam os estudantes perdido a vontade de lutar?

O questionamento aumenta ainda mais quando olhamos para as universidades e vemos apenas devastação — falta de verbas até para pagar luz, hospitais universitários fechados, telefones cortados, professores e funcionários com salários miseráveis. É este o pano de fundo de um ensino de 3º grau de baixo nível e de pouca produção científica, tecnológica e cultural.

Sem dúvida, apenas esta situação (sem citar os outros inumeráveis problemas da juventude), já seria motivo suficiente para os estudantes se levantarem. No entanto, cada dia mais aumentam a divisão e dispersão.

Não se pode negar que muitas são as causas, ainda pouco estudadas, que fizeram o movimento estudantil chegar a esta situação. A própria falta de perspectiva quanto ao futuro universitário, a dispersão dentro das universidades, a propaganda individualista de uma indústria cultural poderosa, a propagação no meio universitário de idéias contra qualquer tipo de organização jogam grande papel. No entanto, existe um motivo, possível de ser resolvido a curto prazo, que vem travando o avanço da luta dos estudantes — é a divisão profunda que se venceu na entidade estudantil nacional.

## Diretor da entidade propõe despolitização e corporativismo

Esta divisão já vinha se gestando há algum tempo, mas o problema se agravou ainda mais depois do último congresso da UNE. Foi o "Congresso que não houve", marcado por irregularidades, denúncias de fraudes, sem discussão e sem representatividade. A diretoria fantasma ali "eleita" não é reconhecida por boa parte do movimento estudantil. Do grupo que se colocava à frente da entidade, poucos restaram. Foi um ano desastroso para o movimento quando o vice-presidente da entidade chegou a escrever no "Jornal do Brasil" que "a UNE não existe", e propôs sua transformação numa entidade "corporativista e que se

preocupasse fundamentalmente com o trabalho sindical, com os problemas específicos". Além disso os atuais diretores da UNE evitaram a discussão política e a luta.

Esta situação tem peso especial se levamos em consideração o momento político que vivemos. É um momento de crise e busca de transformação profundas. É um momento de possibilidade real para que estas mudanças ocorram. No entanto, para esta possibilidade se tornar realidade, é preciso um movimento popular forte, unido, organizado e atuante. Sem dúvida, os estudantes e a juventude em geral têm grande papel a cumprir. Mas, infelizmente, a unidade que se constrói e consolida para a batalha da sucessão presidencial não chegou até o movimento estudantil.

O último Conselho de Entidades Gerais da UNE, que ocorreu nos dias 24 e 25 de junho passados, foi convocado para marcar o próximo congresso da entidade. Já há algum tempo vinha-se tentando criar as condições para que este fosse um congresso unitário, do qual participassem todas as forças do movimento estudantil e que tirasse uma plataforma de luta. No entanto, mais uma vez esta tentativa fracassou. Apesar do grande esforço feito pelas entidades independentes e ligadas à tendência Viração, permaneceram o sectarismo e o exclusivismo. O congresso foi marcado para setembro, em Brasília,

com a organização completamente monopolizada por esta diretoria sem representatividade e esfacelada. Este fato abre uma brecha muito grande para que se repitam os momentos deploráveis do último congresso da UNE.

Esta afitude, tomada por um setor de estudantes petistas que participam da diretoria da UNE é de grande gravidade. O Congresso poderia jogar um papel fundamental para reorganizar a entidade elegendo uma diretoria proporcional que colocasse todas as forças, unitariamente, empenhadas para reativar o movimento estudantil.

No entanto, as dificuldades aumentam. É preciso que haja uma grande pressão e mobilização para que este congresso não repita o fiasco do passado. Impõe-se uma verdadeira campanha que coloque os estudantes a par desta situação; que esclareça para a comunidade universitária e a sociedade a necessidade de mobilizar os estudantes para defender a universidade pública e transformá-la. E isto só é possível se um grande esforço for feito e o congresso da UNE for representativo e unitário.

## Mobilização urgente para salvar o congresso e a UNE

E, sem dúvida, uma grande falta de compreensão dos setores do PT que desenvolvem esta ação de impedir a unidade dos estudantes. Eles não entendem que a "aliança política" que todas as forças progressistas defendem só se sustenta se, por baixo, todo o movimento popular for capaz de superar suas dificuldades de organização e unidade para



Estudantes unidos protestam em 1982. O exclusivismo impede que estas cenas voltem a se repetir.

mobilizar o povo.

Por outro lado, só na luta será possível construir as condições para esta unidade. Assim, mesmo com as dificuldades é imperativo que todas as forças conseqüentes do movimento estudantil, em particular a Viração, se lancem numa grande ação junto a todos os

estudantes universitários para mobilizá-los e aquecê-los, com vistas a reconstruir sua entidade nacional. É este o caminho imediato para combater a divisão e o sectarismo e conquistar um congresso unitário.

\* Ex-presidente da UNE e coordenadora nacional da corrente Viração

## Terra em disputa no sul do Pará

Dois importantes acontecimentos voltaram a movimentar, nas últimas semanas, a sempre acirrada disputa entre latifundiários e camponeses no sul do Pará, considerado por muitos a região mais marcada por conflitos pela posse da terra no país.

No dia 2 os sindicatos dos trabalhadores rurais de Marabá e Conceição do Araguaia lideraram grupos de camponeses que ocuparam as sedes regionais do Incra exigindo efetivação das desapropriações de terra e garantia de condições mínimas para o desenvolvimento da lavoura em algumas áreas já desapropriadas. As ações foram massivas. Dois mil camponeses concentraram-se na sede do Incra em Marabá, e mais de duzentos realizaram protesto semelhante em Conceição.

Num documento que sintetiza suas reivindicações os sindicatos lembram que milhares de

trabalhadores rurais da região ainda estão sem terra, e pedem "que os processos de desapropriação ainda em tramitação sejam acelerados", e que novos processos sejam formalizados "para desapropriação de áreas já ocupadas e ainda não vistoriadas. Mais adiante, denunciam que nas poucas regiões já desapropriadas os colonos estão relegados ao abandono, "desassistidos pelos órgãos governamentais"; que as estradas vicinais indispensáveis ao escoamento da produção inexistem, que impera o descaso completo "no que diz respeito à situação da saúde, educação e crédito agrícola"; e que em conseqüência desta conjunção de fatores adversos mais da metade da produção regional está ameaçada.

### Vitória à vista

Três dias após a ocupação surgiram os primeiros sinais de que o movimento poderia obter êxito. O superintendente

do Incra no Estado prometeu atender as reivindicações, pedindo prazo para fazê-lo até agosto. Diante disso os camponeses deixaram temporariamente as sedes do órgão, mas mantêm a mobilização e aguardam o cumprimento do acordo.

O segundo fato importante ocorreu no dia 8, em Rio Maria. Trata-se de uma provocação policial contra o sindicato dos trabalhadores rurais do município. O delegado da localidade prendeu, de forma autoritária e sem qualquer mandato judicial, Orlando e Carlos Canuto, dirigentes do sindicato e respectivamente filho e genro de João Canuto, líder da luta pela reforma agrária assassinado pelo latifúndio em 19 de dezembro de 1983. Justificou o ato alegando, sem provas, que Orlando e Carlos participaram da morte de um capataz das fazendas Redenção e Suassui.

### UDR ataca

A prisão é desdobramento de um conflito fundiário iniciado nestas fazendas há cerca de quatro meses, e agravado após a intervenção truculenta da UDR. Em março último os proprietários das fazendas, Geraldo e João Braga, chegaram a assinar acordo que permitia que 50 posseiros instalados em suas propriedades permanecessem nas terras por eles trabalhadas. Poucos dias depois, no entanto, o acordo foi rompido, porque os pretensos proprietários foram pressionados pela UDR para tanto. A entidade chegou a enviar para o local dezenas de pistoleiros que fizeram o despejo violento dos posseiros.

Hoje aproximadamente 60 dias morrem sob o capataz das fazendas, e agora o delegado quer ver Orlando e Carlos Canuto desempenhando o papel de bodes expiatórios.



Nossa Amazônia Ameaçada — VIII

# A quem interessa a ecologia?

Jaime Sautchuk\*, especial para "A Classe Operária"

**O debate sobre a defesa da Amazônia coloca em pauta uma outra questão. Trata-se de saber se a defesa do meio ambiente é uma bandeira útil apenas aos movimentos "verdes" ou se é algo decisivo para todos os que lutam pela transformação da vida humana na Terra.**

A discussão sobre a questão da Amazônia será, seguramente, um ponto importante na campanha eleitoral para a Presidência da República, que começa a decolar. E não o será por puro modismo. É uma questão que preocupa as pessoas, que interfere decididamente no futuro da vida da Humanidade. Por isso, ganha importância e é discutida mundialmente.

Não é esse o único problema que definirá o futuro do ser humano, é claro. Mas o futuro da humanidade está ligado à maneira com que é tratado o ambiente, ou seja, à maneira com que o ser humano cuida da casa onde mora. Não se trata de achar que o mundo é quadrado e que há perigos indomáveis em cada um de seus cantos. Nem tampouco o problema do meio ambiente deve ser visto como uma preocupação de alguns poucos especialistas ou coisa que o valha. É um problema concreto, que tem a ver com todo o habitante da Terra, pois influi na sua vida.

Por conta dessa preocupação crescente, a palavra "ecologia" seguramente será muito usada durante a campanha eleitoral. Por uns, demagogicamente. Por outros, de maneira objetiva, demonstrando que a ecologia é uma ciência das mais importantes, por estudar o relacionamento do homem com a natureza. Em verdade, essa ciência nasceu há pouco mais de um século. Foi em 1869 que o biólogo alemão Ernest Haeckel usou pela primeira vez o termo "ecologia".

Mas ele não descobriu a pólvora com isso. Ele apenas encontrou um termo para designar a maneira com que se procura estudar a vida na Terra. A preocupação com esse tema vem dos primórdios da humanidade. O fogo, a agricultura, o uso do metal surgiram de necessidades objetivas, frutos do relacionamento do ser humano com o meio ambiente. E surgiram porque alguém, em cada um desses momentos da história, descobriu fórmulas de fazer com que o ser huma-

no conseguisse conviver com novas exigências e dificuldades.

## Com as nascentes desmatadas, os rios minguam visivelmente

Não há, portanto, nenhuma novidade na preocupação com a preservação do meio ambiente, nem tampouco com aquele que compõe a Amazônia brasileira. É uma preocupação secular, que tem dois fundamentos básicos. Primeiro, o de evitar alterações mais drásticas na qualidade de vida na Terra, ou seja, evitar que a biosfera seja ainda mais danosamente atingida pelas mudanças que se estão processando. Não se fala apenas das queimadas que ajudam no chamado "efeito estufa". Mesmo recobrando as áreas destruídas, um chumaço de capim jamais será igual a uma castanheira de trinta metros de altura, por exemplo.

O segundo ponto é o de que os recursos naturais, incluindo minérios, plantas medicinais, madeiras para uso industrial e animais de todas as espécies estão indo por água abaixo. Com o risco de não ter água para a descida rio abaixo. As nascentes dos rios estão sendo desmatadas e o volume de água diminui aceleradamente na Amazônia. Em muitos casos o problema chega a ser internacional. Afinal, as nascentes dos dois principais formadores do rio Amazonas (Solimões e Negro) estão fora do Brasil.

Mas, dentro do Brasil, as áreas onde passam os formadores dos principais rios da Amazônia estão sofrendo uma devastação assustadora. Por exemplo: alguns dos principais formadores do rio Tocantins nascem num platô conhecido como Chapada dos Veadeiros, em Goiás, a cerca de 300 quilômetros de Brasília. Em 1951, foi criado o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, com 600 mil hectares de extensão. Ao longo dos anos, especialmente durante o regime militar, os governos foram reduzindo o tamanho do parque, que hoje está com 60 mil hectares. E ainda assim, dois

terços desses 10 por cento do seu tamanho inicial estão invadidos por latifundiários, que criam gado e plantam soja.

É certo que seria demasiadamente romântico esperar que a Amazônia pudesse ser cercada e preservada intocada daqui para frente. Mas é, também, equivocado o argumento de que aquela região vai ter que se desenvolver de qualquer modo e pronto. Entre o burocrata que toma decisões em órgãos públicos ou empresas privadas e o cientista do ramo da ecologia há normalmente uma brutal diferença.

## Devastação tornou-se problema da falta de políticas

O ser humano tornou-se predador a partir de necessidades concretas, como ocorre com todos os animais. Dotado

da capacidade de raciocínio, o homem passou a administrar seu habitat de maneira mais inteligente que as demais espécies. Por falta de alimentos, algumas espécies extinguíram-se ou estão em fase de extinção. Já o homem consegue produzir e se adaptar.

Agora a questão ganhou uma dimensão diferente. A destruição já não é mais necessariamente fruto de uma necessidade objetiva, como foi a queima do primeiro galho de árvore, ainda na pré-história. Hoje destrói-se por ganância, de maneira irracional. Ou por falta de políticas sócio-econômicas que resolvam os problemas do país. O fato é que o homem saiu da condição de "legítima defesa" e passa para a de "criminoso comum".

Essa terminologia pode parecer exagerada, mas reflete a

dimensão do problema. Ou seja, a questão da preservação da Amazônia não é mais um problema de ecologistas, nem da simples sobrevivência. É um problema político, que carece de decisões firmes e determinadas. Isso significa dizer o que pode e o que não pode ser feito na região, com uma contrapartida em nível nacional para resolver o problema dos brasileiros (trabalhadores rurais, garimpeiros etc.) que são forçados a ir para a região.

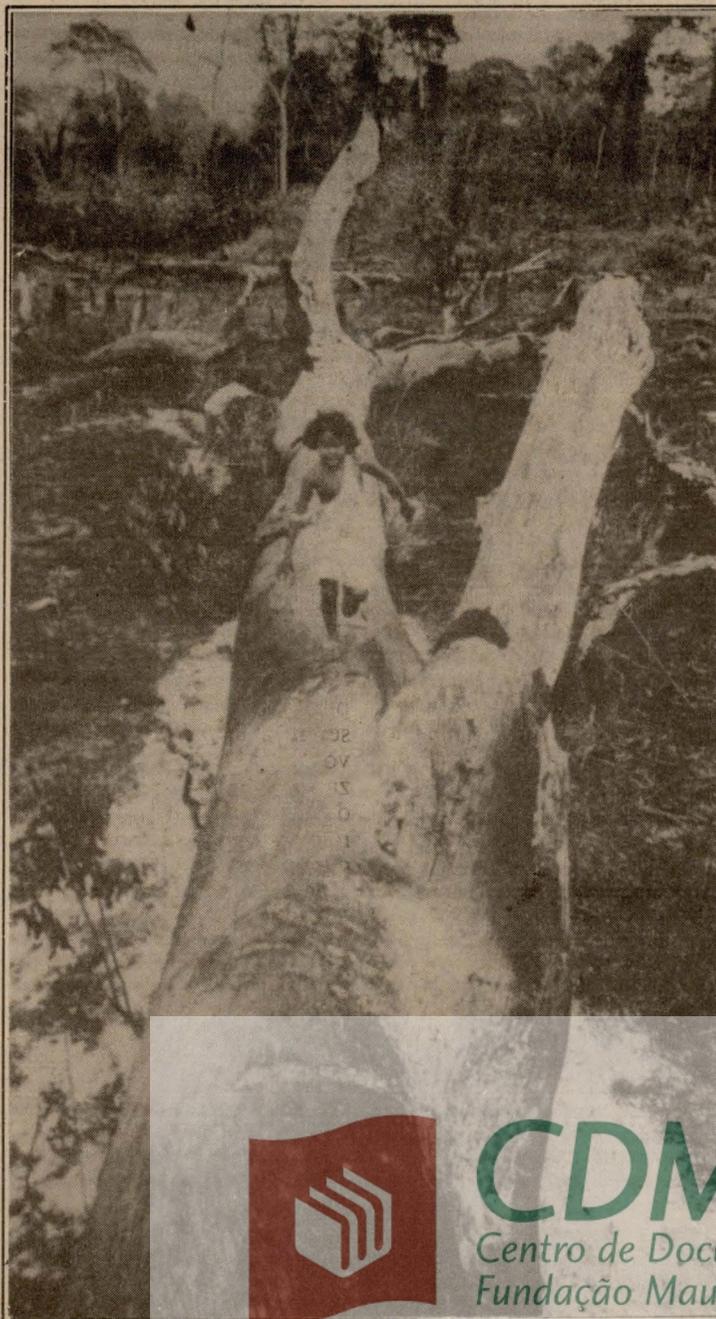
## Inglêses usam há 200 anos remédios amazônicos

Há que se ter a compreensão de que o Brasil não pode e não deve destruir uma coisa que nem sequer se conhece direito. Seguramente, a farmacologia inglesa tem mais informações sobre as plantas medicinais da Amazônia do que os compêndios brasileiros. Há mais de 200 anos os ingleses pesquisam nessa área. E muitos medicamentos dos quais o Brasil compra tecnologia ou paga royalties são frutos dessas pesquisas. Mas esse é apenas um aspecto do problema.

Uma enorme variedade de alimentos, que poderia ser mais conhecida e cultivada, vai-se embora sem que se saiba quais suas propriedades. Em entrevista à revista "Ciência Hoje" de março de 1989, o cientista Luiz Gouvêa Labouriau faz observação preocupante. "Já é possível observar que a variedade de alimentos que ia para a mesa antigamente era muito maior", afirma ele. No mundo há vários exemplos de populações que enfrentam sérios problemas de saúde por terem reduzido a variedade de alimentos que utilizavam.

## Problema ecológico será tema polêmico da campanha eleitoral

Por essas e outras razões é que o problema ecológico será um dos temas da campanha eleitoral. E isso é bom. Ajuda a quebrar um preconceito existente, fruto talvez da desinformação, de que o problema da preservação do meio ambiente preocupe só a comunidade científica ou os militantes dos partidos "verdes". Ao contrário, esse tema deve interessar e envolver todos aqueles que estão preocupados com o futuro da Humanidade.



A preservação do ambiente, ou sua devastação, influi na vida de todo habitante da Terra.

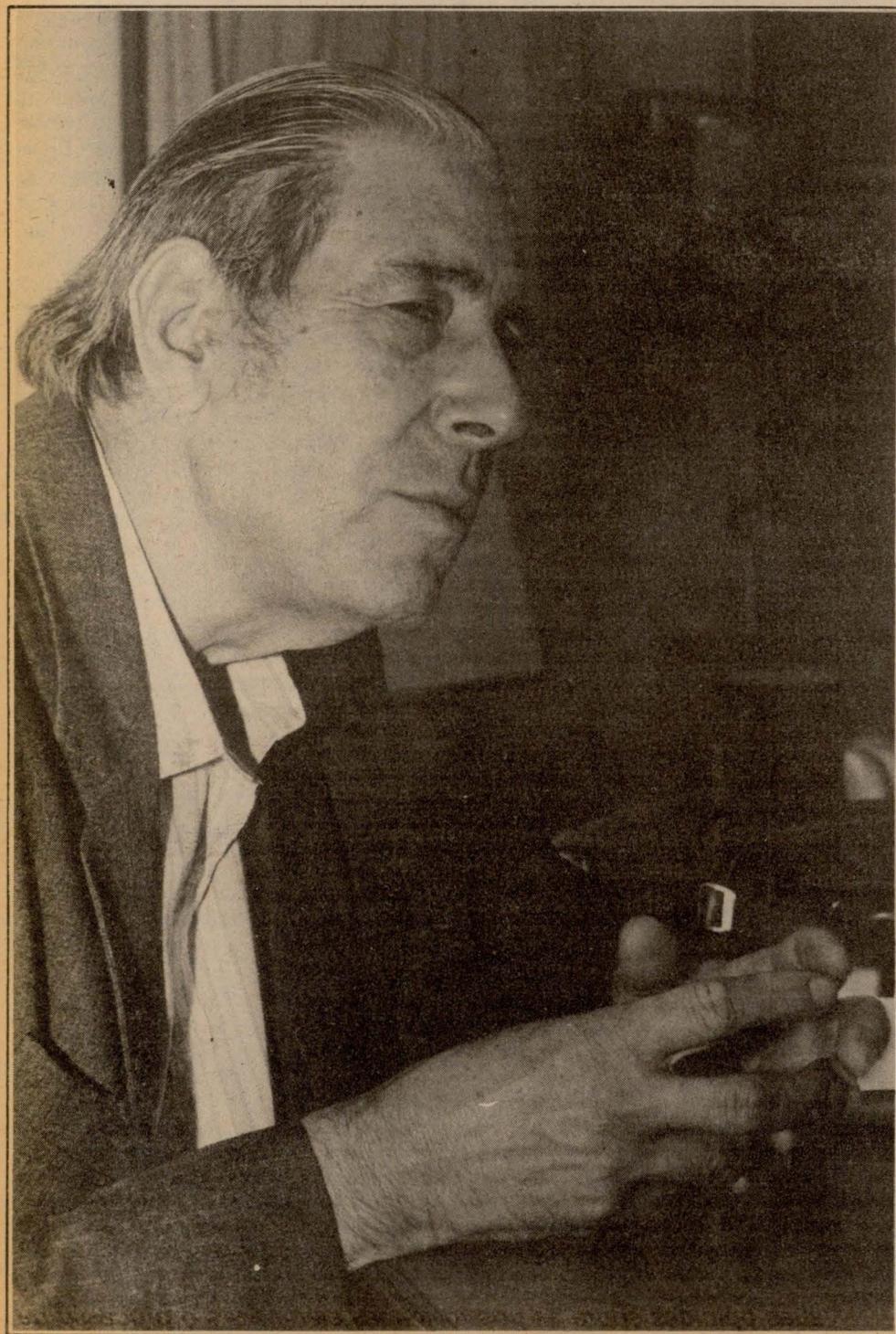
\* Jornalista e estudioso dos problemas amazônicos.

Aziz Ab'Saber:

# O Brasil na palma da mão

Entrevista a Antonio Martins

Um dos mais renomados geógrafos do país traça para a "Classe" um amplo panorama das modificações operadas no espaço brasileiro nas últimas décadas, debate desigualdades regionais, ecologia, grandes metrópoles e Amazônia, denuncia a ação das oligarquias, e dispara: "O Brasil só tem saída com uma esquerda forte".



Adriana Rodriguez

“ Ele ajudou a mudar o estudo da nossa geografia.” Cunhada pelo também geógrafo Orlando Valverde, a frase exprime a opinião que parcela ponderável da comunidade científica brasileira formou, ao longo dos anos, a respeito de Aziz Ab'Saber, professor-titular do Departamento de Geografia da USP e um dos membros mais ativos do Instituto de Estudos Avançados daquela universidade.

O elogio não é gratuito. Formado em 1943, dentro das tradições do que se convencionou chamar de “primeira geração” de geógrafos, o professor Aziz destacou-se como pesquisador de raro talento. Atuou a princípio no ramo da geografia física. E sobressaiu-se desde então por sua erudição impressionante. Além de publicar dezenas de trabalhos originais sobre o meio natural brasileiro, seus colegas contam que ele tornou-se um dos maiores estudiosos sobre assuntos como a morfologia dos Andes, tendo participado com destaque de um seminário sobre o tema promovido pela Universidade de Mendoza, na Argentina.

Anos e anos de contato seguido com a realidade brasileira fariam, mais tarde, com que este homem, já consagrado em sua área acadêmica, passasse a questionar os próprios métodos da geografia. “Percebi como era limitado estudar isoladamente o relevo, ou o clima, de uma determinada região. Constatei que era preciso ver que a topografia, o regime das chuvas, a variação da temperatura, o escoamento da água através dos rios, tudo é parte de um todo geográfico uno. E conclui que é preciso estudar esta realidade em seu conjunto e, mais que isto, entender de que forma ela interage com a sociedade que a habita, e com as próprias contradições que permeiam esta sociedade.”

Foi esta nova compreensão do papel de sua ciência que levou o professor Aziz a tornar-se um dos introdutores do que se convencionou chamar de “ecogeografia”, e a produzir análises ao mesmo tempo abrangentes e profundas sobre um vasto território, que inclui a floresta amazônica e a mata atlântica, as migrações no Brasil, as grandes aglomerações urbanas do país.

Foi também a luta para romper os limites do academicismo que o levou a assumir posições políticas cada vez mais explícitas contra as oligarquias que oprimem o povo e dilapidam os recursos naturais do país. Entre outras atividades, Ab'Saber participou da luta em defesa das comunidades de pescadores “caícaras” do litoral paulista e das campanhas pela preservação das matas tropicais brasileiras. Foi diretor do Instituto de Geografia da USP, assumindo posição aberta contra os ataques à universidade praticados pelo então deputado Paulo Maluf e assumiu durante os primeiros meses do governo Montoro, em São Paulo, a coordenação do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico e Natural — Condephaat —, de onde se afastou por não ter como resistir às pressões dos grupos econômicos.

Ao conceder no último dia 7 entrevista à Classe, que a princípio deveria versar sobre temas da atualidade geográfica, o professor Ab'Saber fez questão de abordar também a realidade política do país, de expressar seu entusiasmo com a constituição de uma frente de partidos de esquerda para disputar as eleições presidenciais e de destacar as responsabilidades desta frente no momento histórico peculiar que atravessamos.

**Classe: O senhor é certamente um dos cientistas mais preocupados com o estudo das desigualdades regionais brasileiras, e tem se caracterizado por dar ao tema uma abordagem ampla, que procura entender aos mesmo tempo seus aspectos sociais e ecológicos. Às vésperas da eleição presidencial, como o senhor vê a evolução do problema?**

**Aziz Ab'Saber:** Nós temos que compreender que vivemos num país que se desenvolveu com atraso, em quase todos os níveis. E que além disso este país foi governado por oligarquias retrógradas, e que certamente estão entre as mais ferozes de todo o mundo. Elas aproveitam cada momento de crise, de dificuldades do povo, para aumentar seu poder e sua riqueza. Então, estas características provocaram uma série de deformações no nosso desenvolvimento, em todas as épocas e em todas as regiões.

Caetères, um grande geógrafo francês que estudou sociedades como a nossa, classificou os diversos tipos de formação regional que elas apresentam, e mostrou o tipo de deformação que surge em cada uma delas.

Temos, por exemplo, e desde o início de nossa colonização, regiões de especulação agrícola. Descobre-se a vocação de uma região para um produto, e se este tem valor no mercado internacional generaliza-se a produção em todos os espaços, com intensa destruição da cobertura vegetal. O próprio governo torna-se dependente da produção, pois precisa do produto para obter divisas. Do ponto de vista social há uma enorme diferença, um disparate, entre o nível de desenvolvimento social das elites, dos proprietários de terra e dos comerciantes, especialmente, e a pobreza da mão-de-obra braçal.

## Regiões que insistem na cultura de ciclos sofrerão no futuro

Um outro tipo de região é aquelas que tem uma rede urbana muito desenvolvida, fruto de vários ciclos sociais. É o caso do Estado de São Paulo, inclusive em importantes áreas do interior. Certas regiões do Estado inclusive são consideradas as mais prósperas do país. Há porém um problema. Continuam existindo os ciclos especulativos. Ou é cana-de-açúcar, ou é soja, ou é cana, soja, laranja. E a especulação é tão grande que os núcleos urbanos estão corroendo o espaço rural de produtividade. A partir de um certo momento, eu temo que isto vá influir no destino da própria população das cidades, e é possível que estas áreas tenham um futuro dramático.

Outro tipo de região característica dos países subdesenvolvidos, segundo o estudo de Caetères, são as áreas de planejamento, superintendências tipo Sudam, Sudene. Estas diferentes entidades têm alguma força pra produzir novas áreas industriais. Mas não existe uma distribuição de renda correta, e por isso uma grande parte da população não tem nem mesmo teto. No fim, estas superintendências acabam favorecendo os grandes grupos econômicos. Quase sempre os recursos passam pelos intermediários das oligarquias, pelos políticos envolvidos na aventura das oligarquias. Quem vai ao Maranhão vê que nas ruas de São Luiz a pobreza é a mesma que existia no passado recente. Vai para o interior, e a despeito da estrada-de-ferro, a despeito de tudo, o desenvolvimento é de fachada, e concentra-se nas agropecuárias da Baixada Maranhense. O próprio Maranhão não sofreu grandes mudanças. Enquanto isso há um processo social extremamente perverso de concentração de uma grande massa desempregada em Imperatriz e Marabá.

Por fim, nós temos certas regiões que

Caetères não identificou. Temos uma grande região costeira extremamente favorável ao lazer, e no entanto vitimada por uma especulação generalizada, loteamentos efetuados desprezando as condições naturais, o espaço transformado em mercadoria.

Portanto, nos países de estrutura subdesenvolvida em que a oligarquia é muito forte e trabalha sem peias, há problemas que vêm do desenvolvimento, problemas que vêm da pobreza, e tudo se soma a serviço da degradação da qualidade de vida e também do ambiente. Isto pode afetar qualquer região, dentro de condições em que as oligarquias continuem vencendo a própria legislação e a população pobre se a relegada a se adaptar às circunstâncias para conquistar e manter empregos.

**Classe: A ONU divulgou recentemente um documento a respeito da concentração humana em grandes cidades no final do século 20. Observando o estudo com atenção era possível associar crescimento urbano desordenado diretamente com pobreza. Das dez maiores cidades do mundo no ano 2000, oito estarão nos países subdesenvolvidos. Como o senhor vê esta relação?**

**Aziz Ab'Saber:** Esta é uma das minhas preocupações permanentes. Há quarenta anos quando se falava de grandes aglomerações humanas exemplificava-se sempre com as cidades e os arredores de cidades da Ásia de Sudeste, consideradas verdadeiros formigueiros humanos. Hoje os formigueiros humanos estão dentro dos países do terceiro mundo, e nós temos no Brasil alguns deles.

Veja o caso de São Paulo. Foi o centro principal em capacidade de atração de mão-de-obra pobre de todo o país. Correntes migratórias enormes vieram do interior do Nordeste, do Vale do S. Francisco, de certas áreas de Minas, das terras empobrecidas porque não estavam vivendo um ciclo econômico. E estes contingentes que fugiam da pobreza por aqui, inclusive porque não se adaptavam ao frio dos planaltos sulinos.

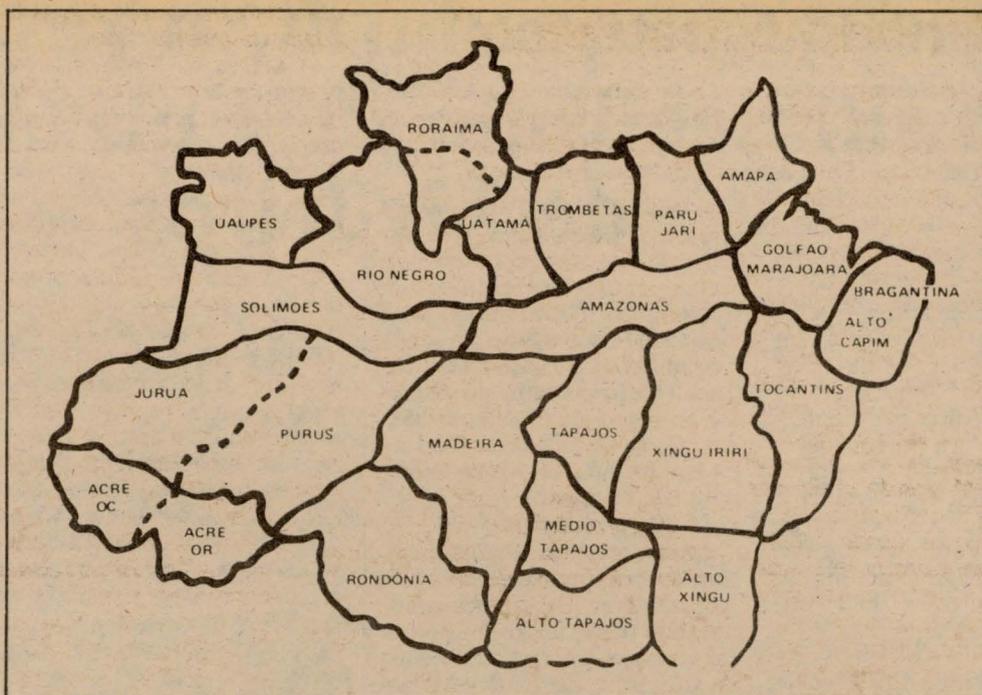
O resultado é que a cidade tem uma oferta de mão-de-obra muito maior que a capacidade de oferecer emprego. E hoje os que aliciaram esta mão-de-obra — e houve inclusive muito aliciamento forçado — reclamam porque há pobreza demais. Esquecem que foi a pobreza que criou a mão-de-obra da riqueza...

O fenômeno não é exclusivamente paquista. Subsidiariamente algumas capitais regionais receberam massas humanas grandes sem ter condições de abrigá-las. É Manaus, com suas imensas favelas de igapés, com pelo menos 400 mil habitantes, de um total de 700 mil, inteiramente marginalizados. É Recife, aquela pobreza imensa, ruas e ruas repletas de vendedores ambulantes, de gente que a indústria perambulante não empregou.

### Formigueiros humanos modernos estão no terceiro mundo

Por tudo isso é possível concluir que no continente sul-americano a grande cidade é o termômetro maior do subdesenvolvimento. E o exemplo maior de tudo isso é São Paulo. Carapicuíba, um município da região metropolitana, tem 34 quilômetros quadrados, e 400 mil habitantes. A gente passa pelas ruas e vê esgotos a céu aberto, isso a poucos quilômetros da Avenida Paulista, que é um modelo que nada fica a dever a qualquer cidade do primeiro mundo.

Dai porque é uma balela pensar, como senhor Jânio Quadros e outros, que eliminando uma ou duas favelas estão resolvendo um problema social. Eles estão apenas fazendo um pequeno projeto de sepsia para seus olhos... ou olhos de



Zoneamento: a Amazônia dividida em 23 sub-regiões mais homogêneas

uma burguesia que não gosta de pensar que existem favelados.

**Classe: Este pensamento parece estar por trás também das opiniões de certos setores que criticam a prefeita Luiza Erundina por ter paralisado obras faraônicas que estavam sendo realizadas nas regiões mais ricas da cidade.**

**Aziz Ab'Saber:** Eu acho que há vários erros do PT. Erros da campanha e erros da própria administração. Mas a herança que a prefeita Erundina recebeu do senhor Jânio Quadros é algo cavalhar. Ao invés de entender a problemática ecológica, social, de São Paulo e da região metropolitana, este senhor optou por fazer o mesmo tipo de obra do passado. Obras executadas para atender as necessidades e os interesses das oligarquias, como o túnel ligando o Morumbi, habitado por algumas famílias mais ricas da cidade, e o centro.

### Jânio fez o tipo de obra que serve apenas à aristocracia

Além disso, houve uma série de artimanhas pérfidas das oligarquias. Colocar lixo em montões em horas inadequadas na área central, deixando os catadores de lixo, que são numerosos porque a pobreza é numerosa, formar aquele caos com o lixo urbano. Há portanto uma reação "branca", mas impressionante, porque muita gente mandava cartas para os jornais, reclamando da sujeira em que a cidade amanhecia e ignorando que havia gente organizando deliberadamente o empocalhamento das ruas.

**Classe: O senhor é também um estudioso dos problemas amazônicos, e tem defendido o zoneamento da região. Isso seria necessário uma vez que é impossível fazer um diagnóstico único, o apresentar saídas uniformes para uma região que é, no seu entender muito heterogênea. Além disso o senhor afirma que seria incorreto deixar a Amazônia inteiramente imune ao desenvolvimento econômico. Explique com mais detalhes a proposta.**

**Aziz Ab'Saber:** Eu tenho uma preocupação permanente com a Amazônia, como cidadão e como cientista. É uma região muito grande, são 3,5 milhões de quilômetros quadrados. É maior que a Argentina somada com duas vezes a França! Então, é um espaço enorme e não pode ser pensado como uma coisa única, um espaço homogêneo, sem história e sem diferenciações. Cada área da Amazônia tem a sua própria compartimentação em ter-

mos de topografia, de mosaico de solos, de drenagem de recursos naturais, eletricidade, sistema de circulação etc.

Nesse sentido, as pessoas que queiram ser úteis à Amazônia, e sobre tudo ao estoque de humanidade que está projetado sobre o alongado espaço amazônico numa marginalidade às vezes extrema tem de pensar na região em termos de células menores. Eu acabo de terminar uma primeira abordagem, em que fiz sucessivas subdivisões da Amazônia com objetivo de chegar a subunidades. Para racionalizar e apressar a pesquisa, porque o povo tem pressa e com razão, eu dividi a Amazônia em 22 ou 23 células. Há que conhecer tudo sobre estas regiões: sua rede urbana, seu problemas, os problemas do homem, os problemas da saúde pública, os problemas da educação, da circulação fluvial e de riquezas, quais as tendências atuais da economia depois da descoberta de minérios, de economicidades novas, que não eram pensadas até o tempo em que só se falava em borrachas e castanha. É eu chamo este estudo inicial de inventário dos problemas emergentes da Amazônia.

Também é necessário diminuir os espaços passíveis de serem utilizados nestas áreas gigantescas que a história acabou colocando nas mãos de alguns grupos econômicos. Áreas de 550 mil, 100 mil, 1 milhão de hectares, coisas verdadeiramente inconcebíveis em pleno século 20. Isso são feudos, nas mãos de gente que não tem nem discernimento para operar nestas áreas.

### A Amazônia não pode ser vista como um espaço homogêneo

Quero dizer que não há resposta dos tecnocratas às minhas propostas. Eles têm medo de propor qualquer coisa que fira, que provoque a reação das oligarquias. São uns covardes. E você veja então o drama da comunidade científica. Seria muito mais agradável nós estarmos fazendo nossos estudos, nossas pesquisas, que às vezes são lentas, em todos os níveis. Mas temos de ser ao mesmo tempo cientistas-pesquisadores, cientistas-recuperadores da ciência de todos os tempos, cientistas-recuperadores das boas idéias e ainda fazer política, no sentido de criar uma energia particular em relação à falta de conhecimento, à falta de boas propostas, à falta de brios de uma geração que foi transformada em eunucos das oligarquias dominantes.

**Classe: Usando como pretexto a devastação da floresta têm surgido nos últimos meses propostas de retirar a soberania brasileira sobre a Amazônia. Como o senhor vê este tipo de proposta?**

**Aziz Ab'Saber:** Foi muito bom você fazer esta pergunta. Eu tenho uma posição muito particular sobre isso. Eu fico furioso quando alguém começa a propor a interferência na soberania brasileira. Eu acho que soberania não se discute. Quando uma pessoa tem uma posição cultural de amarração com o chão de seu país nem discute a soberania.

Agora, eu considero a coisa mais normal do mundo que numa era em que as pessoas têm recursos tecnológicos para saber o que está ocorrendo em lugares distantes, e em que todo o mundo tomou conhecimento das grandes queimadas praticadas na Amazônia, surja uma enorme revolta contra a impotência, a permissividade do governo brasileiro em relação a estes absurdos.

Não me interessam também estas propostas de chegar e dizer: "Vamos comprar terras na Amazônia para que elas não sejam devastadas." Isto é uma coisa pontual, fragmentária. É preciso, ao contrário, entender a complexidade imensa da região amazônica. Ela possui áreas a serem defendidas através de parques nacionais, estações ecológicas, florestas nacionais, estações biológicas, santuários, e áreas que podem ser liberadas dentro de um critério de permitir que em espaços pequenos sejam experimentados novos modelos de economicidade.

**Classe: O senhor tem se colocado há tempos como um homem de esquerda. E as esquerdas brasileiras estão diante de uma situação talvez inédita. Depois de muitos anos condenadas a uma situação secundária vêm-se com possibilidades concretas de vencer as eleições presidenciais. Como o senhor enxerga este fenômeno?**

**Aziz Ab'Saber:** Eu adquiri a convicção de que é impossível sair do subdesenvolvimento dentro dos limites do pensamento da direita ou do centro direita. É preciso que exista uma esquerda forte, capaz de organizar esta imensa massa de trabalhadores, que é o motivo fundamental do pouco progresso alcançado e no entanto vive sob completa marginalização.

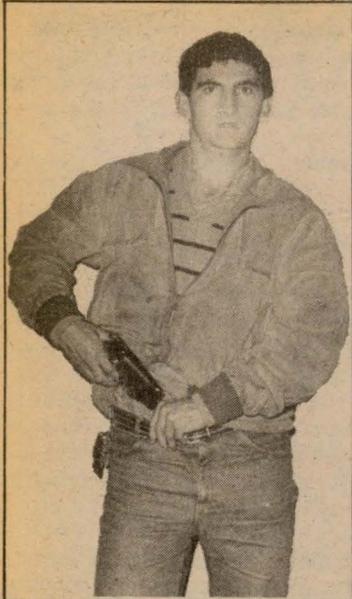
### Pobre do país que não tem uma esquerda forte

A minha medida sobre a importância da existência de uma esquerda forte num país de estrutura social subdesenvolvida é a Argentina. Lá houve recentemente uma eleição em que não havia esquerda. Ambos os grandes partidos que movimentavam as massas humanas eram de direita. Esta ausência de uma esquerda vigorosa, presente na vida política diária da nação, diminui muito a própria força da população argentina em termos de aspirações, de expectativas. A gente só pode esperar que isto um dia seja superado.

No Brasil a situação é diferente. Pela primeira vez surgiu a oportunidade das esquerdas se organizarem fora da clandestinidade, que é a pior condição possível para os homens que pensam e lutam por um país mais democrático e igual.

Por isso, eu estou acompanhando com muito cuidado o comportamento e a estratégia das esquerdas no Brasil, sem que necessariamente eu seja um homem, de São Paulo, de quem não possui uma esquerda forte e organizada, e onde não surge a união das esquerdas nas horas cruciais da vida política. E sinto que estamos nos aproximando de um destes momentos históricos.

Paulo Torraca/Fotón



Valdir, irmão do diretor do sindicato, Paulo Pereira (Zona Oeste-Água Branca), saca o revólver no Congresso dos Metalúrgicos

Carlos Pompe

**Um metalúrgico ferido a bala, vários espancados, jornalistas agredidos. Um caso de polícia. É como pode ser classificado o 9º Congresso dos Metalúrgicos de São Paulo, convocado pelo "sindicalista de resultados" Luiz Antônio de Medeiros.**

O congresso foi convocado para os dias 7, 8 e 9 de julho. E começou solene: o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Medeiros, convocou todos os presentes para entoarem o Hino Nacional. Os 300 operários presentes ergueram as mãos e começaram o "Ouviram do Ipiranga". Quando concluíram com o "Pátria amada, Brasil", sindicalistas levantaram, no fundo da sala, três faixas: "Queremos democracia no sindicato — Trabalhadores da Mapri"; "Divergências de opinião devem ser debatidas e não ignoradas — Trabalhadores da Mafersa"; "Derrotar a política salarial do governo — Unificar as categorias na luta — Metalúrgicos da CUT."

Foi o que bastou. "Bate estaca", Edvaldo, Tarugo e outros marginais ligados à diretoria do sindicato atacaram os operários que seguravam as

faixas. Luiz Medeiros, que no microfone afirmava que "as portas do sindicato estão abertas para todos", imediatamente mudou o discurso e começou a atacar "os provocadores que vêm tumultuar o congresso". O arripelego presidente da Federação dos Metalúrgicos de São Paulo, Argeu dos Santos, também incitou os presentes contra os "baderneiros que só vêm aqui para atrapalhar. O Luiz Antônio é presidente do sindicato e vocês vão ter que aturar ele por mais 3 anos"...

Os operários da União Metalúrgica e da CUT ainda tentaram contornar a situação, evitar o confronto e conversar com a diretoria para garantir sua presença no plenário. Luiz Antônio deixou o microfone para conversar com eles. O elemento conhecido como "Bira" — diretor do sindicato — tomou o microfone e começou a gritar "Fora! Fora!", atirando os bandidos a serviço da diretoria contra os operários.

#### Agressão brutal

Enquanto a diretoria do sindicato insinuava que eram os operários que provocavam a confusão, os bandidos entraram em ação. "Bate estaca" deu um soco no estômago da fotógrafa Cristina Rufalto, do "Diário Popular". Sueli Costa Dantas, fotógrafa da "Pastoral Vergueiro", foi agredida por Edvaldo, que lhe tirou e pisoteou a máquina. Paulo Torraca, da **Classe Operária**, teve sua máquina danificada por Tarugo. O repórter Juvenal Pereira, da "Folha de S. Paulo", foi agredido...

Mas os principais alvos dos "sindicalistas de resultados" foram os operários. Um foi baleado, vários espancados. O secretário da regional da Grande São Paulo da CUT, Sebastião Lopes Neto, foi lançado ao chão e pisoteado.

A situação ficou insustentável. As palestras de abertura

Aguinaldo Zardenoni/Fotón



A "democracia" no congresso do Luiz Antônio

# Tiro e pancadaria, o resultado do sindicalismo de Luiz Antônio de Medeiros

Paulo Torraca/Fotón



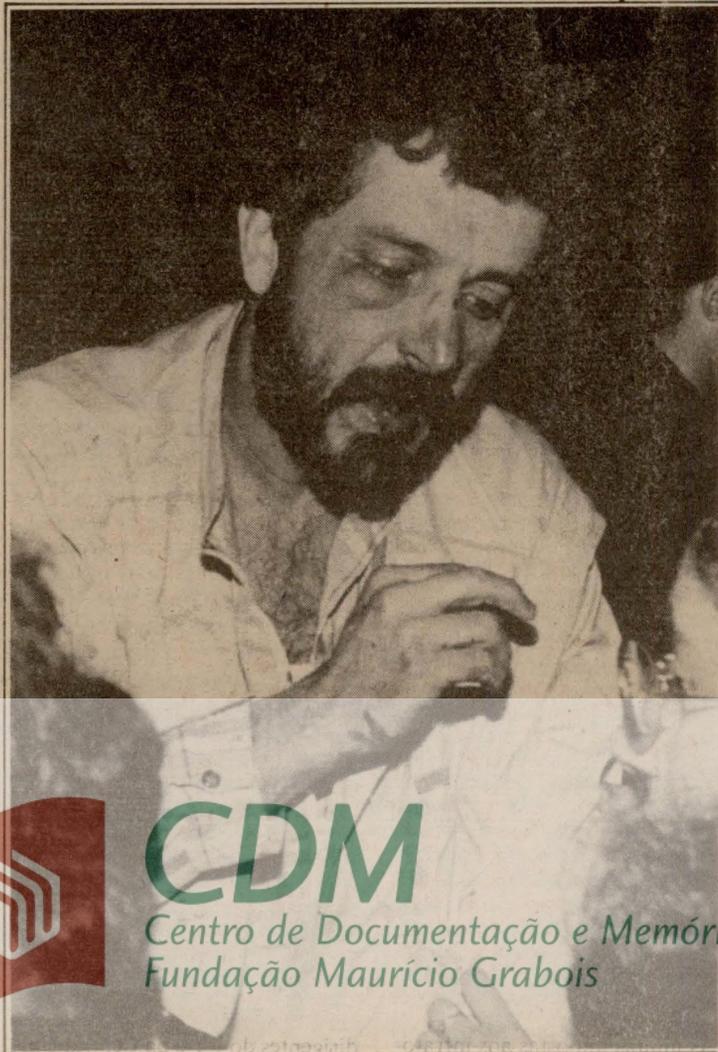
A faixa que despertou a ira dos "sindicalistas de resultados"

Na opinião de Vital Nolasco, o congresso foi revelador: "É lamentável presenciarmos esse retrocesso no maior sindicato da América Latina. Mas os operários vão aprendendo na prática o que é o tal 'sindicalismo de resultados'. É a quarta reunião importante que vira pancadaria. No congresso da CGT em 88 e 89 o pessoal do Luiz Antônio e do Magri partiu para a agressão física. No Congresso da CGT em Minas também houve pancadaria, e agora no congresso dos metalúrgicos... Trata-se de um

sindicalismo fascista, que não permite o debate de idéias."

O metalúrgico e vereador comunista enfatiza, no entanto, que é necessário dar a volta por cima: "Para que a categoria metalúrgica de São Paulo possa recuperar sua tradição de luta, é necessário desmascarar esta diretoria inoperante, que faz do sindicato um mero veículo de promoção pessoal, servindo a meia dúzia de oportunistas. E isto só poderá ser feito com o avanço da luta operária, recolocando o sindicato nas mãos dos verdadeiros representantes da categoria."

Pepe./Fotón



Sebastião Neto foi derrubado e pisoteado

do congresso, sobre previdência social (advogado Aníbal Fernandes) e situação econômica (Valter Barelli, do Dieese), tiveram que ser canceladas. Os sindicalistas da CUT e da União Metalúrgica abandonaram o encontro.

#### Congresso manipulado

Os acontecimentos da abertura foram uma seqüência lógica do tipo de sindicalismo adotado por Luiz Antônio. Vital Nolasco, ex-diretor do sindicato, líder da União Metalúrgica e vereador pelo PCdoB paulistano, denunciou as falcatruas da atual diretoria: "Nem sequer o temário do congresso foi apresentado à categoria. A inscrição de delegados, por exemplo, foi tendenciosa, pois só conseguiram se inscrever aqueles que compactuam com a diretoria. Eu mesmo tentei me inscrever para delegado por várias vezes e este direito me foi negado, bem como a inúmeros outros metalúrgicos da Metal Leve, Mapri, Mafersa, Autolatina etc."

Esvaziado e sem representatividade, o congresso acabou sendo um monótono encontro para referendar as propostas do "sindicalismo de resultados". Fiel ao presidente da Federação das Indústrias (patronal), Mário Amato, Luiz Antônio fez aprovar teses que envergonhariam qualquer sindicalista que tenham um mínimo de compromisso com os operários.

A estabilidade no emprego, por exemplo, deixa de ser um dos carros chefes da campanha salarial que se inicia em agosto (a data-base é 1º de novembro). Foi substituída por uma "cesta básica" que complementar — na versão de Luiz Antônio — os salários arrojados. São as migalhas dos banquetes dos burgueses que sobrarão para os escravos do capital. Segundo o sindicalista dos olhos de Mário Amato, os operários agora têm que "aprender a conviver com a hiperinflação"...

#### Lágrimas e fracasso

Absolutamente desmoralizado no episódio, Luiz Antônio de Medeiros chorou e confessou que "a oposição saiu agredida, mas venceu a batalha política" no congresso. Contudo não está disposto a largar a rapadura: disse que "mais do que nunca" está disposto a se reeleger para a presidência da entidade, embora não tenha conseguido antecipar a eleição para este ano e nem aprovar a filiação do sindicato à CGT de seu comparsa Antônio Magri (outro papa do "sindicalismo de resultados").

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# Nasce a Chapa dos eletricitários

Lejeune Mato Grosso \*

Realizada no último dia 14 de junho, quarta-feira, na quadra do Sindicato dos Bancários de São Paulo, a Convenção Geral dos Eletricitários aprovou a indicação dos 24 nomes dos candidatos que integrarão a chapa que concorrerá às eleições para a diretoria do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo, cujo atual presidente é Antonio Rogério Magri, porta-voz do novo peleguismo sindical no Brasil, que atende pelo nome de sindicalismo de "resultados" (de negócios).

Com a presença de mais de 500 trabalhadores de todas as áreas das empresas da base do sindicato (Furnas, Eletropaulo e CESP), a convenção foi realizada num clima de entusiasmo e alegria.

A mesa diretora dos trabalhos contou com a presença de presidentes e diretores de Sindicatos de Eletricitários de vários Estados brasileiros, além de representantes da CUT Nacional e Estadual, com Gilmar Carneiro e Arlindo Chiná-

glia e da Corrente Sindical Classista — CSC, com Nivaldo Santana e Jamil Murad.

A Convenção praticamente homologou os 24 nomes que já tinham sido previamente eleitos nas regiões de base das empresas, através de convenções regionais e/ou prévias, onde mais de 3 mil trabalhadores eletricitários, de forma democrática, escolheram quais seriam os nomes dos seus candidatos nas áreas.

## "Chapa dos eletricitários"

Após a homologação dos 24 nomes, foram indicados os membros da executiva e em seguida a respectiva distribuição dos cargos entre os indicados. Duas chapas foram apresentadas na configuração dos cargos e mais uma vez, democraticamente, os trabalhadores escolheram, com mais de 90% dos votos dos convencionais, a chapa que representa a unidade da categoria. Encabeçada pelo sindicalista e presidente do Conselho de Representantes dos Empregados da

Eletropaulo, Denilvo Moraes, a chapa, denominada de "Chapa dos eletricitários", conta com Benjamim de Barros para a secretaria-geral da entidade. A composição da chapa reflete o espectro de forças que atuam na CUT, na Corrente Sindical Classista e trabalhadores independentes, unidos com o objetivo de derrotar um dos maiores pelegos do sindicalismo brasileiro.

Após isso, foi escolhido um Conselho Consultivo, que atuará conjuntamente com a diretoria, composto por mais 32 trabalhadores das três empresas da base do sindicato. O compromisso de todos é pela democratização do sindicato, com a convocação, logo que eleito, de um congresso da categoria, para reformular os estatutos da entidade a traçar os principais planos de trabalho.

Quanto à questão da filiação do Sindicato a uma central sindical, a postura da "Chapa dos eletricitários" é de que isso deve ser amplamente debatido com os trabalhadores e decidido em um congresso. É preciso ressaltar, porém, que



A oposição, acesa para derrotar o pelego Magri

praticamente todos os integrantes da chapa entendem que a CUT é hoje a central que reúne as melhores condições de exercer o papel unificador dos movimentos sindicais no país.

A campanha já está colocada nas ruas, com a divulgação do programa da chapa para debate entre os trabalhadores. Para os próximos dias estão previstos a

distribuição de material de campanha. Daqui para frente, as entidades sindicais progressistas e defensoras de um sindicalismo classista e combativo estão chamadas a contribuir de todas as formas possíveis para auxiliar a vitória da "Chapa dos eletricitários".

(\* Sociólogo e colaborador de A Classe Operária)

## Imprensa amordaçada na Paraíba

Miguel Lucena \*

Uma crise sem precedentes toma conta da imprensa paraibana. Os órgãos de comunicação, atrelados ao governo do Estado, com raríssimas exceções, nada informam à opinião pública além das obras governamentais. E agora, afrontando a Constituição do país e a sociedade, impedem a circulação de notícias sobre os movimentos grevistas, caluniam sem permitir o direito de resposta, preparam as chamadas "listas negras" de lideranças políticas e sindicais e demitem em massa os trabalhadores da área de jornalismo que ousam reivindicar melhorias salariais e de trabalho.

Os jornais paraibanos e as televisões pagam, hoje, os piores salários do país. Até a greve de 15 dias realizada pelos jornalistas em abril deste ano, o piso salarial da categoria não passava de NCz\$ 130,00. Este quadro contrasta com a situação financeira das empresas, que lucraram no ano passado aproximadamente um milhão de cruzados novos oriundos das verbas publicitárias do governo.

### Greve

Apesar do poderoso movimento que paralisou cerca de 90% das redações de João Pessoa, os profissionais de imprensa têm uma remuneração insignificante — NCz\$ 175,00, pouco mais de um salário mínimo.

Enquanto arrocham salários, os empresários adotam medidas que ultrapassam as raías do absurdo. Em represália à greve de abril, já demitiram 59 jornalistas — metade da categoria na Capital, em atividade — e apresentaram aviso-prévio a todos os dirigentes do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba, infringindo a legislação que garante a imunidade sindical. Insatisfeitos, descontam, a seu bel prazer, faltas de dias que foram trabalhados e atrasam o pagamento de seus funcionários em até 15 dias e, às vezes, o fazem com cheques sem provisão de fundos.

As multas impostas aos infratores pela Delegacia Regional do

Trabalho, geralmente pequenas e pagas em valor-referência, não são suficientes para inibir a sanha exploradora dos empresários — reis da propina e da falta de vergonha.

Reunidos no período da greve, os patrões tomaram uma decisão que consideram "ponto de honra": destruir a organização dos jornalistas, cujo sindicato é tido, entre os profissionais de imprensa, como um dos mais atuantes e combativos do país. Para isso, utilizam escribas de aluguel, meia dúzia de traidores da categoria, que passam a hostilizar a entidade de classe, mentir para a opinião pública, sem permitir o direito de resposta.

Acusam o sindicato, entre outras coisas, de ser um "braço do PCdoB" e que seus dirigentes recebem treinamento de guerrilha da Albânia. Nada mais mentiroso. A entidade, na verdade, tem na sua direção vários comunistas, inclusive seu presidente, Carlos César Muniz, testados na luta e que, juntamente com as forças progressistas e democráticas, desde os independentes até petistas e cutistas, tiraram o sindicato das mãos dos pelegos e mudaram a sua história de mais de 20 anos de inoperância, cupulismo e peleguismo.

Uma campanha de calúnias e difamações tomou corpo nas páginas dos principais jornais do Estado, que tentam passar uma imagem dos dirigentes do sindicato de baderneiros e desvairados. E, para substituir os profissionais que fizeram greve, as empresas passaram a contratar pessoas sem a mínima qualificação, chegando a promover contínuos para exercer a função de repórteres. A entidade não vacilou: entrou com uma ação contra os infratores, contra o exercício irregular da profissão e o charlatanismo.

Nas páginas dos jornais de João Pessoa — à exceção de "A Tribuna" e "A União", que pagam os salários reivindicados e onde não houve greve — não saem notícias sobre o PCdoB, a Corrente Sindical Classista e ainda sobre alguns dirigentes do PT e da Central Única dos Trabalhadores. Parlamen-

tares que apoiaram a greve, a exemplo do comunista Renô Macaúbas e do petista Derly Pereira, não têm seus atos divulgados na imprensa.

As redações dos jornais "O Norte", "Correio da Paraíba" e "O Momento", os maiores do Es-

## CURTAS

Com a presença de mais de 200 delegados de todas as áreas da saúde pública do Estado de São Paulo, foi fundado, no último dia 17 de junho, o Sindicato dos Trabalhadores Públicos em Saúde do Estado. A base de trabalhadores em todo o Estado compreende mais de 60 mil. A perspectiva é reunir todas as áreas da Secretaria de Saúde em São Paulo, criando Delegacias Sindicais por locais de trabalho e por região. A chapa vencedora no congresso estadual da categoria, composta por sindicalistas da CUT e da Corrente Sindical Classista, tem como secretária-geral a médica Júlia Roland, coordenadora estadual da CSC em São Paulo e os companheiros Antonio Carlos, Gilda, Avelina, Sebastião, Maria José e Mário.

Com bastante restrição à presença dos delegados das entidades, foi realizado no último dia 30 de junho e 1 e 2 de julho, o Congresso Estadual dos Químicos de São Paulo. Com cerca de 100 delegados presentes, os pelegos de parte da diretoria da federação alinhados com o sindicalismo de "resultados" (de negócios), capitaneados pelo sr. Pedro Gonçalves, magistrado de quatro costados, impuseram grandes manobras para que as teses da CUT e Corrente Classista não fossem levadas à plenária final, ainda que as mesmas tivessem sido aprovadas em alguns grupos. Ao final, cerca de 42 delegados se retiraram do congresso e emitiram uma nota aos trabalhadores químicos de São Paulo e à imprensa, denunciando as atitudes arbitrarias. Essa nota, assinada por nove sindicatos da CUT e da CSC, pelo Departamento Qui-

mico da CUT e pela Corrente Sindical Classista, chama à unidade dos trabalhadores em torno das propostas mais avançadas.

A Assembléia Geral do Sindicato dos Metroviários de São Paulo, decidiu no último dia 4 de julho, com a presença de cerca de 120 trabalhadores, e por unanimidade, antecipar as eleições para a renovação da diretoria do sindicato. Elas ocorrerão nos dias 10, 11 e 12 de outubro. Mas a decisão mais importante é a realização de uma Convenção Geral dos Trabalhadores, que escolherá a chapa. Essa escolha será de forma proporcional e espera-se que seja uma chapa única que concorra às eleições em outubro. Para a convenção, que ocorrerá no dia 27 de julho no Sindicato dos Bancários, duas chapas devem disputar as eleições. Uma delas, encabeçada pelo metroviário Wagner Gomes, da Corrente Sindical Classista, que conta com o apoio de uma parcela da atual diretoria e outra, do PT—Articulação.

Será realizado nos dias 14, 15 e 16 de julho, em Perus, o Congresso Estadual dos Trabalhadores na Indústria da Alimentação de São Paulo. Os trabalhadores que apoiam a Corrente Sindical Classista, diretores do Sindicato dos Laticínios de São Paulo, tendo à frente o companheiro Vanderley, apresentarão teses ao congresso. A CSC está articulando uma bancada de delegados, contando com o apoio de sindicalistas de outras entidades. Esse congresso será também preparatório para o Congresso Nacional, que será realizado no mês de setembro deste ano.

gramas e cartas, mas a resposta das empresas é a perseguição raiosa aos participantes do movimento e dirigentes sindicais.

(\* correspondente da Classe na Paraíba)

Realizou-se no último dia 5 de julho, quarta-feira, uma reunião da Coordenação Estadual da Corrente Classista que, entre outras decisões aprovou a incorporação de alguns sindicalistas à própria coordenação. Entre eles encontram-se Wagner Gomes, dos metroviários, Raquel Guizoni, dos professores estaduais, Helena Freitas, dos professores da Unicamp, Vital Nolasco, metalúrgico da capital, Gregório Poço, dos condutores da capital, Cláudio Gomes, dos professores municipais e Márcio Caiado, dos bancários de Campinas. Outra importante decisão foi marcar o Encontro Estadual da Corrente Classista de São Paulo para o dia 13 de agosto, domingo, o dia todo. O local e os critérios de participação sairão brevemente. O mais importante é que sairá a curto prazo um boletim da corrente em nível estadual.

Desde a sua fundação, em 9 de abril, a Corrente Sindical Classista vem obtendo significativas vitórias no Estado de São Paulo. Se no início das suas atividades eram menos de 30 entidades sindicais que apoiavam as concepções classistas de sindicalismo, hoje esse número ultrapassa a casa das 60 entidades, todas elas praticamente atuando no campo da CSC. Dentre os diretores dessas entidades, mais de 150 são apoiadores da corrente, entre eles mais de 20 presidentes de entidades, 13 secretários-gerais e dezenas de diretores de entidades. Espera-se que esse número cresça ainda mais com a reorganização da Coordenação Estadual da Corrente no Estado e com a realização do Encontro Estadual em agosto.

## CONSCIÊNCIA SOCIALISTA

### Afirmar o Partido na construção da frente

Rogério Lustosa\*

*Tudo através da frente ou tudo pela independência do partido? Esta falsa polêmica prejudica a atividade de bons companheiros. O partido não pode manter sua independência sem lutar incansavelmente pela construção e fortalecimento da Frente Brasil Popular. E sem a participação ousada e independente do destacamento de vanguarda da classe operária, a frente perderia seu perfil amplo e combativo.*

#### Ampliar os limites

*O Partido pode perder sua cor se, a pretexto de manter a unidade, abdicar de suas concepções. Mas pode igualmente ficar a reboque, se, na prática, aferir-se a posições intransigentes, que "marquem" a sua fisionomia, mas que não tenham repercussão no seio das massas.*

*Pode diluir-se por "contentar-se" com os limites impostos pela realidade. Como pode ficar imobilizado, de fato, por estabelecer metas irreais. Atitude revolucionária é aquela que trata em cada momento de ampliar os limites e forçar, sem desconhecer as condições concretas, o máximo de conquistas que interessam ao proletariado.*

*Tanto acomodar-se e navegar pelo mais fácil como colocar-se à margem do curso real na tentativa de um "caminho próprio", idealizado por considerações ultra-radicalas, conduzem à paralisia.*

#### Imprimir a marca

*Para manter sua independência, o proletariado deve não apenas elevar a sua consciência revolucionária e a sua mobilização. Precisa situar-se na luta de classes, de modo a arrastar para as tarefas orientações capazes de incorporar as forças aliadas. Colocar em pauta objetivos avançados, que sensibilizem vastas camadas*

*sociais. Isto é que caracteriza, concretamente, uma política de maioria.*

*O Partido precisa participar efetivamente do movimento social e tornar-se capaz de imprimir a marca proletária aos acontecimentos. Luta pela construção da unidade com o maior empenho. E, na realização deste objetivo, que corresponde aos anseios do povo, destaca-se como vanguarda. Não se restringe a "ser" combativo. Trabalha para que a unidade obtida com a Frente Brasil Popular se consolide e adote um perfil avançado, como a realidade exige.*

*Independência e autonomia são, portanto, questões de natureza prática. Não são resolvidas formalmente. O Partido representa, por sua fidelidade ao marxismo-leninismo, as idéias de vanguarda do proletariado. Mas exerce concretamente a sua missão histórica de direção revolucionária na medida em que obtém o reconhecimento dos trabalhadores e demais camadas interessadas nas transformações sociais.*

#### Falsa contradição

*Em nosso país, o desenvolvimento das lutas políticas revelou para o povo a necessidade de sua unidade, livre da influência das classes dominantes, para derrotar a oligarquia. Mas o amadurecimento desta união ainda depende de muita atividade das forças mais progressistas da sociedade.*

*O Partido tem hoje o desafio de ser o campeão da unidade. Longe de se perderem na falsa contradição apresentada no início desta coluna, os comunistas farão o máximo pela frente, afirmando incansavelmente o papel revolucionário da classe operária e defendendo os seus princípios. As duas tarefas são complementares.*

\*Da direção nacional do PCdoB

## Propaganda: ciência e arte

Nem todo mundo ri da mesma coisa. O humor não é neutro. Partindo desta afirmação, o chargista Fortuna imprimiu à sua exposição, no curso de propaganda do PCdoB, um tom avançado, progressista, e, ao mesmo tempo, didático e agradável. O curso realizou-se em S. Paulo, entre 20 de junho e 4 de julho.

Além das aulas teóricas, elaboradas pela Comissão Nacional de Propaganda do Partido, diversos amigos contribuíram com conhecimentos e experiências concretas da sua área profissional, enriquecendo as informações obtidas nos oito dias dedicados à teoria.

### LUTA DE IDÉIAS

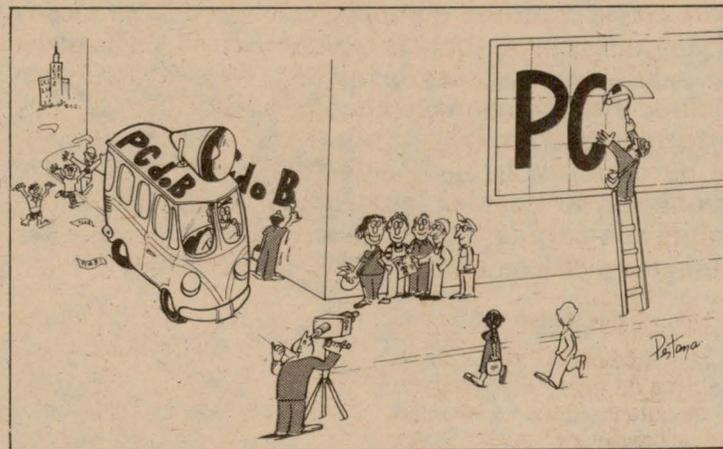
As quatro primeiras aulas trataram da formação das idéias, da ideologia e da consciência social e, em particular, de aspectos da psicologia de massas. Estes temas foram abordados não no abstrato, mas diretamente para orientar o estudo da propaganda.

Os homens destacam-se dos animais porque agem sobre o mundo com vontade e emoções, o que fazem "é construído" previamente nos seus cérebros. A teoria que elaboram não só ilumina a sua atividade como faz parte do que acontece. A propaganda trata deste aspecto da vida social: da luta de classes no terreno das idéias. As formas deste combate, os meios utilizados, os mecanismos da atenção, as diferenças entre os métodos burgueses e revolucionários, foram estudados em outras quatro aulas.

Vencida esta etapa, o curso prosseguiu com 12 painéis, em quatro dias consecutivos. Além de Fortuna, camaradas e amigos como Jair Borin (jornalista, professor, atual diretor do departamento de jornalismo da Escola de Comunicações da USP), Carlos Azevedo (que fez o roteiro de nosso último programa de TV), Duarte Pereira (jornalista e pensador), Hugo Brocks (publicitário goiano), Gastão e Osvaldo (profissionais de vídeo), Jaime Sautchuk, Nereide, Pedro Oliveira, trouxeram suas colaborações específicas e foram submetidos a uma verdadeira maratona de perguntas. Os alunos, dirigentes regionais de todo o país, trataram de extrair o máximo de cada palestrista.

### SUAR A CAMISA

Foi feita uma análise rápida, com exemplos mais típicos, de materiais impressos e de TV. Várias vezes, já como resultado do estudo anterior, bastava o expositor mostrar os panfletos, jornais, programas



de vídeo, e todos apontavam as falhas e ressaltavam as qualidades.

Ficou evidente a necessidade de especializar os camaradas que trabalham nesta área, estudar e ser implacável com os erros. Um dos conferencistas foi enfático: um bom material de propaganda em geral pressupõe outros 15 na lata do lixo. Contentar-se com a primeira idéia reflete desinteresse, falta de espírito científico e revolucionário.

Estas duas semanas de debates e leituras aprofundaram em muito a compreensão do Partido da gigantesca tarefa que temos pela frente. A propaganda cuida de adequar o pensamento das massas trabalhadoras à sua situação objetiva. Este não é um processo que possa ser resolvido rotineiramente ou com simples boa vontade.

Além disto, o proletariado deve levar o combate das idéias a todas as camadas da população, enfrentando o aparato cultural das classes dominantes. É certo que temos ao nosso lado a ciência social mais avançada. Mas sem encontrar formas simples, criativas, diretas, que comovam e convençam milhões, não cumprimos a responsabilidade que nos foi confiada pelo Partido e pela classe operária.

Por fim, uma conclusão urgente, que o curso explicitou, foi a de padronização nacional de nossos símbolos, sob pena de descaracterizarmos os nossos materiais de propaganda. Marcas e logotipos são instrumentos para facilitar a identificação do Partido. Não podem ficar ao sabor de uma inspiração ocasional ou de gostos localizados. Em todos os níveis os comunistas devem tomar providências imediatas para acabar com a dispersão existente. (R.L.)

## Ativo para discutir A Classe Operária

O curso de propaganda do PCdoB foi encerrado com um ativo nacional sobre o órgão central do Partido, **A Classe Operária**. Secretários de agitação e propaganda e jornalistas comunistas de várias partes do país discutiram o jornal com a equipe de redação e a direção do Partido, a aprovaram tarefas para a difusão e aperfeiçoamento do quinzenário.

Foi o primeiro ativo para discutir **A Classe** desde que foi iniciada a sua 6ª fase, após o congresso do PCdoB no ano passado. A avaliação geral foi positiva, com destaque para a qualidade

que a imprensa partidária vem se caracterizando. Mas não foram deixados de lado os defeitos que ainda precisam ser corrigidos na elaboração do jornal, em especial na editoração e iconografia.

Contudo, a difusão e distribuição foram consideradas por todos como o "ponto de estrangulamento" do órgão central do Partido nesta atual fase. A colocação da **Classe** nas bancas e o maior empenho na venda de assinaturas foram algumas medidas destacadas neste setor. Na próxima edição trataremos deste importante trabalho.

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# Militância: compromisso com socialismo

A classe continua a publicar artigos de secretários de organização de comitês regionais do PCdoB acerca de palpitantes questões de interesse da militância partidária e do funcionamento do Partido à base dos princípios marxistas-leninista. Neste artigo o dirigente de organização do Partido na Bahia aborda um problema de singular importância: o significado da militância partidária para fazer face às exigências dos embates políticos e ideológicos da atualidade.

**Elias Ramos\***

As mudanças na situação política do país e o acirramento da luta de idéias na sociedade submetem a novos testes ideológicos o PCdoB e os seus militantes. O Partido Comunista do Brasil tem reafirmado, ao longo de sua existência, a sua coerência política e ideológica, colocando-se na vanguarda da luta pelo socialismo. Setores da militância, entretanto, apresentam tendência à desmobilização, revelando incompreensões sobre o processo político em curso e vacilações diante da luta ideológica.

Nos últimos anos a política brasileira tem experimentado modificações de certa envergadura, com expressões destacadas na campanha pelas **Diretas Já**, seguida da derrota do regime militar e do surgimento das condições objetivas para a aliança entre as forças de esquerda contra o centro e a direita.

## Um partido que marcha na defesa da unidade das forças populares

Com o fim do regime militar, o povo brasileiro acumulou rica experiência, e constatou que os partidos dominados pelo centro e o centro-direita, não eram nem são alternativas conseqüentes para a solução dos graves problemas do país. Por isso os derrotou fragorosamente nas eleições de 1988, propiciando larga vitória às forças de esquerda.

O PCdoB, que já vinha fazendo oposição aberta à "Nova República", analisou corretamente a situação daí emergente e propôs a articulação de uma frente das esquerdas para a apresentação de um candidato único no primeiro turno das eleições presidenciais deste ano e um combate mais permanente, com base nesta unidade, às forças das classes dominantes.

A união das esquerdas se consolida com a Frente Brasil Popular e a chapa Lula-Bisol. Nesta articulação, o PCdoB destaca-se como um partido que marcha com inquestionável unidade e perseverança na defesa da união das esquerdas.

Em escala internacional acirra-se a luta ideológica e a burguesia desenvolve intensa campanha anticomunista. Elabora "novas" teorias com vis-

tas a embelezar e dar novo fôlego ao decrépito sistema capitalista. Retoma, com nova roupagem, o desmascarado darwinismo social e prega a modernidade", apontando o individualismo como forma de saída para a grave crise do sistema capitalista, numa clara atitude daqueles que estão "vendendo o mesmo peixe dizendo que é fresco". Ao mesmo tempo, os revisionistas escancaram sua posição de traição à classe operária em defesa do capitalismo através da **perestroika**.

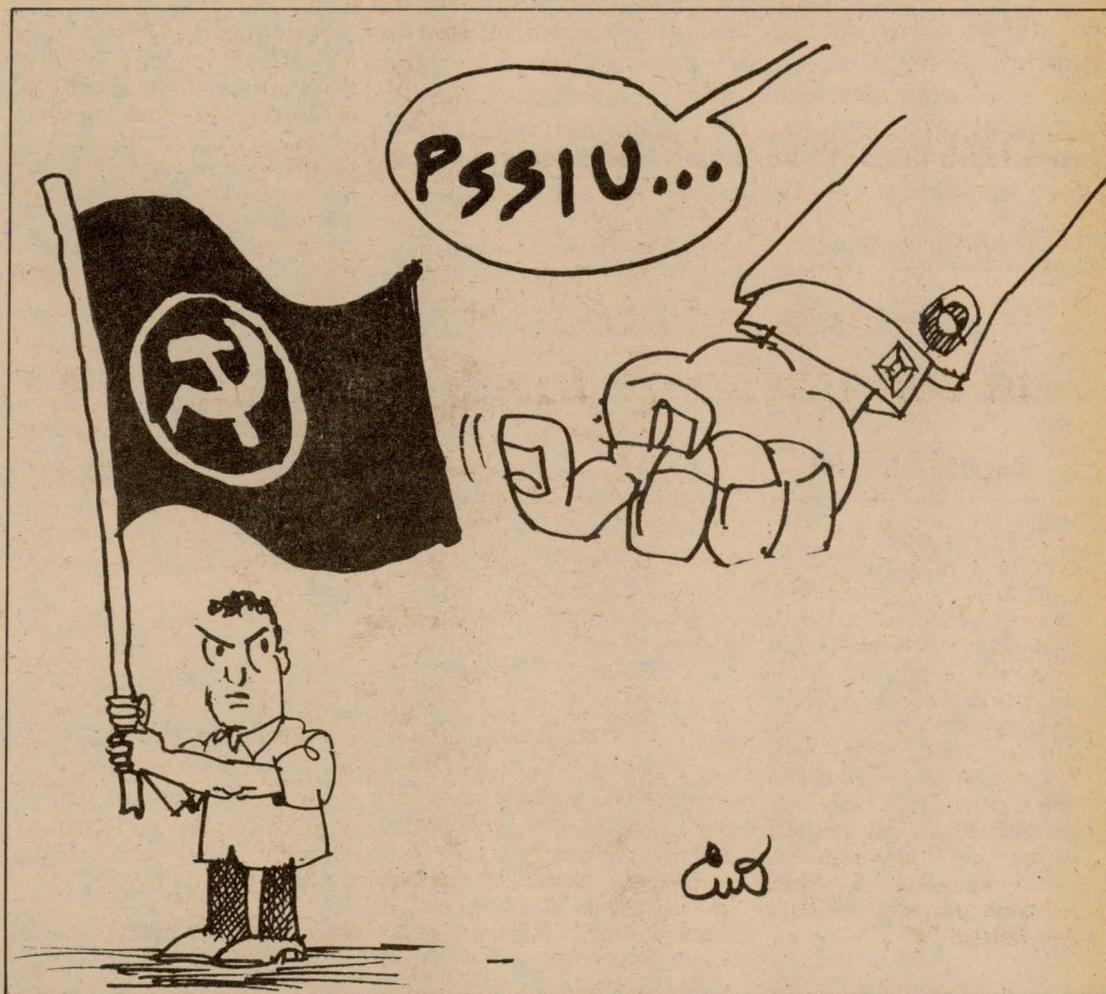
**Também aí o PCdoB tem tido uma atitude muito clara. No seu 7º Congresso denunciou a campanha anticomunista desenvolvida pela burguesia em plano mundial e desmascarou a perestroika como política da nova burguesia soviética, uma passagem do "revisionismo envergonhado, que procurava passar o contrabando burguês disfarçadamente, ao revisionismo sem máscara que adere abertamente ao capitalismo".**

O PCdoB tem, portanto, honrado os seus 67 anos de luta pelo socialismo no Brasil, adotando as posições políticas mais justas em cada momento, tendo por base a sólida unidade das suas fileiras.

## Há vacilações em setores da militância sob pressão burguesa

Entretanto, alguns setores do Partido, seja por incompreensões políticas ou por vacilações diante da campanha anticomunista da burguesia, apresentam tendências ao enfraquecimento da militância partidária. Alguns militantes passam a ter menor participação nas atividades cotidianas de mobilização das massas e sobrepõem seus interesses pessoais, menores, às cada vez maiores necessidades da luta revolucionária.

Trata-se de uma vacilação diante da propaganda burguesa contra a militância comunista, utilizada pelas classes dominantes com o objetivo de inibir a luta da classe operária pela sua emancipação política e social. Como uma verdadeira orquestração, picham-se muros com a inscrição "quem milita se limita", cultua-se o individualismo e difunde-se a idéia de "levar vantagem em tudo".



No terreno político, o rebaixamento da militância pode aparecer como incompreensão das modificações na situação do país. A mudança da realidade implica reajustar aspectos da tática do Partido. As alianças com o centro, feitas por força da situação objetiva, se esgotaram e o seu eixo passa a ser outro, o da aliança prioritária com as demais forças de esquerda. O apego às alianças passadas revela incompreensão quanto à luta pelo socialismo, bandeira maior do programa partidário, ou ilusão com as liberdades conquistadas, ilusão que ofusca a perspectiva revolucionária.

## Combater sem tréguas o ativismo, o corporativismo, o economicismo

Merecem, ainda, ser destacados três problemas que debilitam a militância revolucionária: o ativismo, o corporativismo e o economicismo. O ativismo rebaixa o papel da teoria marxista, leva ao espontaneísmo na organização política da classe operária e à separação entre o movimento atual e os seus objetivos maiores. O corporativismo divide o movimento popular e isola os setores que adotam esta postura. A ampliação das lutas das categorias profissionais é fundamental para que os seus movi-

mentos possam ter o apoio do conjunto do povo. Torna-se essencial a criatividade nas formas de luta para que elas sejam verdadeiramente amplas e possam contar com o apoio de vastos setores da sociedade. O economicismo, conduta burguesa severamente criticada por Lênin, separa a luta econômica da luta política e leva à atitude prática de aceitação da exploração capitalista. A luta econômica hoje travada em larga escala no país deve ter participação destacada dos comunistas, não como um fim em si mesmo, mas como umã das bases destacadas para o avanço do movimento revolucionário. Primos carnavais, o ativismo, o corporativismo e o economicismo freiam a politização do movimento operário e popular e ajudam a consolidação do poder das classes dominantes.

A situação exige amplo fortalecimento da militância comunista, dado o acirramento crescente da luta de classes. Os objetivos imediatos que reúnem a frente das esquerdas no momento precisarão passar a um estágio mais avançado num momento seguinte, no sentido da conquista de um governo democrático e popular em marcha para o socialismo. O PCdoB analisa cientificamente as condições do país e apresenta um programa revolucionário, sintonizado com as necessidades do desenvolvimento da sociedade brasileira.

Deve-se ter em conta que o reforço da militância tem de ser visto sob a ótica de quem busca aproveitar o momento

atual, de legalidade do Partido, e a vigência de certas liberdades políticas, em benefício da construção de um partido de massas. A filiação deve ser feita em ampla escala, planejadamente. As organizações partidárias devem ter estrutura e funcionamento apropriados para a incorporação de grande quantidade de militantes. Seus núcleos dirigentes devem ser consolidados para dirigir no dia-a-dia a atividade do conjunto dos seus membros, ainda que as grandes reuniões das células sejam mais espaçadas.

## Filiar amplamente, fazer planos viáveis, orientar a militância

Sem dúvida, o reforço da militância comunista é um dos maiores desafios do Partido e de cada um dos seus membros no momento atual, especialmente pelo exemplo dos seus dirigentes, e exige revitalização dos organismos de base, maior ligação com as massas e alto grau de dedicação à luta revolucionária. Ser militante comunista é ligar-se profundamente ao movimento operário e popular com os olhos no futuro de liberdade para a ampla maioria de explorados e oprimidos, um compromisso com o futuro socialista.

**Centro de Documentação e Memória**  
Fundação Maurício Grabois  
\*Secretário de organização do CR da Bahia e membro da direção nacional do PCdoB

# Revolução Sandinista, um marco da América Latina

No marco dos 10 anos da Revolução Sandinista na Nicarágua, o deputado federal alagoano Eduardo Bonfim, do PCdoB, escreve para a Classe Operária um artigo onde analisa a importância desse acontecimento histórico na luta dos povos latino-americanos. O deputado Eduardo Bonfim visitou a Nicarágua no início de 1985, a convite do governo sandinista.

## Eduardo Bonfim\*

No próximo dia 19 de julho a Revolução Sandinista completa 10 anos. Nesse dia, em 1979, os guerrilheiros da Frente Sandinista de Libertação Nacional entraram vitoriosamente em Manágua. Foram saudados por uma multidão, o que deixava claro o apoio popular à revolução e o ódio dos trabalhadores contra a ditadura de Anastácio Somoza.

Chegava ao final uma primeira etapa, de forma gloriosa, da luta do povo por um futuro de independência nacional, liberdade e transformações sociais. Foi uma vitória formidável, contra um dos maiores tiranos da América Central, o ditador Somoza. Uma vitória que ultrapassava as fronteiras da pequena Nicarágua, pois golpeou profundamente os Estados Unidos, o imperialismo norte-americano, saqueador dos povos do Continente.

A vitória dos sandinistas demonstrou ser possível um povo em armas lutar por seus direitos e pela independência do país, contra a opressão das oligarquias e da burguesia. A Frente Sandinista demonstrou que é viável levar a cabo uma luta popular vitoriosa, mesmo contra inimigos municiados com o armamento mais moderno e apoiados pelos EUA.

O caráter democrático anti-imperialista e a contundente vinculação popular da revolução nicaragüense granjeou o apoio de todos os povos, em especial na América Latina. O movimento teve como símbolo um herói latino-americano, Sandino, e Carlos Fonseca, fundador da Frente Sandinista, morto em combate pouco antes da vitória.

## Habilidade política

Ao longo de sua trajetória, a Frente Sandinista demonstrou grande habilidade política. No momento da tomada do poder, tinha cerca de 5 mil militantes regulares. Hoje conta com 70 mil. E o povo também participa das organizações de massas — da juventude, das mulheres, dos agricultores, dos artistas —, que contam com mais de 250 mil filiados.

A habilidade política dos sandinistas ficou demonstrada também na luta contra o cerco do imperialismo norte-americano. Não houve meio, nestes 10 anos, de os Estados Unidos conseguirem apoio para a

agressão criminosa que mantêm contra a Nicarágua. Pelo contrário, os EUA sofreram derrotas de grande magnitude, como a condenação, pelo Tribunal Internacional de Haya, por terem infestado os portos nicaragüenses com minas explosivas.

Os crimes dos ianques não se limitaram à fronteira. Pelo contrário, a invasão do espaço aéreo nicaragüense por aviões norte-americanos foi cotidiana nos primeiros anos da revolução. Mesmo hoje há problemas desse tipo. Além disso, os governos de Reagan e Bush financiam mercenários, assassinos e antigos somozistas para cometerem as maiores atrocidades no pequeno país centro-americano.

Quando estive na Nicarágua, em 1985, presenciei a grande mobilização dos nicaragüenses para defender o país. Os mercenários e somozistas treinados pela CIA cometiam e cometem as maiores barbaridades, visando inclusive atrair a produção agrícola do país. Os agentes do governo norte-americano assassinam crianças, mulheres, velhos, violentam moças, praticam todos os tipos imagináveis



Bonfim: "O imperialismo pode ser derrotado"

de atrocidades e se especializam em furar olhos de prisioneiros.

## Problemas econômicos

Não se pode deixar de observar que a ação dos EUA, embora não tenha desestabilizado o governo da Frente Sandinista, criou e cria enormes dificuldades para o país. No ano passado, a inflação na Nicarágua chegou a 36 mil%! A maior parte dos recursos internos têm que ser canalizados para a defesa do país. Além da inflação, a consequência foi a impossibilidade de se alcançar a estabilidade econômica e investir em Educação, Saúde, infra-estrutura e planejamento.

Os desgastes são tão grandes que o chefe do Movimento Comunitário Sandinista, Omar Cabezas, disse que os

EUA não foram vitoriosos, mas atrasaram os planos econômicos e sociais da Nicarágua em 50 anos! Os danos na guerra já somaram 12 bilhões de dólares. A isso acrescentam-se os 800 milhões de dólares de prejuízos causados pelo furacão "Joana", que assolou o país no ano passado, sem falar do embargo comercial que os EUA impõem sistematicamente...

O terror nos campos agravava os problemas econômicos. A produção de algodão — estratégica na exportação do país, que herdou de Somoza a ausência quase total de indústrias — é metade da de 10 anos atrás; a de café representa 3/4 do nível de 1980 — 1 ano após a revolução...

## A URSS puxa o tapete

Em meio a tantas dificuldades, a Nicarágua é apunhalada pelas costas pela URSS. O dirigente soviético, Mikhail Gorbachev, em sua política de acordos e aproximação com os Estados Unidos, enviou uma carta a George Bush comprometendo-se a suspender a ajuda militar à Nicarágua. É mais um passo na política revisionista soviética de traição às lutas de libertação nacional dos povos oprimidos. Demonstra a faceta da política da "glasnost-perestroika" em relação ao internacionalismo e à solidariedade com o governo nicaragüense.

E no seio dessas tempestades, a revolução mostra tam-

bém as conquistas grandes e notáveis que trouxe para o povo. A Nicarágua viveu um intenso processo de alfabetização de camponeses e trabalhadores. Dezenas de milhares foram alfabetizados após a revolução, num trabalho que mereceu inclusive o reconhecimento da Organização das Nações Unidas. O analfabetismo é um dos problemas crônicos da América Latina — no Brasil, por exemplo, cresce ano a ano o número de analfabetos.

As brigadas populares, formadas para auxiliar nas colheitas agrícolas diante da agressão imperialista, atuam também no campo da educação e da saúde, erradicando doenças, formando grupos de educação sanitária, higiene, com excelentes resultados. O povo, embora sofra terrivelmente com a inflação, tem subsídio para alguns setores básicos, como o transporte coletivo.

## Avanço revolucionário

Embora tenha feito uma revolução vitoriosa no plano da independência nacional, da liberdade para as massas populares e setores progressistas, é verdade que os sandinistas também apresentam algumas limitações no processo de construção de uma sociedade nova. São avanços reais: a nacionalização do comércio externo, a expansão do sistema sanitário e de educação, o assentamento de mais de 100 mil camponeses em decorrência de uma reforma agrária que colocou boa parte das terras sob controle estatal ou de cooperativas. Os latifundiários, que sustentavam Somoza, foram golpeados. Mas também é verdade que 3/5 das grandes propriedades rurais continuam nas mãos de latifundiários, e o setor privado detém a maior parte dos negócios do país.

O que ocorre é que a ausência de um partido proletário de vanguarda, com uma linha científica, marxista-leninista, cria dificuldades enormes para a Nicarágua. A Revolução Sandinista corre o risco de ficar pela metade, não levando à construção do socialismo — o regime onde inexistem classes exploradoras, onde a classe operária está no poder, com o campesinato.

Esse é um desafio colocado para a classe operária nicaragüense, neste 10º aniversário da Revolução Sandinista. Um marco na luta contra a tirania, a exploração, o domínio do imperialismo norte-americano na América Latina. A tomada do poder pela Frente Sandinista é um exemplo a ser seguido na afirmação da luta revolucionária como elemento decisivo para a libertação dos povos.

\* Deputado Federal do PCdoB-AL; visitou a Nicarágua, a convite do governo sandinista, em 1985



# O feijão com arroz de Menem

Umberto Martins

**Carlos Saúl Menem, o novo presidente da Argentina, a pretexto de solucionar os graves problemas de seu país, resolveu aprofundar o modelo econômico dependente com novas concessões ao capital estrangeiro. A nova orientação, aplaudida pelos conservadores em todo o mundo, longe de solucionar a crise tende a agravá-la.**

O peronista decidiu "inovar" e surpreender já na composição do novo governo. Sua equipe reúne a fina flor do conservadorismo na Argentina, com representantes da alta burguesia local e de empresas multinacionais. Para o influente Ministério da Economia, por exemplo, ele indicou o empresário Miguel Roig, da Bunge y Born, considerada a mais importante empresa privada do país.

## Privatização

Em linhas gerais, seu plano para a área econômica contempla uma abertura ainda mais generosa para o capital estrangeiro. E isto Menem pretende efetivar principalmente através da privatização, e desnacionalização, das empresas estatais, que atualmente empregam perto de 1 milhão de trabalhadores.

O presidente prometeu que, num prazo de 90 dias, vai transferir à iniciativa privada várias empresas de porte, entre as quais a YFP, encarregada pela exploração de petróleo, a Aerolíneas Argentinas, além das linhas férreas, as rodovias, a distribuição de gás e os canais de rádio e televisão.

Quanto à questão da dívida externa, ele anunciou que não pretende "cometer imprudências" como decretação da moratória ou limitação unilateral do pagamento dos juros tal como foi feito no Brasil e no Peru, mas continuar negociando e mendigando empréstimos de maneira civilizada, para não afrontar os credores.

## Salvador da pátria

A postura de Menem foi saudada com indisfarçável entusiasmo pelas forças conservadoras em vários cantos do planeta. Por aqui, de olhos nas eleições presidenciais, jornais como o "Estado de S. Paulo" e "Folha de S. Paulo" não pouparam espaços e editoriais elogiosos ao presidente argentino, muitas vezes apresentado como uma espécie de "salvador da pátria", exemplo a ser seguido por nossos candidatos.

Além de ser interpretadas

como um "abandono do populismo", as propostas do peronista correspondem ao que os setores direitistas propagandizam como "moderno" e "ousado". De quebra, coincidem com as receitas que o FMI e os países imperialistas buscam impor às nações economicamente dependentes.

De qualquer forma, estão sendo adotadas com a solene promessa de que constituem a única solução viável para a grave crise econômica argentina, propiciarão a retomada dos investimentos e do crescimento, a redução da inflação e outras maravilhas. Seriam também uma alternativa nova, distinta das orientações adotadas pelos militares e por Alfonsín.

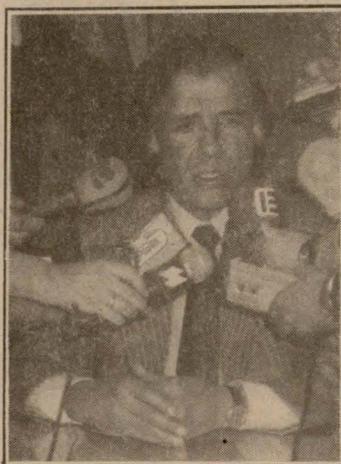
## Falsa ruptura

As classes dominantes têm fortes razões para apresentar a atual orientação como uma ruptura em relação às políticas dos governos anteriores para a área econômica, uma vez que não há como fugir à evidência de que elas conduziram a Argentina ao abismo e são repudiadas pelo povo.

Menem herda um país arrasado por um longo período de recessão e dilacerado pela hiperinflação, que somente no mês passado alcançou 114,5%. Foi forçado a decretar o congelamento dos preços, ao mesmo tempo em que quintuplicou o valor da gasolina, impôs uma maxidesvalorização de 115% do austral em relação ao dólar, elevou os preços do gás e anunciou um "forte" reajuste tarifário.

Quanto aos salários, que declinaram violentamente com a hiperinflação (em poucos meses o mínimo foi reduzido de 100 para 20 dólares), além de divulgar que vai fixar um abono irrisório de 40%, Menem até o momento não foi além de promessas vagas.

Não apenas pelo que se extrai das primeiras medidas que adotou para contornar a crise, como principalmente pelo seu programa econômico mais geral, é fácil verificar que a política de Menem a rigor não contém nada de novo, muito



O presidente argentino prega a "internacionalização da economia"

menos representa uma ruptura com as orientações de Alfonsín ou dos militares.

## Raízes da crise

A internacionalização da economia argentina, por exemplo, já vem de longa data. A exemplo do que ocorreu no Brasil e em outros países da América Latina, a instalação de multinacionais naquele país é implementada já a partir dos últimos anos da década de 50 de uma forma liberal e generosa. No período do regime militar, instalado em 1976, as inversões estrangeiras ganham novo impulso, atingindo bilhões de dólares e concentrando-se em setores estratégicos da economia (41,2% das aplicações dirigem-se à exploração de petróleo, 38,5% à indústria em geral, especialmente a automobilística — com 13,8% — e 12,3% ao setor financeiro).

Arquivo

É também no período do regime militar que ocorre o desenfreado endividamento externo do país, que em 1978 atinge 12,5 bilhões de dólares, pulando para US\$ 19 bilhões em 79, US\$ 27 bilhões em 80, US\$ 35,6 bilhões em 81, US\$ 43,6 bilhões em 82, US\$ 46,5 bilhões em 83, US\$ 49 bilhões em 1984 até alcançar cerca de 55 bilhões de dólares atualmente.

Tal modelo de desenvolvimento teve por consequência um desempenho mediocre da economia na década de 70, como se pode ver no quadro que expõe a evolução do PIB no período. E resultou, nos anos 80, numa crise que levou a nação argentina a um estado de empobrecimento tal que faz parecer saudável a evolução do Brasil na mesma ocasião.

Estima-se que o número de miseráveis naquele país tenha passado de 5% da população em 1970 para 35,3% em 1987. E não era para menos: em 1986 o PIB per capita, de acordo com dados do FMI, era 8,3% menor do que o de 1970. A indústria sofreu um processo de sucateamento, produzindo neste ano cerca de 30% menos do que há 15 anos atrás e registrando uma redução de 30,9% no número de operários empregados desde 1979, conforme informações oficiais.

## Fracasso burguês

O agravamento da crise econômica argentina na atual década, tal qual no Brasil, expli-

ca-se basicamente pela dívida externa. A necessidade de efetuar o pagamento dos juros, especialmente depois de 1982, conduz a orientações econômicas desastrosas.

Já em 1984 a própria ONU, em relatório dedicado à América Latina, observava, ao analisar a situação econômica argentina, que "ao cabo de sucessivos experimentos de política econômica, o produto por habitante era similar ao de 15 anos antes, com o agravante de que o investimento nacional de via reduzido pela pesada carga dos juros da dívida externa". A Formação Bruta de Capital Fixo (que mede a taxa de investimentos), declina de 27,2% do PIB em 1977 para 16,7% em 1983, de acordo com o FMI.

"A dívida segue condicionando severamente a economia", constatava ainda a ONU. "Desde o ponto de vista do crescimento, os elevados pagamentos que devem efetuar-se em função dos juros reduzem a capacidade para importar e também afetam o investimento." Com efeito, para adequar a economia à necessidade de transferir recursos ao exterior as importações tiveram de ser reduzidas de 10,5 bilhões de dólares em 1980 para 4,5 bilhões de dólares em 1984, enquanto as exportações se mantiveram em torno de US\$ 8 bilhões para garantir um superávit comercial à altura dos interesses dos credores.

Quando assumiu o governo em 1983, colocando fim ao regime militar, Alfonsín prometeu mudar o tratamento concedido à questão da dívida externa, mas com o tempo acabou cedendo às chantagens dos banqueiros internacionais. Abriu ainda mais a economia ao capital estrangeiro através da conversão da dívida externa em investimentos.

O discurso de Menem não é de mudança, mas de aprofundamento da política adotada nos últimos anos. Ele representa, com ela, a única orientação que a burguesia sabe adotar, uma política que vem colhendo fracassos sobre fracassos e afunda a cada dia mais a Argentina no pântano. Embora o peronista e as classes dominantes argentinas busquem dissimular suas propostas com palavras ocas sobre não tardará a comprovar que elas não servem ao progresso e ao povo argentino. E agravarão ainda mais a crise do país.

Evolução do PIB (%), taxa de investimento (%) e população (milhões)			
	PIB	investimento	população
1970	2.6	20.4	23.75
1971	3.4	20.1	24.07
1972	2.2	22.5	24.39
1973	3.2	20.3	24.82
1974	5.2	19.9	25.22
1975	0.0	26.1	26.5
1976	0.0	27.1	26.48
1977	5.9	27.2	26.91
1978	-3.7	24.5	27.35
1979	6.8	23.5	27.79
1980	0.9	22.9	28.24
1981	-6.3	18.2	28.69
1982	-4.8	17.9	29.16
1983	3.0	16.7	29.63
1984	2.0	—	30.10
1985	-4.5	—	30.56
1986	5.5	—	31.03
1987	—	—	31.50

Fonte: FMI. PIB calculado em austrais, preços de 1980, população estimada para os anos de 1985, 86 e 87.

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# A moratória dos banqueiros

**Por trás da possibilidade real do país interromper o pagamento da dívida está uma ação deliberada dos credores. Atentos à sucessão presidencial eles passaram a descumprir cláusulas do último acordo firmado com o Brasil e procuram levar a sociedade ao pânico, para forçá-la a abrir ainda mais a economia ao capital externo.**

**Antonio Martins**

Alguns dos mais brilhantes estudos produzidos nos últimos anos nas universidades brasileiras têm sido dedicados à análise das autênticas barreiras colocadas diante do direito do povo à informação. Eles procuram demonstrar que apesar dos enormes avanços tecnológicos havidos nos últimos anos na área das comunicações as massas populares não adquiriram a capacidade de compreender os fatos essenciais que interferem na vida da sociedade. E explicam que isso ocorre porque não basta dispor de acesso a milhares de informações isoladas transmitidas diariamente pelos meios de comunicação — é necessário além disso dispor de instrumentos para interpretar estes fatos, para analisá-los em seu conjunto e descobrir que **movimentos objetivos** há por trás deles.

Se os autores destes estudos acadêmicos se detivessem em uma análise pormenorizada do noticiário produzido nos últimos quinze dias a respeito da crise cambial vivida pelo Brasil, e da possibilidade de esta crise desembocar numa moratória, eles certamente se veriam diante de um riquíssimo material de pesquisa. Porque estes dois assuntos receberam, desde o início do mês, espaço privilegiado tanto nas capas e nas páginas internas dos grandes jornais quanto nos noticiários da TV. Porque, no entanto, a falta absoluta de esclarecimentos a respeito das causas dos dois fatos levou o grande público a formar uma opinião deformada a respeito deles. E porque, finalmente, esta confusão não foi casual. Ela visava permitir que fosse amplamente aceita uma interpretação distorcida a respeito dos acontecimentos. Esta interpretação, que tem sido estampada insistentemente nos editoriais de toda grande imprensa, afirma que a saída para os problemas gravíssimos que o país viveu e ainda vive está na adoção do conjunto de medidas econômicas preconizadas pelas forças de direita.

**A imprensa relata a crise, mas esconde as causas**

A partir do último dia de junho surgiram e foram noticiados pelos jornais sintomas de que o país estava prestes a enfrentar uma grave crise cambial. Neste dia o governo des-

valorizou o cruzado em 11,98% e centralizou o câmbio, criando certas dificuldades para a remessa de lucros e repatriações de capital pelas empresas estrangeiras. O ministro Mailson da Nóbrega reconheceu abertamente que as medidas foram tomadas porque o país estava na iminência de ver reduzidas a nível crítico suas reservas em dólares, e lembrou que tal problema havia sido o estopim que disparou a hiperinflação na Argentina.

Menos de uma semana depois ficou claro que as decisões não haviam sido suficientes para afastar a crise. O governo brasileiro comunicou em 4 de julho que deixara de fazer naquela data um pagamento de 812 milhões de dólares junto aos credores do Clube de Paris, relativos a parcela do pagamento dos juros da dívida externa. Estava começando uma fase de relações turbulentas com a comunidade financeira internacional.

Os meios de comunicação em sua totalidade relataram com detalhes cada lance que se seguiu. Mas foram igualmente unânimes em não apresentar a seus leitores os motivos que tinham levado à crise.

**“Rolagem” da dívida subordina país aos credores**

E eles estavam a disposição de quem quisesse enxergá-los. O acordo de renegociação da dívida externa assinado em setembro do ano passado pelo ministro Mailson da Nóbrega obriga o Brasil a remeter divisas aos credores através de dois mecanismos distintos e complementares. O primeiro é o pagamento de juros. Tradicionalmente o país salda este compromisso reduzindo o poder de compra dos salários, e permitindo que uma importante parcela das mercadorias produzidas internamente, não consumida pela população, seja exportada. As exportações geram os dólares que serão remetidos aos credores.

O acordo assinado com os bancos, porém, obriga o país a mais um tipo de desembolso. É a amortização de parcelas da dívida. Teoricamente, o Brasil está obrigado a liquidar a cada ano uma parte dos cerca de 120 bilhões de dólares que deve ao exterior.

Na prática, a amortização é irrealizável. Nem todos os sa-



**Sede do FMI, em Nova York: idéia é internacionalizar economia dos países devedores**

crifícios impostos ao povo para gerar excedentes exportáveis é capaz de permitir que ela seja concretizada. Por isso, o acordo prevê uma contrapartida. O Brasil paga parcelas da dívida velha mas recebe ao mesmo tempo empréstimos novos em igual valor, de modo que tudo não passe de uma operação contábil. É a chamada “rolagem” da dívida.

**O FMI rejeita o resultado do plano que ele mesmo impôs**

Com um detalhe, entretanto. Para fazer jus aos novos “empréstimos” o país se compromete a adotar certas medidas econômicas estabelecidas por organismos da confiança dos credores, como o FMI e o Banco Mundial. E para que o controle seja ainda mais completo, estas medidas devem necessariamente ter como resultado o cumprimento de certas metas, como inflação e déficit público baixos. A combinação destas duas exigências costumeiramente coloca os governos que assinam os acordos sob inteira tutela da comunidade financeira.

Foi precisamente o que ocorreu no caso brasileiro. As medidas adotadas em janeiro através do Plano Verão foram concebidas sob inspiração direta do Banco Mundial e do FMI. Tinham o objetivo, admitido expressamente pelo governo, de cumprir certas metas fixadas por estes organismos, como um déficit público de no máximo 2% do Produto Interno Bruto.

Em maio e junho últimos, duas missões do FMI visitaram sucessivamente o país. E constataram o óbvio. Como haviam previsto todos os analistas lúcidos da economia brasileira, as medidas adotadas em janeiro acabaram levando tanto à queda brusca do poder de compra dos assalariados e à redução absurda dos investimentos estatais quanto a uma elevação do próprio déficit público a patamares inéditos.

Em vista disso, as missões deixaram de dar seu aval à política econômica conduzida pelo governo brasileiro. As seqüências foram imediatas. O fato implicou na não liberação pelos credores de um total de 2,8 bilhões de dólares, impedindo na prática que prosseguisse a rolagem da dívida. Era o início de uma espécie de moratória ao contrário, em que os bancos deixam de cumprir os compromissos assumidos com o país devedor.

**Moratória pode vir, como resultado das ações dos credores**

A decisão colocou o governo diante de um impasse. Ainda que lance mão de parcela importante das reservas internacionais em dólares que o país possui, ele não tem como fazer frente a todos os compromissos impostos até o fim do ano pelo pagamento da dívida. Medidas como as adotadas no dia 4 têm efeito pouco substancial. Num determinado momento, a continuarem as coisas como estão, o país será obrigado a interromper o pagamento da dívida, em moratória “branca” ou declarada.

Há razões mais que suficientes para acreditar que ou os credores planejaram conscientemente este impasse ou pelo menos serviram-se dele para semear pânico entre certos setores da sociedade brasileira, e através da ação política destes setores tentar forçar o país, que vive um momento político decisivo, a assumir posições claras em defesa do capital estrangeiro. Os primeiros dias do mês de julho marcaram o início de uma série de pronunciamentos de autoridades norte-americanas ou de expoentes da comunidade financeira que configura inequivocamente a prática de chantagem, e que equivale a uma interferência aberta nos assuntos internos do Brasil.

**O cônsul americano vai a um debate, e ameaça abertamente**

A manifestação mais escandalosa ocorreu coincidentemente no dia 3. O cônsul dos Estados Unidos em São Paulo, Myles Frechette, participou de um debate em uma entidade empresarial. Ao discursar fez ameaças explícitas. Depois de condenar um elenco de normas comerciais adotadas pelo Brasil descreveu em detalhes para os que o ouviam as possíveis represálias que poderiam ser adotadas pelos EUA se tais normas não forem alteradas. E concluiu com sutileza elegante, dizendo acreditar que “a comunidade empresarial brasileira poderá ser útil no momento em que nos empe-

nharmos em resolver certas diferenças”.

Alguns dias depois seria a vez de diretores de bancos credores sediados nos EUA e na Suíça ameaçarem suspender as linhas de crédito externo de curto prazo, caso o Brasil não chegue rapidamente a um acordo com a comunidade financeira. As declarações eram um apelo claro aos empresários para que agissem, pois a eventual concretização das ameaças resultaria na redução drástica das exportações que realizam.

E os recados rapidamente surtiram efeito. Poucos dias após o início das pressões os líderes empresariais brasileiros somaram-se aos jornais conservadores numa autêntica campanha para que sejam tomadas sem mais demora as medidas econômicas preconizadas pelos credores.

Como se viu, de qualquer ângulo que se examine o problema salta aos olhos que a origem essencial da crise de divisas são os laços que atrelam o país ao capital externo. Qualquer exame racional do problema indicaria, portanto, que a saída está na adoção de um modelo econômico que rompa estes laços, paralise conscientemente o pagamento da dívida e adote um modelo de desenvolvimento auto-sustentado.

**O “Estadão” propõe um verdadeiro golpe eleitoral**

No entanto, a “Folha de S. Paulo”, voltou a defender, em editorial publicado no dia 9, que o Brasil adote um conjunto de decisões semelhantes às propostas pelo presidente Carlos Menem na Argentina, e que impliquem todas numa internacionalização ainda mais profunda da economia: venda das empresas estatais, permissão para que capitais estrangeiros participem de sua compra e abertura completa do mercado interno para o exterior.

Finalmente no dia 9 foi a vez de “O Estado de S. Paulo” demonstrar que, a menos que seja freada rapidamente por ações políticas enérgicas das forças progressistas, esta escalada pode assumir contornos nitidamente **golpistas**. Em editorial intitulado “Emergência nacional” e publicado também no dia 9 ele fez coro com todas as ameaças lançadas pelos credores e insistiu na internacionalização mais profunda da economia. Revelando o que pode vir a ser, desde que surjam condições favoráveis, uma tática dos que apóiam estas teses, porém, indicou, em certo trecho: “A saída mais rápida para esta situação seria antecipar as eleições presidenciais e a posse do futuro governo”.

## Revolução Francesa

## Da utopia igualitária à exploração capitalista

A Revolução Francesa foi um grande acontecimento na história da humanidade. Mas os seus limites logo se revelaram, quando a burguesia passou a impor o seu modo de vida para a sociedade. A Revolução Socialista levou mais adiante a trajetória social do homem. É o que o professor Clóvis Moura demonstra neste artigo.

Clóvis Moura\*

O ciclo das revoluções burguesas teve na França o seu modelo mais acabado e completo. A classe social que assumiu o poder conseguiu executar aquelas tarefas que o movimento objetivava. As relações capitalistas, desta forma, tiveram as condições de se desenvolverem não apenas na França, mas nas principais nações que tinham no feudalismo um entrave ao desenvolvimento das suas forças produtivas. As tarefas, os objetivos e as conclusões de sua trajetória foram lapidarmente descritas por Marx e Engels quando escreveram que "sob pena de morte ela (a burguesia) obriga todas as nações a adotar o modo burguês de produção. Numa palavra, molda o mundo à sua imagem". ("Manifesto do Partido Comunista.")

Para a burguesia chegar ao poder, aproveitou-se do descontentamento que a ordem feudal produzia em todas as camadas oprimidas por ela. Como diz Marat, que representava durante a Revolução Francesa essa plebe, composta na sua grande maioria de habitantes do campo, "no momento da insurreição o povo abriu caminho por sobre todos os obstáculos pela força do número; mas, por muito poder que tenha conseguido inicialmente, foi por fim derrotado pelos conspiradores da classe superior, cheios de astúcia, artimanhas e habilidades. Os integrantes educados e sutis da classe superior a princípio se opuseram aos déspotas; mas isso apenas para voltar-se contra o povo, depois de se ter insinuado na confiança e usado o seu poder para se colocar na posição privilegiada da qual os déspotas haviam sido expulsos. A revolução é feita e realizada por intermédio das camadas mais baixas da sociedade, pelos trabalhadores, artesãos, pequenos comerciantes, pela plebe, pelos infelizes, a que os ricos desavergonhados chamavam de canalha e a que os romanos desavergonhadamente chamavam de proletariado. Mas o que as classes superiores ocultam constantemente é o fato de que a Revolução acabou beneficiando somente os donos de terras, os advogados e os chicaneiros."

## Estado burguês

Desta forma, o lema **Liberdade, Igualdade e Fraternidade** não foi feito para todos os franceses, mas somente para os membros daquela classe social que havia tomado o poder, estruturando um Estado que beneficiava os seus interesses, isto é, beneficiava a burguesia que

estabeleceu novas formas de comportamento e ordenação para toda a sociedade. Em outras palavras: havia sido substituída uma forma de exploração por outra. A propriedade privada passou, assim, a ser o centro de preocupações dos que venceram na revolução e não um tipo qualquer de propriedade, mas a propriedade burguesa. No particular o Código Napoleônico é sintomático. Nele há cerca de dois mil artigos, dos quais cerca de apenas sete falam do trabalho, e oitocentos da propriedade privada. Como diz Huberman "o Código foi feito pela burguesia: foi feito pelos donos da propriedade para a proteção da propriedade". A Revolução Francesa, como já dissemos, foi feita para estabelecer e legalizar o modo capitalista de produção.

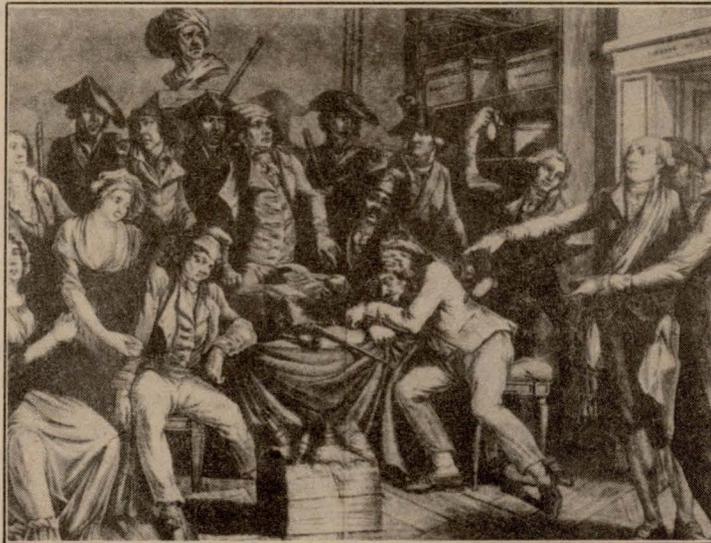
E é justamente o capitalismo, por ela implantado, que gerará a classe que o irá destruir, ou seja, a classe operária, o proletariado moderno. Como dizem ainda Marx e Engels "com o desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital, desenvolve-se o proletariado, a classe dos operários modernos que só vivem sob a condição de achar trabalho, e que não encontram trabalho senão quando este faz aumentar o capital. Os operários, forçados a vender-se dia a dia, são uma mercadoria como outra qualquer; experimentam, por conseguinte, todas as vicissitudes da concorrência, todas as flutuações do mercado". (Op. cit.)

Desta forma, a **liberdade, igualdade e fraternidade** da Revolução Francesa passou a ser a liberdade de explorar a força de trabalho por aqueles que eram detentores dos meios de produção. Por outro lado, e por isso mesmo, a classe operária passou a comandar o processo de mudança social, adquiriu o papel de força transformadora básica das relações de produção capitalistas, abrindo caminho, assim, para o estabelecimento de relações socialistas.

Esse processo contraditório levará a que a burguesia assuma o papel de força repressora da dinâmica social e se transforme numa classe exploradora econômica e politicamente repressora dos movimentos operários.

## Operários no poder

Nessa luta, a classe operária consegue ir ao poder finalmente, pela primeira vez, na França em 1871, com a Comuna de Paris, já sob a direção da I Internacional. Oitenta e dois anos, portanto, após a queda da Bastilha, quando a burguesia iniciou a sua revolução. No entanto, ela agora, ao in-



Reunião do Comitê Revolucionário, em 1789: a liberdade era só para a burguesia.

vés de marchar com os operários que desejavam o poder e o conseguiram, transforma-se em classe repressora, instaurando o terror branco contra os operários até derrotá-los. O terror contra a Comuna não teve limites. Amedée Dunois afirma que todas as pessoas presas pelo poder restaurador foram degoladas. Os fuzilamentos e deportações duraram vários meses e uma testemunha fazendo a contagem dos mortos e conferindo a cifra de 17 mil admitida pelas autoridades, concluiu, por baixo, que 30 mil trabalhadores parisienses foram assassinados no decorrer da semana sangrenta de maio de 1871. Acrescentando-se os prisioneiros mortos de febre e outras doenças, esse total aumenta para 40 mil, incluindo-se mulheres e crianças.

A burguesia no poder não era mais aquela classe revolucionária que em 1789 pregava **liberdade, igualdade e fraternidade**. A Marselhesa não representava mais um hino capaz de despertar para a luta os servos, artesãos, pequenos comerciantes oprimidos, mas era o hino dos interesses da bolsa, banqueiros e industriais. Com isto o seu papel progressista se esgotou. A classe operária passou a desempenhar aquela função que a burguesia tivera antes. Mas pelos próprios interesses em jogo e pelas relações sociais que esses interesses estabeleceram, a burguesia passou a ser um entrave ao desenvolvimento da sociedade.

## Revolução socialista

No seu dinamismo econômico, social e cultural, o capitalismo chega finalmente à sua última fase: o imperialismo como forma de organização de um sistema planetário de dominação das grandes potências através do capital monopolista internacional. As contradições entre as principais nações colonizadoras e neocolonizadoras se aguçam por uma nova divisão do mundo e geram a 1ª Guerra Mundial, de 1914-18. O proletariado foi a classe mais atingida e prejudicada por essa guerra, e se revolta contra o sistema de exploração capitalista mundial

através de duas revoluções na Rússia czarista: a de fevereiro e a de outubro de 1917.

Pela primeira vez o proletariado não apenas conquista o poder, como na Comuna, mas consegue mantê-lo, abrindo, assim, perspectivas para o início das revoluções socialistas.

A crise geral do sistema capitalista inicia-se, embora, do ponto de vista econômico, esteja aparentemente em plena fase de progresso. Mas as suas contradições intrínsecas são cada vez mais significativas e, em 1929, a **grande depressão** atinge os Estados Unidos. Por outro lado crescem as lutas dos trabalhadores do mundo inteiro após a revolução socialista vitoriosa na União Soviética. E, a exemplo do que já fizera na Comuna de Paris, a burguesia internacional apóia, arma e justifica o nazifascismo, transformando-o no braço armado do imperialismo, contra a ascensão das forças socialistas no mundo todo. A consequência dessa crise é a 2ª Guerra Mundial e, finalmente, o envolvimento da URSS, que vence a guerra praticamente sozinha, perdendo cerca de vinte milhões de vidas entre homens e mulheres e crianças.

Essa resumida trajetória da ideologia da Revolução Francesa e as suas consequências na prática política mostra como os seus objetivos iniciais foram alcançados e como, agora, já estão superados, representando apenas um símbolo que nos querem impor ainda como representativo da democracia, dos direitos do homem, da paz e do progresso.

Como diz Engels, referindo-se aos resultados da Revolução Francesa, "sabemos, hoje, que esse reinado da razão era apenas o reinado idealizado pela burguesia; a justiça eterna corporificou-se na justiça burguesa; a igualdade reduziu-se à burguesa igualdade perante a lei; os direitos essenciais dos homens, proclamados pelos racionalistas, tinham como representante, a sociedade burguesa, e o Estado da razão, o contrato social de Rousseau, ajustou-se, como de fato só podia ter-se ajustado, à realidade, convertido numa

república democrático-burguesa. Os grandes pensadores do século XVIII, sujeitos às mesmas leis dos seus predecessores, não podiam romper os limites que sua própria época traçava." (...) "O desenvolvimento da indústria em bases capitalistas converteu a pobreza e a miséria das massas trabalhadoras em condições de vida da sociedade. A estatística criminal crescia de ano para ano. Os vícios feudais, que até então se exibiam impudicamente à luz do dia, não desapareceram, mas apenas se esconderam, ao menos por um momento, no fundo da cena. Em troca floresciam exuberantemente os vícios burgueses, ocultos até então sob a superfície. O comércio foi degenerado cada vez mais descaradamente em roubo. A 'fraternidade' da divisa revolucionária tomou corpo nas deslealdades e na inveja da concorrência. A opressão violenta cedeu lugar à corrupção, e a espada, primeira arma do poder social, foi substituída pelo dinheiro." (...) "Numa palavra, comparadas com as brilhantes promessas dos racionalistas, as instituições políticas e sociais instauradas pela vitória da razão deram como resultados umas tristes e decepcionantes caricaturas." ("Anti-Duhring")

## Apoteose burguesa

Este diagnóstico de Engels dos resultados da Revolução Francesa tem um significado especial quando está sendo comemorado o seu bicentenário. A partir daí as coisas evoluíram sempre na direção apontada por ele. Desta forma, não podemos concordar com a orgia comemorativa que está tomando conta dos países ocidentais através de uma campanha publicitária maciça e mundial, que tenta mostrar que ela é representativa de tudo o que significa bem-estar, prosperidade e dignidade do homem. É uma apoteose comemorativa da burguesia internacional, transformada numa campanha simbólica para apagar o significado e a importância da grande revolução do século XX, a Revolução Socialista de Outubro de 1917 na Rússia.

Por isso, quando lemos que Mikhail Gorbachov declarou, em Paris, que a "Perestroika" está realizando, na União Soviética, os princípios da Revolução Francesa, concluímos que ele está implicitamente confessando que lidera uma contra-revolução burguesa na URSS e destrói todas as conquistas do povo soviético conseguidas através da grande Revolução de Outubro. A volta aos princípios da Revolução Francesa e à sua prática política na URSS significa um retrocesso de mais de um século, a restauração do capitalismo e a negação de tudo aquilo que Marx e Lênin apresentavam como a verdadeira revolução socialista.

\*Sociólogo e historiador

# Indiana Jones reforça os dogmas da religião

Todo ano Hollywood monta seu esquema de propaganda para despertar a atenção do público mundial. Este é o ano de "Batman" e de "Indiana Jones". Fala-se intensamente sobre o assunto nas TVs, rádios, jornais e revistas. E toda atenção volta-se para os novos produtos, com cifras de público e de bilheteria. Tudo é impressionante — os números, os detalhes, os atores, os recordes: o marketing do imperialismo cultural deixa pouco espaço para a análise. Qualquer filme que saia deste esquema é soterrado. "Batman", em uma semana de exibição, rendeu 47 milhões de dólares, e "Indiana Jones e a última cruzada" 27 milhões de dólares. Mas enquanto o primeiro não chega, podemos analisar o último.

## Clóves Geraldo \*

Os filmes de aventuras têm um esquema que só falha pela incompetência do diretor: é linear (com princípio, meio e fim), a narração é simples (nada de flashback para confundir o público) e os heróis e os bandidos são identificados logo. A manipulação destes ingredientes domina a platéia e a faz esquecer a faca no pescoso do dia-a-dia.

É o que faz Steven Spielberg em seus filmes. Todos eles, mesmo os mais sérios. Em "Indiana Jones e a última cruzada" todos os temperos estão lá, mas ele os manipula de forma a gerar dúvidas algumas vezes. Logo na abertura imaginamos estar vendo um faroeste de John Ford. O cenário é o Monument Valley e por ele cavalgam escoteiros. Pensamos nos índios à espreita ou na cilada armada por um bandido. Nada disso. Para os nostálgicos de "Rastro de Ódio" (de John Ford) é um achado.

## Bichos e nostalgia dos velhos seriados

Mas o Indiana Jones (River Phoenix) é jovem e, embora cheio de truques, atrai mais

pelo vigor da idade do que pela imaginação. É nesse ponto que Spielberg conta a infância do herói. Nada demais. O diretor mexe com o medo interior de cada cidadão perplexo diante da tela, ao colocar Indy nas arapucas de um comboio que leva animais de um circo ambulante. E sua atração por víboras, ratos e outros animais, como em "Caçadores da Arca Perdida", fica patente.

Spielberg sabe usar o temor do público para torná-lo cúmplice da ação mostrada na tela. Sentimos medo e queremos escapar com Indy. Nunca questionamos que já vimos esta cena mais de mil vezes (o artista briga com os bandidos em cima de um trem em movimento. Faroeste e filmes de James Bond, por exemplo, já nos mostraram isto em todos os ângulos). Por trás disto está a máquina de propaganda feita para a platéia gostar do filme e a genialidade do diretor para usar velhos clichês.

## Velhos clichês bem tratados

Conta também toda a estética do herói. O arquétipo do super-homem ocidental (identificado no imperialismo como americano): loiro, de olhos

azuis. Não é à toa que Indy-jovem tem o cabelo caído pela testa e ar de quem não é deste mundo. O clima criado por Spielberg passa bem isto. É o clima do sonho, do passado, da nostalgia. As moças adoram e os rapazes querem ser iguais ao herói. Isto também é velho. E ninguém pára para analisar. Vale a aventura. A ação continua.

Sob este aspecto, Spielberg hoje é imbatível. O corte por ele feito, de Indy-jovem pensando diante do bandido que lhe deu o chapéu, é magistral. A montagem do herói naquilo que ele tem de fetiche parte do bandido. E é este também quem lhe diz para não perder. Até o corte no queixo não partiu do adversário, mas de um erro de Indy ao manipular o chicote. É esta remontagem dos clichês que atrai em "A última cruzada". É feita às avessas.

## Nazistas, religião e novas aventuras

Indiana Jones não é um magnata do petróleo ou gênio do computador. Sua especialidade é mexer com coisas passadas, daí sua profissão: arqueólogo. Remexe com coisas consolidadas. Só que existe

uma questão: se presta a reforçar mito e dogmas. Uma vez mais, igual em "Caçadores da Arca Perdida", ele escrafuncha o baú da religião, os dogmas e mitos do cristianismo. Aquilo que todos leram na Bíblia e não sabem exatamente como aconteceu.

Seria como se Indiana Jones quisesse confirmar a existência das "táboas com os Dez Mandamentos" e do cálice com o qual Cristo fez a "última ceia" e nele bebeu vinho. Ficamos na dúvida, Spielberg nos diz se isto é coisa não confirmada ou se é para nós inatingível (falaremos nisto mais à frente). A religião se presta, no filme, a um aprofundamento de seus mitos e dogmas.

## Cara a cara com Hitler — e daí?

É esta a manipulação bem feita por Spielberg. O velho Henry Jones se presta a buscar estas verdades, por anos a fio. Donavan, o capitalista-nazista (ou é um jogo sem aparência?), quer o Santo Graal para si e Hitler para confirmar a superioridade de seus objetivos. Entre estas buscas, Spielberg se detém em diálogos impagáveis entre o velho e novo Henry Jones (Indiana). É o mais puro humor. O diretor desmonta a figura do herói.

O nome Indiana, como a montagem do tipo, o ser Indy, não saiu de fatos "enobrecedores". Deriva-se de uma cachorra à qual ele era muito apegado. Sua relação com o pai sempre foi conflitante. Tal é o humor dos reteristas, entre eles George Lucas, que ao ir salvar o pai, Indiana cai em cima do velho e este lhe diz: "Júnior!!!", como se o filho estivesse praticando uma peraltice. Serve para quebrar a

tensão e reforçar a desmistificação do personagem.

## Desmistificação cruel: acabou Indiana Júnior

A desmistificação do herói, um traço moderno, que reforça ao invés de desmontá-lo, chega ao ponto de o velho Jones impor sua autoridade no tapa. É Indy se submete. É o traço "reacionário" da autoridade paterna: se não for pelo convencimento vai no tapa mesmo. Porém, a partir daí a autoridade do herói se impõe e o velho se surpreende com o filho. Havia aprendido mais malandragens do que ele, inclusive como "conquistador impossível".

Se Spielberg usa o humor para falar do interior de Indy, e o faz provocando o riso, é para não usar as tediosas, idealistas e chatas análises freudianas, tipo Woody Allen última safra. Entretanto, a questão mesmo está na religião. A busca de um poder, a imortalidade, a decifração do que sou, que se centra o filme, mesmo com toda a ação, o clima de religiosidade, de sobrenatural domina o filme todo.

## Vilã loira e ambiciosa entre o bem e o mal

A própria vilã (Aline Donlan) quer para si o Santo Graal. É bela, ariana, sensual e esperta. Spielberg não estigmatiza a mulher por isto. Ela pende entre o bem e o mal. E ao chegar ao templo, onde finalmente se encontra o Santo Graal, ele se perde. Ele, o Santo Graal, a verdade absoluta, o ser supremo escapa. Só o herói, Indy e seu pai (principalmente este) compreendem isto. É neste ponto que Spielberg-Lucas reforçam o papel da religião e de Deus: é inalcançável.

O dogma fica confirmado e mesmo acima do herói, que é uma criatura terrena e sua criação. Visto desta forma, "Indiana Jones e a última cruzada" perde a ingenuidade. Não é um simples filme de aventuras, reforça a estrutura ocidental-cristã. E o faz pela emoção. Católicos e protestantes, em qualquer ordem, nada têm a reclamar. Se os homens inventaram deus — e o fizeram —, no filme de Spielberg ele não pode alcançá-lo.

No final, quando esta questão está resolvida (danam-se os nazistas); os heróis (os Jones e seus assistentes) partem e o fazem no estilo dos velhos faroestes: à cavalo rumo ao infinito. E só neste momento que se percebe que o universo e os homens são criação da natureza; nem a beleza, a estética e o filme, consegue desmistifi-



Indiana Jones (Harrison Ford) e seu pai (Sean Connery) presos pelos nazistas



**CDM**  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois



A marca do pé de Neil Armstrong no solo lunar

Olival Freire Jr.\*

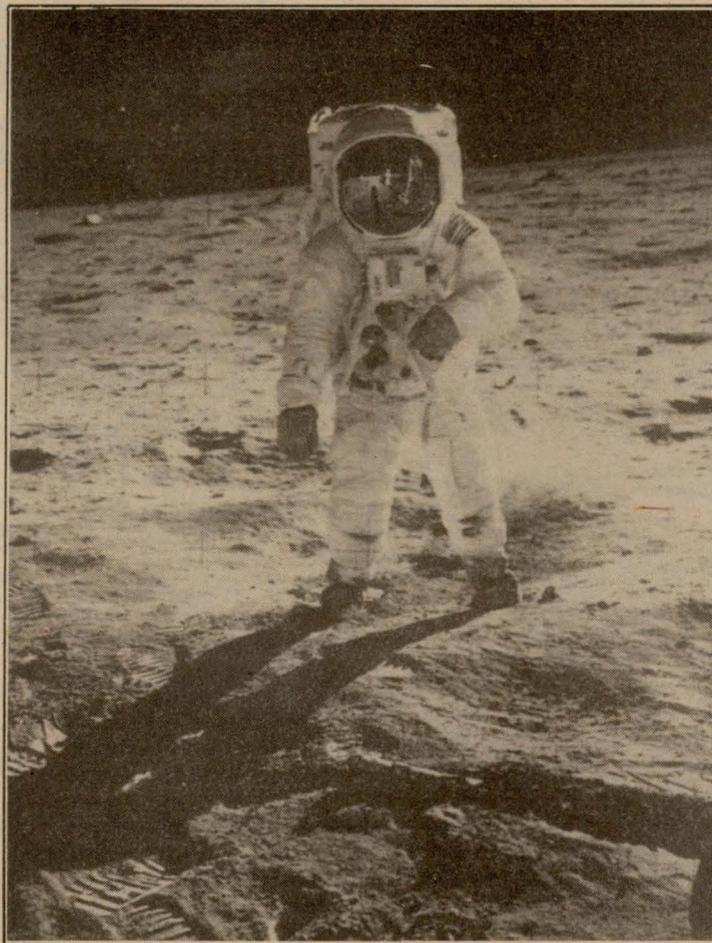
**Há 20 anos, pela primeira vez na história, o homem pisava o solo lunar. Os astronautas norte-americanos Neil Armstrong e Edwin Aldrin, em 20 de julho de 1969, a bordo da nave Apollo 11, foram os protagonistas desta epopéia que lembrou o antigo mito grego de Ícaro, o homem que ousou voar.**

O primeiro estudo científico sobre a Lua data do século III a.C., quando Aristarco de Samos estimou a distância Terra-Lua em aproximadamente 10 vezes o diâmetro terrestre. Até o século XVII era tida como corpo "celeste" de natureza essencialmente distinta da Terra. Nesta época, mais exatamente em 1609, Galileu Galilei utilizou, pela primeira vez, um instrumento para medir a observação dos astros. E descobriu que "Graças a is-

so (o telescópio), qualquer um pode dar-se conta com a certeza dos sentidos que a Lua não é coberta por uma superfície lisa e polida, mas áspera e desigual que, do mesmo modo que a Terra, é coberta em todas as partes por enormes proeminências, profundos vales e sinuosidades". Dissipava-se com isto o mito aristotélico de uma Lua perfeitamente esférica e polida e sofria rude golpe a "autoridade das escrituras", instrumento da Igreja Católica para freiar o desenvolvimento do conhecimento científico e defender um modelo celeste mais afeito à sua doutrina.

Ainda no século XVII, com o advento da mecânica newtoniana, o homem fez os primeiros cálculos da velocidade necessária para colocar um projétil em órbita, isto é, lançá-lo da Terra com uma velocidade tal que o projétil não retornasse e passasse a movimentar-se em torno da Terra. No século passado, Júlio Verne, o genial precursor da moderna ficção científica, publicou dois livros visionários: "Da Terra à Lua" e "Viagem ao redor da Lua".

Mas só na segunda metade do nosso século reuniram-se as condições materiais necessárias para tal feito. Em particular pelo desenvolvimento de combustíveis mais potentes, semelhantes aos utilizados nos foguetes desenvolvidos na Segunda Guerra Mundial, e pela



Aldrin fotografado na Lua pelo colega Armstrong

criação da eletrônica miniaturizada, só possível devido à descoberta do transistor em 1948. A década de 50 foi então marcada pelo início da chamada "corrida espacial". Dois competidores estavam a postos. A URSS e os EUA. A URSS marcou os dois primeiros tentos colocando o primeiro satélite em órbita, o Sputnik, em 1957, e transformando Iúri Gagarin no primeiro homem a entrar em órbita, isto em 12 de abril de 1961. Os EUA só conseguiram equilibrar a disputa em 1969 com Armstrong pisando o solo lunar e retornando são e salvo.

### Projeto audacioso

O programa Apollo prosseguiu até 1972. Ao todo foram 12 pessoas a pisar o solo da Lua. Só a Apollo 11 custou 22 bilhões de dólares. O foguete que a colocou em órbita, o Saturno V, tinha 110 metros de altura. Mesmo com acidentes que ocasionaram a morte tanto de americanos quanto de soviéticos, a corrida espacial tem prosseguido. O projeto mais audacioso em execução é o das naves Voyager 1 e 2. Lançadas pelos EUA em 1977, visam percorrer todo o sistema solar e seguir viagem rumo a outros sistemas estelares. A Voyager 2 deve atingir em agosto deste ano o penúltimo planeta do sistema solar, Netuno. Atualmente está a 5 bilhões de quilômetros da Terra viajando com a velocidade de uma bala de revólver.

gamento do conhecimento científico básico. As telecomunicações, a ciência dos materiais e a computação sofreram o impacto direto da corrida do espaço.

### Guerra no espaço

Entretanto, com o passar do tempo, os aspectos militares e belicistas desta disputa revelaram-se como a principal consequência deste empreendimento. E a médio prazo a capacidade de destruição gerada em associação com a corrida espacial poderá simplesmente inviabilizar a existência da vida humana na face da Terra. O exemplo mais destacado deste belicismo é o projeto "Iniciativa de Defesa Estratégica", desenvolvido no governo Reagan e mais conhecido como "Guerra nas Estrelas".

Decorridos vinte anos do importante feito da viagem à Lua, a natureza belicista dos programas desenvolvidos sob a capa da corrida espacial deve ensejar uma reflexão sobre o papel da ciência e da responsabilidade social dos cientistas nos tempos atuais. O projeto "Guerra nas Estrelas", por exemplo, tem sido desenvolvido por um grupo de cientistas do Lawrence Livermore Laboratory, Califórnia, denominado "Grupo 0", pagos com polpudas bolsas da Fundação Hertz. Nada tão atual sobre esta questão quanto as palavras de Galileu, num monólogo clássico da literatura alemã escrito por Brecht em 1945, que denunciam o abuso da ciência e dos cientistas por parte do imperialismo para fins genocidas: "Os movimentos dos astros estão mais claros, mas permanecem inescrutáveis para os povos os movimentos de seus governantes. A luta pela mensurabilidade do céu tem sido ganha mediante a dúvida; mas pela fé a dona de casa romana deve continuar perdendo em sua luta pelo leite. A ciência, Sarti, tem a ver com as duas lutas... Quando os cientistas, atemorizados por déspotas ambiciosos, se contentam em amontoar conhecimento pelo conhecimento em si, pode-se converter a ciência em um farrapo, e vossas máquinas somente significarão novos tormentos. Com o tempo descobrirão tudo o que há para descobrir, e vosso progresso somente será um progresso apartado da humanidade. E então o abismo entre vós e ela pode chegar um dia a ser tão grande, que o vosso grito de júbilo por alguma nova conquista será respondido por um grito de terror universal".

Mas os frutos tecnológicos seguramente suplantam o alar-

\*Professor de Física da Unidade Federal da Bahia e pós-graduando da USP

## Deputada propõe programas regionais no rádio e TV

A deputada Lidice da Mata (PCdoB-BA) apresentou na Câmara Federal projeto regulamentando a regionalização da programação artística, cultural e jornalística das emissoras de rádio e TV. Pelo projeto, as emissoras "ficam obrigadas a exibir em sua programação diária um mínimo de 30% de programas culturais, artísticos e jornalísticos totalmente produzidos e emitidos no local de sua sede".

Na proposta da deputada comunista, 15% da programação local serão jornalísticos, e outros 15% destinados a programas culturais e artísticos (5% destinados à apresentação de tele-dramaturgia). Ela ainda propõe que seja obrigatória a exibição de um filme nacional por semana na TV.

Justificando seu projeto, Lidice afirma que a "Constituição Federal prevê a regionalização da programação artística, cultural e jornalística das emissoras de rádio e TV. No nosso entender, este projeto



Lidice: fortalecimento da cultura regional

atende ao dispositivo constitucional, fortalece a cultura regional e, ao lado disso, amplia o mercado de trabalho para os profissionais das áreas artísticas, culturais e jornalísticas nas diferentes regiões do país, representando uma sólida opção profissional para essas áreas e contemplando a diversidade cultural do nosso país".

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# Paris é uma festa

Se você não se alimentava bem em Paris, tinha sempre uma fome danada, pois todas as padarias exibiam coisas maravilhosas em suas vitrinas e muitas pessoas comiam ao ar livre, em mesas na calçada, de modo que por toda a parte via comida ou sentia o seu cheiro. Se você abandonou o jornalismo e ninguém nos Estados Unidos se interessa em publicar o que está escrevendo, se é obrigado a mentir em casa, explicando que já almoçara com alguém, o melhor que tem a fazer é passear nos jardins do Luxembourg, onde não via nem cheirava comida, desde a Place de l'Observatoire até a rue de Vaugirard. Poderá sempre entrar no Musée du Luxembourg, onde todos os quadros ficam mais vivos, mais claros e mais belos quando se está com a barriga vazia, roído de fome.

Aprendi a compreender Cézanne muito melhor, a entender realmente como é que pintava suas paisagens, quando estava faminto. Costumava perguntar a mim mesmo se ele também tinha passado fome quando pintava, mas imaginava que talvez apenas se tivesse esquecido de comer. Era um daqueles pensamentos doentios mas brilhantes que nos ocorrem quando estamos com falta de sono ou de comida. Mais tarde, bem mais tarde, concluí que Cézanne provavelmente passara fome, mas de maneira diferente.

Depois de ter saído do Luxembourg, você poderia andar pela estreita rue Férou até a Place St. Sulpice, sem ver restaurante algum, somente a praça silenciosa, com seus bancos e suas árvores. Havia uma fonte com leões, e pombos andavam nas calçadas ou pousavam nas estátuas dos bispos. No lado norte da praça ficavam a igreja e lojas que vendiam objetos religiosos e paramentos.

Para além da praça é que não podia prosseguir em direção ao rio sem passar por lojas que vendiam frutas, legumes, vinhos ou por padarias e pastelarias. Mas, escolhendo cuidadosamente o caminho, conseguiria avançar pela direita, ao redor da igreja de pedra, cinzenta e branca, chegar à rue de l'Odéon e virar de novo à direita em direção à livraria de Sylvia Beach, sem encontrar muitos lugares onde se vendessem coisas de comer. A rue de l'Odéon era desprovida de restaurante até chegar à praça, onde havia três.

Quando chegasse à rue de l'Odéon, nº 12, a fome estaria contida, mas, por outro lado, todos os seus sentidos estariam aguçados. As fotografias lhe pareceriam diferentes e descobriria livros que nunca tinha visto antes.

— Você está magro demais, Hemingway — diria Sylvia. — Você anda comendo o suficiente?

— Claro que sim!

— O que é que comeu no almoço?

Apesar das cólicas, eu diria: — Ainda não almocei. Agora é que estou indo para casa.

Às três da tarde?

— Não sabia que era tão tarde assim. (...)

— Chegou alguma carta para mim?

— Acho que não. Mas deixe-me ver.

Foi ver e encontrou um recado. Levantou os olhos, satisfeita, e depois abriu uma porta da sua escrivaninha, que estava fechada a chave.

— Isto chegou enquanto eu estava fora — disse ela.

Era uma carta e dava a impressão de conter dinheiro.

— Wedderkof — disse Sylvia.

— Deve vir do Der Querschnitt — disse eu. — Você esteve com Wedderkof?

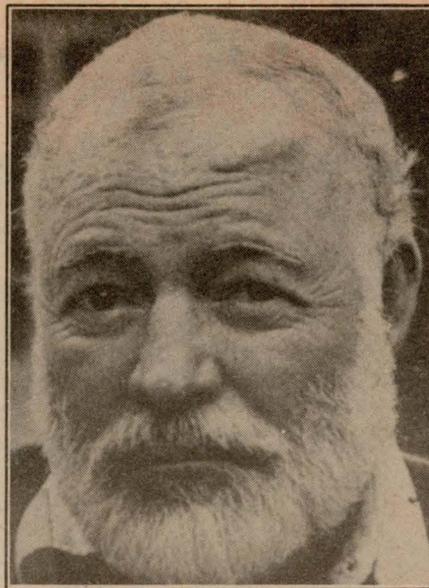
— Não. Mas ele passou por aqui, com o George. Ele falará com você, não se preocupe. Talvez quisesse primeiro pagar o que lhe deve.

— São estes seiscentos francos. E diz que receberei mais. (...)

— Então vá para casa agora e almoce.

Lá fora, na rue de l'Odéon, fiquei desgostoso comigo mesmo por ter-me queixado. Estava levando a vida que escolhera de minha livre vontade e acabara de proceder estupidamente. Deveria ter comprado e comido um bom pedaço de pão em vez de ter pulado uma refeição. Podia sentir na boca o gosto adorável da casca torrada. Mas fica-se com a garganta seca se não se tem alguma coisa para beber. "Seu poltrão de uma figa! Seu santarrão, seu falso mártir!" disse para mim mesmo. "Você abandonou o jornalismo por sua própria decisão. Você tem crédito e Sylvia lhe teria emprestado algum dinheiro. Ela já o fez tantas vezes!" Mas eu mesmo me respondia: "Não há dúvida, comece a fraquejar agora que num instante você se entrega por um nada qualquer. Ter fome é uma coisa sadia e os quadros até parecem melhores quando você está faminto. Por outro lado, comer é maravilhoso também, e você sabe onde é que vai comer agora mesmo? Pois é no Lipp's que você vai comer e beber também". (...)

Não, eu ainda não me havia preocupado seriamente, pensei. Sabia que meus contos eram bons e alguém os publicaria finalmente, nos Estados Unidos. Quando abandonei o trabalho jornalístico tinha certeza de que os contos seriam publicados. Mas todos que enviava eram devolvidos. O que me tornara tão confiante foi Edward O'Brien ter incluído o conto Meu Velho na antologia Os Melhores Contos e ter dedicado o volume daquele ano a mim. Ri-me disso e bebi mais cerveja. O conto não havia sido publicado em revista alguma e O'Brien romperia todas as normas incluindo-o no livro. Ri outra vez e o



## Hemingway

O dia 21 de julho registra o 90º aniversário de nascimento do escritor e jornalista norte-americano Ernest Miller Hemingway. Um dos escritores mais lidos e mais influentes da primeira metade do século, tendo vários de seus livros adaptados para o cinema ("Adeus às armas", "As neves do Kilimanjaro", "O velho e o mar"). O amargor pessimista de algumas de suas obras revelam seu desencanto com uma sociedade em crise, onde os valores humanos são sufocados. Publicamos trechos do texto "A fome como boa disciplina", extraído do livro "Paris é uma festa", que narra episódios de sua vida na França entre 1921 a 1926.

garçom olhou para mim. Tinha graça porque, além do mais, ele escrevera meu nome errado. Era um dos dois contos que me haviam sobrado na mala de Hadley, em plena Gare de Lyon, quando ela embarcava para Lausanne, levando como surpresa todos os meus manuscritos, a fim de que eu pudesse trabalhar neles em nossas férias nas montanhas. Hadley colocara na mala os originais, as cópias datilografadas e os carbonos, tudo em pastas de papel.

O único motivo de eu ainda ter esse conto em meu poder foi Lincoln Steffens tê-lo enviado a um editor, que o devolveu. Estava em trânsito quando tudo o mais foi roubado. O outro conto que me restava intitulava-se Lá em Michigan, escrito antes de Miss Stein ter vindo ao nosso apartamento. Nunca me dera ao trabalho de enviá-lo porque ela o considerara inacrobável. Tinha ficado esquecido numa gaveta qualquer. (...)

Sentado ali no Lipp's, comecei a pensar na primeira vez em que fui de novo capaz de escrever um conto, após ter perdido tudo. Foi em Cortina d'Ampezzo, quando voltei para junto de Hadley, depois de ter interrompido a esquagem de primavera para ir, por ordem do jornal, ao vale do Reno e ao Ruhr. Era um conto muito simples, intitulado Fora da Temporada, e eu omitira seu final lúgubre, que seria o suicídio do velho por enforcamento. Fizera isso com base na minha nova teoria de que sempre se pode omitir qualquer coisa de um conto, desde que se saiba por

que se omitiu e a parte omitida reforce a narrativa, fazendo com que os leitores sintam alguma coisa além daquilo que entenderam.

"Pois bem", pensei comigo, "agora eu os escrevo de tal maneira que os leitores já não os entendem. Não podia haver muita dúvida a esse respeito. Não admira, pois, que ninguém os queira comprar. Mas acabarão por entender, do mesmo modo como aceitam as novas escolas de pintura. É uma questão de tempo, e exige autoconfiança."

É preciso que uma pessoa se cuide melhor quando tem de cortar na comida, para que não fique pensando demasiado nisso. A fome é uma boa disciplina e você aprende com ela. E enquanto os outros não compreendem isso, você está na frente deles. "Não há dúvida", pensava eu, "estou adiante deles agora que nem me posso permitir comer regularmente. Mas até que não seria mau se me compreendessem um pouquinho."

Sabia que tinha de escrever um romance. Mas parecia-me uma tarefa impossível àquela altura, pois era com grande dificuldade que escrevia parágrafos que, no máximo, seria a essência daquilo que constitui um romance. Era necessário escrever contos mais longos agora, como treinamento para corridas de fundo. Na experiência inicial, uma novela que sumiu com a mala roubada na Gare de Lyon, eu ainda possuía a lírica facilidade de infância, que era tão precível e enganosa quanto a da mocidade. Estaria perdido se tivesse de escrevê-lo apenas para que pudéssemos comer regularmente. Quando chegasse o momento de escrevê-lo, seria então a única tarefa a executar e não haveria alternativa. Que a pressão fosse subindo. Enquanto isso, eu escreveria um conto longo sobre a coisa que conhecesse melhor. (...)

Qual o assunto que eu conhecia melhor, a cujo respeito já não tivesse escrito (e perdido) um conto? O que é que eu conhecia realmente e que mais me interessava? Não me ocorria qualquer escolha. Apenas a escolha das ruas que me levassem o mais rapidamente ao local onde trabalhava. Avancei pela Bonaparte até a Guynemer, entrei depois na rue d'Assas e segui pela rue Notre-Dame-des-Champs até chegar ao Closerie des Lilas.

Sentei-me a um canto, com a luz da tarde dando-me sobre o ombro e passei a escrever no caderno de notas. O garçom trouxe-me um café-crème, bebi metade dele quando escrevia. Quando parei de escrever, não quis afastar-me da lembrança do rio, onde podia ver trutas, no remanso das águas, cuja superfície intumescia contra a resistência dos pilares de madeira das pontes. O conto era a respeito do após-guerra, mas a guerra não entrava nele.

Mas, na manhã seguinte, o rio estaria lá à minha espera, assim como os campos e tudo o que iria acontecer. Tinha a vida pela frente, para ir fazendo isto cada dia. Nada mais me importava. Tinha no bolso o dinheiro vindo da Alemanha, de maneira que não havia problemas. Quando acabasse outro dinheiro viria. Tudo o que tinha de fazer, agora, era aguentar firme e estar bom da cabeça até a manhã, quando recomeçaria a trabalhar.

CDM  
Fundação de Documentação e Memória  
Maurício Grabois